

The background of the cover is an abstract watercolor wash in shades of pink, purple, red, and blue. At the top, there is a dark silhouette of a city skyline with several pointed towers and spires.

Juliana Marinho

CONE∞ÃO

A Chave do Verdadeiro Amor



CONEXÃO

A Chave do Verdadeiro Amor

CONEXÃO

A Chave do Verdadeiro Amor

JULIANA MARINHO

Copyright (C) 2019 by Juliana Marinho

Editoria, revisão e diagramação:
João Peçanha

Capa:
Isa Miranda

Catálogo na Publicação
Fabiano de Queiroz Jucá - CRB 9/1249

Marinho, Juliana de Oliveira
M338c Conexão: a chave do verdadeiro amor / Juliana de Oliveira Marinho.
São Paulo : [publicação do autor], 2019.
256 p. ; 14 x 21 cm
Prefácio: Débora Cristina Nascimento
ISBN 978-85-906439-1-3
1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. I. Título.

CDD 869.3
CDU 82-31 (81)

“A medida do amor é amar sem medida.”

– Santo Agostinho

“A suprema felicidade consiste em sermos amados por nós mesmos; melhor ainda, consiste em sermos amados, apesar de nós mesmos.”

– Victor Hugo

PREFÁCIO

Juliana Marinho escreve sobre suas paixões: viagens, sabores, livros e filmes românticos e História.

Após a Paris, de Quatro estações, e a Derbyshire, no interior da Inglaterra, de O Vestido de época, o novo romance da autora, Conexão, transporta o leitor a um passeio pelas ruas e monumentos de Istambul, onde a personagem Luisa Freire, historiadora de formação, resolveu viver durante seu mestrado.

Já no prólogo, Luisa traz ao leitor os indícios de um amor do passado, de quando tinha apenas 15 anos, e sua relação familiar conflituosa. Após dez anos, e agora em Istambul, Luisa vive um novo sentimento com Kadir, um amadurecimento pessoal e uma ascensão profissional. Porém, o passado não a abandona, continua lá a assombrando sem tréguas: “Ah, destino! Você está aqui para facilitar ou para dificultar a minha vida?”.

Em Istambul, Lisa, como era chamada pelos pais e amigos da escola, viverá também os dilemas de uma nova cultura, as relações com a família de Kadir e a possibilidade de acertar as arestas com o passado e com a família deixada no Brasil.

“Um grande túnel do tempo foi aberto ao olhar para ele, me jogando de cara nas feridas não curadas que ainda habitavam dentro de mim...”

O passado, o presente e o triângulo amoroso delineados por Juliana Marinho conduzirão o leitor ao arrebatamento de um primeiro amor e ao crescimento de uma mulher.

Débora Cristina Nascimento
Historiadora e mediadora de clube de leitura

PRÓLOGO

16 de Abril de 2018

Pela simples razão de que escrever clareia os meus pensamentos e torna-os ainda mais vívidos, meus dedos seguram firmes esta caneta e deslizam as palavras sutilmente pelas folhas brancas, que agora já não estão tão brancas, do meu velho caderno Moleskine. Tem dias em que a melancolia usa as suas garras para me arrastar junto dela, mas tento ser mais forte e desvio os meus pensamentos para dias alegres ou ao menos para instantes confortáveis da minha rotina.

Sem sombra de dúvida, hoje é um desses dias em que tive que lutar bravamente para não ser engolida pela tristeza implantada no meu coração. Se eu fosse uma guerreira em um período medieval usaria a minha pesada espada para me defender do inimigo em uma batalha sangrenta. O amor que sinto por ele é avassalador, toma conta de todo o meu ser sem controle algum, atravessando todas as moléculas do meu corpo.

Pergunto a mim mesma se outra menina descolada, diferente de mim, resistiria ao charme e à doçura de seu olhar maroto. Acho que nem mesmo foi intencional da parte dele me conquistar tão rápido. Posso culpar apenas o acaso, que simulou a coincidência de me fazer cruzar com o meu verdadeiro amor, minha alma gêmea, aos 15 anos, ainda na flor da idade. Isso fugiu totalmente do meu controle, e uma intromissão desse tamanho me perturba demais.

Ele estudava na mesma sala de aula que eu, e a sua beleza me provocava a manhã inteira, enquanto eu tentava focar a atenção nas matérias e transparecia ser uma menina normal. Exemplar eu sei que não era, ao menos aos olhos dos meus pais, que vez ou outra eram chamados à diretoria para discutirem a minha última peripécia na escola. Ora, eu não tinha culpa de querer ser aceita por todos, recebia uma miséria de atenção em casa e então passava boa parte do meu tempo dentro da escola. Às vezes optava por estar ao lado dos bagunceiros e aprontava junto com eles. Outras vezes eu também

me dava mal por defender os inocentes. O fato era que eu fazia um esforço descomunal para fingir que minha inteligência não era acima da média e reduzia o meu desempenho para não ser o destaque da turma. Inventava o desespero de desenvolver as sentenças matemáticas na lousa como a maioria narrava nos intervalos, após o professor chamar alguns alunos para executar esse papel. Ao menos nesse momento eu me sentia segura, talvez por saber que a maioria suava frio em suas cadeiras, segurando firme no assento para não ser o próximo convocado.

Eu puxava a corda para o lado que eu imaginava me favorecer, trabalhava na zona do conforto e tenho consciência que mais guerreei do que assisti às minhas vitórias.

Bem, tudo isso não importa agora porque nada ficou marcado em mim. Ao menos, eu supunha que não. Gostaria apenas de guardar boas lembranças escolares nesse caderno grosso e antigo. O que realmente assombra os meus pensamentos há dez anos e eu pouco relatei no papel é esse sentimento forte do meu primeiro amor. E ontem, especialmente ontem, eu estive cara a cara com ele. Ah, destino! Você está aqui para facilitar ou para dificultar a minha vida?

Eu não fui orientada pelos meus pais nem pelos meus professores preferidos a atrelar o meu crescimento profissional ao meu fortalecimento pessoal. Agora sofro impiedosamente com um passado amoroso que me assombra sem tréguas.

CAPÍTULO 1

A luz do sol matutino penetrava nas janelas do quarto pela pequena fresta das cortinas brancas afastadas. A temperatura externa estava amena, um pouco mais quente do que os termômetros de rua usualmente costumavam marcar na primavera. Ele é extremamente charmoso até quando acorda, com o farto cabelo castanho caindo sobre os olhos. Ah... Ela suspirou baixinho enquanto permanecia ligada a seus pensamentos. Adoro despertar antes dele para poder observá-lo sem nenhum pudor – devaneou Lisa com as lembranças da noite anterior.

Quando Kadir abriu verdadeiramente seus olhos amendoados, ela notou o brilho profundo deles em sua direção – provocava um ar de felino –, Luisa simulou um sorriso preguiçoso e disfarçou, esticando bem os braços para o alto como se estivesse acordando no mesmo instante que o seu namorado. Sua intenção não era demonstrar que estava observando cada detalhe das feições dele, da sobancelha grossa e escura ao nariz afilado que gostava de percorrer com o dedo indicador, simulando um gesto delicado que o fazia fechar os olhos em relaxamento.

Luisa Freire nunca se sentiu tão protegida como naquele momento, saboreando aos poucos o seu novo amor turco. No entanto, não foi poupada de ser abraçada por uma tensão interna costumeira, ao decidir mudar a sua rotina e morar com o seu namorado. Foi enviada a Istambul por sua mãe, sem ter opção ou tempo de opinar em nenhum momento. Notando a indecisão da filha, sua mãe a inscreveu em uma bolsa de mestrado que incentivava os alunos estrangeiros a frequentar a Universidade de Istambul. A proposta oferecia ainda o direito de estagiar meio período em uma das áreas oferecidas pela universidade, além da oportunidade de ser efetivada após a defesa da tese. Luisa foi sorteada, o que a deixou imóvel aos acontecimentos planejados por sua mãe, que buscava a entrada de um pouco mais de dinheiro e oportunidades para a carreira da filha.

Lisa, como era chamada pelos pais e depois pelos amigos da escola, transbordava interesse pelos estudos profundos de civilizações e de tudo à sua

volta. O medo do desconhecido dominou-a logo no início, porém, especificamente naquela cidade, ela sentiu sua paixão por história aflorar com grande intensidade. Se antes, no Brasil, vivia uma vida instável e cercada de um falso conforto, agora, aos vinte e cinco anos, tinha a liberdade de experimentar pela primeira vez as diversas cores e sabores que a Turquia exibia sem vergonha alguma. Percorrer as inúmeras barracas de temperos e de chás ampliou sua sensibilidade olfativa de uma maneira tão natural como comer simit (argolas de pão turcas muito populares) no café da manhã naquele país onde estava há dois anos e que a havia recebido tão bem.

– Olá – sussurrou Kadir, beijando as têmporas de Luisa. – Tive um sonho excitante com você.

– Verdade? – gracejou ela.

Ele rompeu com o ato de espreguiçar de Luisa e a puxou para mais perto de si, deslocando os pensamentos dela exclusivamente para ele, para o cheiro do perfume dele, desfrutando mais uma vez do gosto do beijo recebido. Ela se conscientizou de que não teria escapatória, pois Kadir sabia perfeitamente seduzi-la, deslizando sua língua suavemente pelo lóbulo de sua orelha. Ela iria escutar a respiração ofegante dele, provaria o peso do corpo do seu namorado em cima do dela e em pouco tempo estariam alinhados. Ela sorriu ao constatar que estava certa: o corpo dele estava quente, mas ela não ligou de sentir um calor intenso tão cedo. Luisa não sabia ainda descrever o que sentia, mas talvez estivesse experimentando segundos de um bem-estar pouco costumeiro, sentindo que alguém cuidava dela.

Kadir Iskander, além de ser um homem bonito, era charmoso e alegre. Trabalhou no mercado financeiro por um tempo depois de ter se formado na faculdade, e a partir dessa experiência usou da habilidade com os números para abrir a sua própria empresa de turismo em Istambul. Tudo correu muito rápido, a partir de uma conversa informal no bar com um amigo da faculdade até a abertura da Unique, cuja frase – “amplie seus horizontes” – exemplificava ao cliente que aquela agência oferecia mais do que um receptivo ao turista que desembarcava desorientado na Turquia – ela o guiava para dentro das raízes e dos costumes daquele país rico em história e em grandes conquistas. Kadir não escondia de ninguém que era um defensor da

humanidade, um jovem que aspirava igualdade para todos.

O celular dele vibrou na cabeceira da cama. Ele olhou para Luisa e ela fez um gesto com a cabeça, incentivando-o a atender. Ele tateou o móvel em busca do aparelho, ligou a câmera e conseguiu responder ao chamado de seu irmão.

– Oi, brother. Tudo bem? Caiu hoje da cama? – questionou Kadir assim que viu a imagem de seu irmão mais novo.

– Antes fosse isso – murmurou Osman. – Fui acordado agora há pouco com o chamado da mamãe, ela está passando muito mal.

Kadir observou Luisa vestir sua camisa azul de trabalho de uma maneira despojada, fechando apenas o botão do meio. Os cabelos lisos cobriam seus seios. Ela saiu em direção ao banheiro, e ele ficou olhando o balanço da camisa naquele corpo esbelto, descendo pelas pernas longas e sensuais.

– O que foi dessa vez?

– Eu não sei direito, ela está reclamando de dores na barriga – a voz de Osman estava um pouco aflita. – Ainda não detectei outro sintoma, mas melhor levarmos ela logo até o hospital, não?

– Sim, com certeza. Onde a mamãe está agora? – questionou o irmão mais velho.

– Consegui guiá-la até o sofá da sala, ela teima que ficará melhor fora do quarto. – Ele tentou virar o celular em direção à mãe para que Kadir pudesse vê-la, mas não tinha certeza se acertara o ângulo, então retornou-o para o seu rosto. – Na minha opinião, seria arriscado se eu a levasse sozinho de táxi.

Osman esfregou os olhos com a ponta dos dedos, ele sabia que a sua visão não voltaria nunca mais. No entanto aquele gesto tornou-se apenas um hábito, como se pudesse empurrar com os dedos o que o impedia de enxergar. Como se friccionar os olhos e abri-los novamente pudesse ter outro resultado além dos vultos.

– Não se preocupe, eu passo aí em pouco tempo para ajudar. Um cliente do Brasil chegou ontem à noite e eu tinha me comprometido de buscá-lo no

hotel.

Luisa voltou para o quarto enquanto Kadir, com apenas uma mão, vestia a calça jeans escura, dando alguns saltos para ajustá-la em seu corpo.

– Eu não quero deixá-lo preocupado. Ela sempre faz um teatro, mas como saber se essa queixa é realmente verdadeira? – lamentou em desabafo. – Suponho que só o médico para avaliar.

– Tudo bem, Osman. Você tem mesmo que me ligar, esse foi o nosso acordo. Você é adulto e confio na sua habilidade, no entanto eu quero ajudar sempre. – Ele mudou o celular de posição, deixando-o em pé no travesseiro da cama e continuou a falar. – Eu tive uma ideia – anunciou. – Vou passar no hotel do cliente para dar as boas-vindas e depois a Luisa poderia recepcioná-lo. – Kadir piscou para a namorada, e ela fispou a conversa no mesmo instante, balançando afirmativamente a cabeça em sinal de compreensão.

Logo na sequência ele desligou o telefone, despedindo-se do irmão, e vestiu uma das camisas brancas do seu armário, para alinhar o visual jovem e parecer mais formal.

– Antes de você chegar, Osman disse que a minha mãe não está se sentindo muito bem hoje. Vamos tentar marcar uma consulta com o médico dela ou a levaremos ao hospital – pronunciou em resumo, expressando uma linha de preocupação em seu rosto. – Você poderia atender esse cliente de hoje para mim, querida? Ninguém mais na agência fala português e os seus conhecimentos de História resolveriam a visita.

– Claro, será um prazer. Eu não tinha nada urgente na agenda mesmo. – Tentou buscar na memória se tinha alguma reunião, mas realmente estava livre. – Quantas pessoas?

– Somente uma – frisou, na tentativa de não se sentir culpado em jogar a responsabilidade para outra pessoa. – O Sr. Mendes foi muito atencioso ao telefone.

Luisa abriu bem os olhos no espelho do quarto e passou a máscara preta nos seus cílios claros, destacando o verde intenso do seu olhar. Ela gostava muito de se maquiar, sentia-se mais feminina e bonita ao esconder as

pequenas sardas que salpicavam em seu rosto delicado. Não acreditava nem um pouco no namorado quando ele dizia amar imensamente aquele charme único que combinava perfeitamente com os seus longos cabelos ruivos.

– Pronta? – perguntou Kadir com a chave do carro em sua mão. – Quer que eu passe um café para você antes de sairmos?

– Não, não. Estou sem fome alguma. Pode deixar que eu como algo no caminho entre um momento da visita e outro.

– Certo. Então vamos. – Kadir enroscou o seu rosto entre o pescoço dela para beijá-la mais uma vez. – Adorei acordar com você, hoje oficialmente, morando aqui comigo.

– Eu também – confessou Luisa, surpreendendo-se porque acabara de dizer a mais pura verdade. A sensação daquela novidade já não produzia mais tanto medo nela quanto no período da tomada da decisão. Sair da zona do conforto sempre fora um tanto desafiador, contudo pensar em tê-lo ao seu lado todos os dias produziu um aconchego reconfortante que seus músculos do corpo encontravam-se num visível estado de relaxamento.

Durante o trajeto de carro, os dois foram alinhando o roteiro que seria oferecido ao cliente do dia. Graças ao trânsito pesado, puderam conversar em detalhes até chegarem em frente de um dos famosos hotéis de rede da cidade. A fachada do prédio era estonteante. O edifício estava localizado muito próximo à praça Taksim, onde havia outros hotéis glamourosos.

– Kadir – ela o chamou, assim que ele estacionou o veículo. – Olívia me ligou ontem e combinamos de jantar juntas hoje. Embora eu já esteja cansada no início da semana, não vejo como dizer não a ela. Olívia terminou com o namorado e está totalmente arrasada. Terei que emprestar o meu ombro amigo a ela.

– Tudo bem, Lisa. Eu também não sei como o meu dia terminará – lamuriou-se. – Se tomando um chá em família ou dentro de um hospital.

– Força – expressou-se com veemência, querendo animá-lo um pouco. – Não será nada, você mesmo disse que ela costuma mesmo reclamar como hábito.

– É verdade.

Os dois saíram do carro e passaram pela porta giratória que levava ao hall do hotel. Kadir chegou bem perto do balcão e se identificou, pedindo para que a mulher da recepção se comunicasse com o quarto do hóspede. Enquanto ele aguardava, Luisa ameaçou sentar-se na confortável poltrona do lounge, porém seu olhar foi desviado para uma magnífica pintura rupestre. Ela sempre gostou de estudar as antigas civilizações; costumes passados por gerações prendiam a sua atenção. Olhar para aquele quadro e analisar os traços borrados era como voltar ao passado de uma civilização ancestral envolvida em sentimentos e dores. Sua mãe até tentara aproveitar essa inclinação às artes e colocou-a em um curso de modelagem de cerâmica, o que de fato agradou a menina na época. Ao sujar as mãos, expunha os seus desejos inconscientes com movimentos contínuos que davam forma as ideias implantadas em sua cabeça. Se por um lado Luisa sorria quando trabalhava com o seu imaginário, mostrando a existência da sua sensibilidade, por outro ela era uma pessoa que sofria com a diversidade das emoções, ao ser crítica consigo mesma diante dos resultados das obras.

Kadir parou ao lado dela, como se tentasse ouvir as palavras soltas pronunciadas por Luisa quando apreciava a pintura. Quando voltou sua atenção ao presente, ela se assustou por ele ter saído do balcão tão depressa e estar próximo, sem que ela pudesse tomar consciência do movimento dele.

– Ai que susto, Kadir! Parece um fantasma a tiracolo – ela suspirou e balançou os braços para conter o arrepio que sentia.

– Desculpa, você se distraiu muito rápido – respondeu em defesa. – Acabei de falar com o Sr. Mendes ao telefone. Ele está um pouco atrasado, mas já está descendo. Justifiquei que você trabalha comigo e fará o receptivo, e ele agradeceu.

– Sim – murmurou Luisa em compreensão. – Acho melhor então você ir socorrer a sua mãe ou ao menos o seu irmão. Vá tranquilo, que o cliente será bem atendido – disse ela com um sorriso, o seu mais sincero.

– Obrigado por sua ajuda, meu precioso trevo de quatro folhas! Tirei a sorte grande quando te conheci no metrô. – Ele beijou carinhosamente os

lábios de sua namorada como demonstração do seu apreço por ela e, sem muitas delongas, saiu em direção ao carro.

A maneira como conheceu Kadir foi um pouco peculiar, a partir da percepção de uma estrangeira que morava fora. Luisa tinha o hábito de sair de casa e ir direto para a Universidade onde trabalhava, sem muita dispersão. Após o final do expediente é que ela se permitia perambular pelas ruas da região para se distrair um pouco e arejar a mente antes de voltar ao seu loft alugado: um espaço pequeno, mas completamente reformado e moderno, de fácil adaptação. No início, foi desafiador para Luisa executar as tarefas domésticas sozinha, arrumar a sala, molhar as poucas flores da sacada, trocar a roupa de cama e cozinhar para apenas uma pessoa. Depois de dois meses, atingiu um ritmo tranquilo, e sobrava algum tempo para si. Naquele dia em especial ela precisava buscar alguns documentos específicos para a complementação da pesquisa do seu estudo. Como a distância da Universidade até a biblioteca era grande, usou o metrô para se locomover. Foi nessa ocasião que Kadir entrou em sua vida. O metrô apresentou problemas técnicos assim que ela entrou, e uma voz no alto-falante deixava bem claro que não tinham previsão de retorno dos serviços para aquela linha. Os passageiros poderiam trocar o ticket já pago por um de ônibus ou outra linha. Essa foi a chance que Kadir esperava para puxar assunto com a menina que ofuscara a sua visão num dia frio de outono. Sua conversa envolvente e seus gestos cordiais para ajudá-la a trocar o bilhete de transporte conquistaram a confiança de Luisa, que aceitou um convite para saírem juntos. Algo inédito aconteceu naquele primeiro encontro, pois ela tinha dificuldade para confiar nos outros de imediato, mas talvez ele tivesse demonstrado uma forte estrutura psicológica ou um grau elevado de persuasão. O fato era que há muito tempo Luisa não saía com ninguém. Nem havia namorado nos últimos dez anos. Pensava o tempo todo: não estou pronta ainda para um relacionamento, acabei de chegar a Istambul. Agora não, mas quem sabe mais para frente, ele é lindo... No entanto, Kadir avançou e convidou-a para sair, o que fez com que ela se visse balançando a cabeça com um sim nos lábios. Ele aos poucos conseguiu derrubar o muro de concreto que Luisa, inconscientemente, havia imposto a si mesma.

A sala de espera da recepção do hotel estava quase deserta. Três pessoas

com perfis executivos faziam o check-in, preenchendo formulários de dados pessoais. Outras se deslocavam no movimento passageiro de entrada e saída do hotel. Luisa começou a checar os seus e-mails ainda de pé, próxima ao quadro que observara antes, quando notou a presença de alguém vindo em sua direção. O homem tinha passado rapidamente pelo balcão, e ela pode perceber que a recepcionista apontou o dedo em direção a ela. Com certeza era a pessoa que estava aguardando, que antes seria o cliente de Kadir e agora percorreria com ela alguns pontos turísticos da cidade. Quando ele se aproximou, Luisa notou que conhecia aquele olhar, que reconheceria aqueles olhos em qualquer parte do mundo, em qualquer circunstância de sua vida. De uma forma estranha, ela pareceu entender melhor as pinceladas do quadro assim que viu o homem parado à sua frente. Ele era o seu passado, que tinha traços borrados de sofrimentos confusos e incertos. Eu nunca pintei qualquer esboço na vida, mas a porta de conexão foi aberta entre o quadro e nós – refletiu Luisa.

O par de olhos claros a encarava com um largo sorriso formando uma visão de perfeita beleza. Ela sentiu o chão oscilar sob seus pés, e as batidas do coração aceleraram no mesmo instante, bombeando o sangue rapidamente pelo seu corpo todo. Mas ela conseguiu, meio no nervosismo, oferecer um sorriso em resposta.

– Eu estou enganado ou é você quem vai me guiar pelos monumentos de Istambul?

– Tudo está indicando que sim, você é o cliente da Unique, não é mesmo? Sr. Mendes?

– Interessante o destino! – observou ele, casualmente. – Já haviam me falado que a cidade era mágica e agora eu posso apostar uma grana preta que sim. Tudo bem, Lisa? – Agora tinha sido mais direto após fingir que não a conhecia.

Luisa instintivamente baixou os olhos em direção à ponta de seus sapatos pretos e com algum esforço conseguiu sustentar o olhar para cima novamente. Ele era mais alto do que ela. A última vez que o encontrara, a situação era bem tensa. Tentou não se prender aos detalhes, tinha prometido a Kadir que tudo ficaria sob controle e esforçou-se para estar dentro da

normalidade.

– Comigo tudo ótimo. E com você, Théo? – Ele deu dois beijos no rosto dela para cumprimentá-la, afinal não era o caso de parecer-lhe distante e estender a mão formalmente. – Já estive aqui antes ou é sua primeira visita à Turquia? – soltou a primeira pergunta que lhe veio à cabeça, gaguejando um pouco.

– Primeira vez – destacou animado. – Dentro do avião pude ler um pouco do meu guia.

– Ótimo. Acho que você vai gostar bastante. – Luisa ficou pensando como não havia prestado atenção em nenhum momento no sobrenome do cliente que Kadir anunciara. – Sugiro começarmos pela Praça do Hipódromo. Você prefere pegar um táxi aqui na porta ou podemos ir de metrô?

– Tem estação aqui perto, não tem? – ele questionou em dúvida, lembrando-se de ter visto algo parecido com uma estação quando chegou ao hotel.

Ela assentiu:

– Desceremos a rua e pegaremos o metrô de superfície. É bem prático, eu garanto.

Théo sorriu e parecia muito descontraído. Luisa não sabia o motivo, mas o fato de ele ser tão atencioso a estava incomodando muito mais do que gostaria. Um sentimento louco de felicidade e de raiva misturava-se dentro dela com grande intensidade. Raiva dele?, ela se questionou levemente com seus botões. Tudo tenderia para que ele agisse rudemente depois do que ela lhe fizera no passado. Luisa foi levada pela circunstância conturbada, e o nervosismo a cegara completamente. Chegou a considerar que a opinião alheia tivesse favorecido sua decisão, no entanto ela tinha consciência de que nada justificaria a atitude de tamanha traição da parte dela.

CAPÍTULO 2

Quando os meus olhos cruzaram com os dele, foi como num anúncio da chegada de um tornado, quando uma massa de ar quente forma um redemoinho e várias nuvens de chuva carregadas transformam sua energia em água e dominam imediatamente a paisagem do local.

Não sei explicar como permaneci com as pernas firmes e consegui abrir um sorriso em resposta aos olhos cintilantes dele, quando notou a coincidência batendo à porta. Tive plena consciência de que a minha respiração se alterou naquele momento, o ar não entrava, ao contrário do que eu havia praticado tantas vezes nos exercícios de pranayama nas aulas de yoga, na esperança de atingir o equilíbrio e a serenidade. Eu fiquei fora de mim um tempo, perdi a noção do que girava em nossa volta por alguns segundos. Um grande túnel do tempo foi aberto ao olhar para ele, me jogando de cara nas feridas não curadas que ainda habitavam dentro de mim e que eu, negligentemente, insisti em deixá-las no canto, junto ao resto de poeira miúda arrastada para debaixo de um tapete. Como se ninguém fosse ver, como se não tivesse nenhuma importância.

A culpa que vivera comigo há dez anos agora ardia, me corroía por dentro muito mais forte após vê-lo feliz, após relembrar o seu sorriso sincero e comprovar que ele continuava sendo do bem. E que nunca mereceu a apunhalada que eu lhe dei pelas costas, como se estivesse usando uma adaga afiada rasgando e dilacerando as camadas de sua pele. Fui fraca e imatura, me senti um lixo logo depois da minha decisão. No entanto, eu já tinha tomado o rumo errado, o caminho da minha destruição.

O remorso pesa e gera amargura dentro do coração, e isso muitas vezes é pior do que a adaga afiada, pois mata aos poucos – bem aos poucos.

Luisa deu a direção para que eles descessem a rua do hotel por alguns metros. Na sequência, chegaram à plataforma e pegaram o metrô de superfície. As portas se fecharam, mas o metrô permaneceu parado alguns segundos, um tempo suficiente para que eles se acomodassem nos primeiros bancos vazios. Théo sentou-se de frente a ela, os dois privilegiados pela vista.

Istambul é uma cidade bem moderna, que oscila entre o mundo europeu, uma nação islâmica progressista habitada por 13 milhões de pessoas, e o Oriente, composto por mulheres cobertas por véus e o chamado às orações emanado das mesquitas. Ocupa ambas as margens do estreito do Bósforo e do norte do Mar de Mármara. É a única cidade que ocupa dois continentes. O exotismo de toda essa junção atrai os turistas, e era exatamente isso que Théo veio buscar quando planejou uma curta viagem de férias. Sabia que sua agenda profissional não o liberaria para uma folga maior, então se contentou com os seis dias de férias. Era isso ou nada, e ele estava completamente animado por não ter optado pelo nada.

Os dois sacolejaram no metrô, e esse simples movimento gerou um alívio significativo para Luisa, como se pudesse fechar a boca por um breve instante para que conseguisse se recompor da surpresa. Ela observou que Théo curti aquele silêncio também, que a atmosfera dentro do transporte estava calma, os olhos dele estavam fascinados pela linda paisagem que corria pela janela. Ela até conseguiu inspirar profundamente por duas vezes, mas logo que preencheu os pulmões de ar, disposta a segurar por mais um tempo e completar o ciclo de três, percebeu que ele notara o exercício de relaxamento a que ela se propusera e engasgou na saída do ar, tossindo algumas vezes em disfarce.

– A vida aqui em Istambul deve ser no mínimo mais intrigante do que em São Paulo, não é? – indagou ele.

Era visível que Théo estava totalmente à vontade na situação em que estavam, e que Luisa, em contrapartida, penava para não transparecer o seu desconforto. O pior era que ela tinha consciência de que ele possuía o poder de ler os pensamentos dela, como sempre tivera, e então resolveu falar para bloquear seus devaneios.

– Já me acostumei com as diferenças – soltou uma resposta curta, enquanto olhava de soslaio uma mulher de burca ajeitando o filho pequeno no colo. O fato da pergunta ter sido pessoal deixara-a mais incomodada do que gostaria.

– Você veio para cá logo depois da faculdade?

Luisa franziu as sobrancelhas imperceptivelmente.

– Um pouco depois de terminar meu curso em História, tanto que estou aqui há dois anos. Você logo saberá o motivo que me fisgou, assim que começarmos a percorrer os encantamentos de Istambul – ela preferiu simular um leve sorriso. Talvez, se mostrasse estar mais descontraída, Théo parasse de dificultar a vida dela, pensou. Não queria dizer o quão difícil havia sido ser empurrada por sua mãe ao desconhecido.

Ela se deu conta de que saltariam na próxima estação, quase perdeu a saída certa, mas fez sinal para Théo e os dois foram ligeiros em se posicionar em pé próximos à porta. Quando o metrô parou na estação planejada pela guia, eles saíram em direção ao primeiro ponto turístico do roteiro: o Hipódromo.

Antigamente aconteciam corridas de bigas e de quadrigas, mas hoje o antigo hipódromo é um parque municipal ajardinado onde se pode ter um vislumbre do que foi Constantinopla. Os dois começaram a caminhar por lá.

– Posso imaginar por que escolheu se formar como historiadora.

– Ah, pode? E por que escolhi? – Luisa encara-o pela primeira vez desde que se encontraram na recepção do hotel, afrouxando um pouco o lenço estampado que usava no pescoço. Ela estava vestida com uma calça jeans justa no corpo, uma camiseta clara de manga longa que havia adquirido na tarde anterior. O acessório era o que tinha de mais colorido no corpo.

– Porque sempre foi muito boa nessa matéria. – Ele sorriu para ela, zombando da brincadeira. – Você era vidrada em história das civilizações.

– Era? – ela ficou intrigada com a observação dele. Embora estudassem na mesma sala por anos, não se recordava de ter se manifestado com ao menos uma pergunta ao professor.

– Você permanecia calada em todas as aulas e escolhia acomodar-se no centro da sala parecendo não se ajustar nem no grupo das CDFs, nem no grupo do fundão – ponderou Théo. – Mas no início das aulas de história os seus olhos brilhavam intensamente, como se toda aquela infinita besteira do passado dos povos pudesse lhe fornecer alguma esperança ou energia para

aguentar o tédio do resto do dia.

Ela se afastou um pouco dele, com os olhos arregalados e mortificados. Além de ler seus pensamentos ele agora conseguia captar os desejos profundos de sua alma. Será que ele tinha feito um curso de estudos paranormais?, supôs com apreensão por alguns segundos.

Luisa decidiu mudar totalmente o rumo da conversa, assim que eles pararam em frente ao Obelisco de Teodósio:

– Essa época é a melhor estação do ano para mim. A primavera costuma ter um clima ameno na maioria dos países e deixa tudo muito colorido.

– Concordo. Mas eu não tenho uma preferência certa. Curto o verão, gosto de esquiar no inverno. Na verdade, como tenho ficado muito em alto mar em temporadas de climas mais quentes, quando posso, escolho me refugiar na neve para ter o balanço. Viajar para Istambul foi uma exceção.

Eles voltaram a caminhar. Théo bateu o olho rápido no monumento sem qualquer pergunta e apenas observou que o obelisco era talhado em granito rosa.

– Você continua velejando?

A fisionomia do rosto dele era de pura felicidade. Ela acabara de tocar na paixão da vida dele.

– Ah, sim. Velejar me acalma, mantém a minha mente sã. Você deveria tentar.

– Eu? – ela reagiu, incrédula. – Não sou fã de água salgada, muito menos fria. Sem contar que passo muito mal do estômago.

– É questão de costume.

– Eu acho que não. Passo mal de andar de barco desde pequena – fez uma careta indecisa. – Se é para me acalmar, eu vou para aula de yoga.

– Bem, cada um segue a sua linha, no entanto eu insisto que você iria gostar se realmente tentasse deixar o vento bater em seu rosto e vislumbresse a beleza das paisagens que fazem parte do passeio.

A alegria dele era contagiante, e o coração de Luisa começou a se acostumar com a presença de Théo. Ela observou que tinha parado de tensionar os músculos do maxilar:

– Definitivamente não vou lhe convencer de que não gosto, não é mesmo?

– Não – ele deu uma piscada para Luisa e eles pararam em frente à coluna Serpentina do Templo de Apolo, vinda da Grécia.

– Essa coluna foi construída para celebrar a vitória dos gregos sobre os persas, durante as Guerras Médicas. Interessante, não?

– Beeem interessante – Théo respondeu em tom gozador, e os dois riram na mesma hora.

– Ok, entendi o recado. Uma passadinha na Fonte Alemã e vamos para outro ponto turístico que você vai gostar mais.

Assim como todos os outros visitantes, os dois tiraram os sapatos para entrar no monumento. Ela pegou o seu lenço de dentro da bolsa e cobriu devidamente os cabelos em respeito às normas exigidas. Théo dessa vez reagiu diferente e ficou maravilhado com o imponente edifício construído pelo Império Bizantino para ser a catedral de Constantinopla, a Basílica de Santa Sofia. Luisa lhe relatou, logo na chegada, que Sophia é a transliteração fonética em latim da palavra grega para sabedoria, embora ela seja chamada de Santa Sofia como se tivesse sido dedicada e homenageasse a santa.

Eles percorreram a Basílica sem pressa, com o olhar de turistas, atentos às novidades e aos detalhes. Ela se pegou observando-o de longe, admirando o porte alto de Théo, imaginando os braços fortes dele sendo usado agilmente para dar rumo à navegação do veleiro.

Ele tirou o celular do bolso no intuito de ter uma foto do interior da Basílica e, logo depois de enquadrar os famosos mosaicos, mirou a tela do aparelho para ela, deixando-a desconcertada.

– Não, Théo – escondeu o rosto com as duas mãos. – Com tanta coisa bonita para fotografar aqui dentro...

A atitude imprevista dele lhe embaraçou. Luisa sempre ficava aflita

quando achavam-na interessante. Um ato estranho de defesa. Ao mesmo tempo, odiava ser ignorada pelos amigos. Equilibrava-se na corda bamba dos sentimentos.

– Você continua linda, Lisa, e quanto a todo o resto... é bonito mesmo.

Gosto como ele diz Lisa, como se fosse bem diferente do enfoque que os outros colocam ao pronunciar o meu apelido – observou Luisa para si mesma. Os olhos dele ficaram fixos nos dela, e ela começou novamente a sentir o poder que eles tinham. Ela entrou num estágio de constrangimento, as maçãs do rosto estavam coradas.

Começou a caminhar lentamente para disfarçar, e ele deu um tempo para ela se recompor. Afastou-se um pouco e simulou estar atento aos ornamentos do local, enquanto sua ex-namorada tinha lampejos do passado.

Como eu poderia esquecer aquele olhar inocente que me fez derreter de amor logo no primeiro momento em que notei a sua presença na escola? O pátio do colégio estava lotado de garotos correndo atrás da bola no campinho improvisado. Justamente por ser improvisado é que eu não me assustei quando um objeto redondo quicou na minha frente, passando de raspão no meu rosto. Consegui parar no momento certo e passei as mãos sobre a minha testa quase como um reflexo da bolada que não levei na cara, mas senti o vento provocado por ela, que passara muito perto de mim.

Eu poderia ter classificado aquele dia como meu dia de sorte por não ter rachado a cabeça, caindo de cara no asfalto, e ter sido o motivo da piada do ano. No entanto, o meu dia de sorte foi tomado por algo mais profundo a respeito do qual eu só havia lido em um livro meloso de romance que uma prima insistiu para que eu lesse – para não desagradá-la, eu li. Eu, que até então odiava literatura, transitava pela praticidade das fórmulas de Física ou viajava nas evoluções das civilizações. Nenhum professor havia sequer mencionado que o coração deveria ser estudado à parte, que ele poderia bater muito mais forte do que quando eu corria no parque e ao mesmo tempo poderia parecer parar por completo com um simples gesto de um garoto que me tocasse sutilmente com os dedos.

O rosto de Théo mostrou-se preocupado quando notou que a bola viera em

minha direção, e seu sorriso ficou largo assim que eu garanti que estava bem – muito bem, por sinal. Ele deslizou o dedo no meu rosto e disse que eu era linda, antes de retornar correndo ao campinho para continuar o jogo.

Eu estava sem um mísero arranhão no corpo, já meu coração acabara de sofrer o maior impacto de toda a vida. A flechada do primeiro amor que a gente nunca esquece.

CAPÍTULO 3

Após esses pensamentos fragmentados, Luisa olhou para ele e o consultou:

– Você está com fome, Théo? Conheço um restaurante aqui perto que é menos turístico, mas é bem gostoso.

– Vamos nessa, estou morrendo de fome – respondeu ele bem-disposto, esfregando uma mão na outra. – Confio plenamente no seu bom gosto.

Ela revirou os olhos. O clima já tinha voltado ao normal entre eles.

– Confia mesmo? Acho que não deveria confiar tanto assim – sibilou ela baixinho.

– O que disse?

– Nada. Qualquer coisa sem importância. – Ela tentou fugir de um assunto profundo e começou a falar para distraí-lo. – A Unique promove experiências únicas para os seus clientes, esse é o slogan da empresa. Eu proponho irmos em busca dessa experiência.

– Você trabalha há muito tempo na Unique?

Luisa não conseguiu esconder seu segredo e soltou uma risada descontraída, disposta a conspirar naquele momento com Théo. Os dois começaram a caminhar na rua em direção ao restaurante.

– Eu farei uma confissão se você souber guardar um segredo.

– Sou bom em guardar segredos. Nunca entreguei em casa que era a minha irmã que comia todos os doces da compra do mês.

– Comia todos os doces, como assim?

– Minha mãe nunca deixou que comêssemos muito doce durante a semana por causa do excesso de açúcar em nossa saúde – justificou. – Nós nos acabávamos quando ela servia chocolates para as visitas ou na ocasião em

que, nos finais de semana, abria os doces refinados que trazia de suas viagens. Mas eles logo acabavam e ela não entendia. Eu descobri que a minha irmãzinha era astuta e fazia um grande estoque de guloseimas na gaveta de maquiagem do seu armário.

– Você sabia da mina do tesouro e não abriu a boca? Interessante – ponderou. – Acho que posso confiar em você porque eu mesma não guardaria esse segredo.

Ele riu:

– E então?

A buzina do táxi que passou por eles ecoou forte, o trânsito estava parado e Luisa sentiu-se aliviada pelo restaurante ser perto e por estarem a pé.

– Eu não trabalho na Unique.

A expressão no rosto dele se alterou, e seus olhos se estreitaram.

– Eu trabalho dentro da Universidade de Istambul. Sou assistente de um projeto ligado ao estudo das religiões, mas namoro o dono da Unique e ele teve que resolver um problema particular de saúde. Estou aqui para ajudá-lo, ele não queria te deixar na mão.

– Generoso ele enviar a namorada para recepcionar o cliente – ponderou Théo, em um tom sarcástico.

– Não fala assim, Théo. Ele realmente preza o bem-estar dos clientes que fecham com a empresa dele – ela partiu em defesa de Kadir. A última coisa que queria era que o namorado passasse por incompetente ou algo do tipo. – Ninguém mais fala português na agência além do dono, e eu tenho experiência para assumir o cargo de hoje. Já fiz isso outras vezes. Não duvide.

– Eu não duvido não. – Ele ergueu as mãos em defesa e sorriu para ela, seus olhos claros brilharam mais ainda.

O restaurante era pequeno e bem simples, como Luisa havia mencionado. O cheiro delicioso da comida invadia o interior do recinto, abrindo o apetite até mesmo dos menos esfomeados. Em um primeiro momento, os dois

chamaram a atenção, ao entrarem falando uma língua estrangeira, mas logo foram esquecidos pelos clientes nativos.

Depois de instalados, ela lhe explicou resumidamente o cardápio, e ele pediu para que ela sugerisse algo. O garçom anotou as solicitações e saiu apressado para atender a mesa ao lado, que estava totalmente completa com uma família composta de avós, pais e filhos.

– Bem, está cheio aqui. Espero que não se perturbe com isso – disse apreensiva. – O barulho de talheres nos pratos era bem perceptível.

– Claro que não – tranquilizou-a. – Eu gosto de restaurantes animados. Quando velejo, minha comida é super-restrita e balanceada, mas hoje estou de férias e planejo mesmo algo fora do comum.

Ela estava com o guardanapo branco em seu colo, deslizando sutilmente os dedos em zigue-zague no tecido.

– Ainda veleja no litoral paulista como costumava ir?

– Sim, mas agora não será somente lazer com a família. Estou querendo fazer desse hobby a minha profissão. Tenho participado das regatas brasileiras e focarei em breve nas mundiais.

– Nossa, que legal! – exclamou Luisa, ao perceber que ele realizaria um desejo que vinha da adolescência. – Você não se sente sozinho quando está competindo? Não sente falta da sua família? Quer dizer, sei que deve ter uma equipe, mas às vezes são alguns dias no mar.

– Sim. Quando estou velejando eu fico atento às estratégias para a competição, entro no meu casulo, como dizem meus amigos.

– E você tem namorada ou esposa, alguém que te espera em terra firme? – ela percebeu que tinha sido muito direta, não estava conseguindo conter a sua curiosidade.

– Terminei um namoro recentemente. Não é uma vida fácil para relacionamentos, ou eu ando sem sorte mesmo. – Théo deu de ombros. A maneira como pronunciou aquela frase deixou o seu olhar mais vago, perdido em algum ponto do restaurante que Luisa não ousou descobrir.

Ele se deteve em dúvida, mas depois soltou:

– E você, está feliz com o seu namorado turco? Pelo sotaque do português dele ao telefone, eu presumo que ele nasceu aqui, certo?

Luisa se remexeu toda na cadeira tentando ganhar tempo. Ela sabia que chegaria a sua vez de responder, afinal ela mesma entrara naquele assunto de relacionamentos atuais.

– Kadir é de Istambul, embora tenha morado nos Estados Unidos por um tempo em sua infância. O irmão dele nasceu com uma deficiência visual, e os pais foram com a família consultar um grande cirurgião que amigos haviam indicado.

– Teve sucesso?

– Em parte. Ele chegou a fazer duas cirurgias ao longo da vida. Hoje, com vinte anos de idade, Osman enxerga um pouco em um dos olhos, mas com o outro ele vê mais vultos mesmo.

– Que pena, não deve ser fácil – disse Théo, solidário. – Ele tinha visto um documentário recentemente sobre a deficiência causada em alguns atletas e como eles superaram as dificuldades em se adaptarem ao esporte.

– É difícil mesmo.

A comida chegou à mesa bem quente e apetitosa, e Théo fez um gesto para que Luisa se servisse antes dele. Uma travessa com kafta estava diante deles, juntamente com arroz, pão sírio, pasta de grão de bico e salada de berinjela. Ela titubeou no início para colocar a comida no prato, pois o costume de Istambul era que o homem comesse primeiro. No entanto, os dois eram estrangeiros e não fazia sentido seguirem a tradição. Assim que ela terminou de se servir e deu a primeira garfada, ele voltou à conversa.

– Você fugiu da minha pergunta.

– Eu?

– Não se faça de desentendida, Lisa – ele fingiu estar bravo com ela. – Você está feliz com o seu namorado?

– Ah, essa pergunta. Sim, estou bem com o Kadir.

– Fico contente por você – disse Théo, deixando-a comovida com a preocupação dele por ela. Antes que ela pudesse formular qualquer observação, ele emendou uma nova questão na sequência, para aliviar a tensão criada por aquele assunto. Sabia que estava pisando num terreno perigoso. – O que iremos visitar após esse almoço magnífico?

– Imaginei irmos à Mesquita Azul e terminarmos o dia no Palácio Topkapi.

Ela esperou uma reação.

– Eu acho perfeito – respondeu sorrindo, com os olhos luminosos fixos nela.

– Você é sempre assim ou são as férias?

Ele franziu a testa.

– Assim, como?

– Tão animado. Lembro-me de você ser uma pessoa enérgica, mas vejo que também é muito bem-humorado.

– Ah, Lisa. Estou de férias e na melhor companhia. É minha obrigação escancarar um sorriso de ponta a ponta.

Nada veio à sua cabeça para respondê-lo, e eles se encararam por um tempo.

– Eu estou gostando da comida daqui. Nunca imaginei comer tão bem fora do Brasil.

– As especiarias do país deixam os pratos mais saborosos, com certeza. Uma amiga me perguntou esses dias se tenho saudade do feijão caseiro. Claro que tenho – emendou Luisa. – Porém já tenho as minhas preferências turcas também.

– Como o quê?

– A cozinha é rica em vegetais, massas e carnes. É bem eclética, mas eu

sou enlouquecida com o kebab, principalmente de carne de cordeiro.

– A dificuldade maior para qualquer mudança é o início, depois ajustamos o que for preciso para nos sentirmos em casa – opinou Théo.

– Sim, eu também acho isso. Os turcos são bem receptivos, e eu tive sorte em fazer amigos na Universidade.

– Você tem até companheiro por aqui. Já está em casa – ele disse sem rodeios.

Luisa lembrou-se do pânico que sentiu no desembarque. O aeroporto parecia um labirinto para uma pessoa que não costumava sair muito da cidade onde nascera. Conversaram por mais um tempo sobre comidas e tradições turcas, até que ela notou que ele finalizara a refeição cruzando os talheres no prato. Então disse:

– Vamos? – Luisa queria fugir daquele lugar fechado, a voz rouca dele começou a perturbá-la mais do que ela gostaria. – Você quer provar uma sobremesa ou uma xícara de café?

– Não faço questão, talvez mais tarde.

– E Raki?

– O que seria isso? – questionou-a com uma careta, achando o nome bem estranho.

– É um licor aromatizado com anis. Achei que você conhecesse, ao menos por fotos.

– Folhee o guia bem rápido no avião – ele desculpou-se com um sorriso.

Ela pediu a conta ao garçom depois de certificar-se de que ele estava satisfeito. Assim que a nota chegou, começou a discutir com Théo sobre o pagamento. Ele não aceitou dividi-la, o que causou um sentimento de desajuste da parte dela porque estava a trabalho. Não gostaria que ele confundisse aquilo com um encontro ou algo do tipo, mas também não quis brigar. Agradeceu, um pouco sem graça, antes de se levantarem da mesa e continuarem o passeio. Ele sempre era muito cortês quando eles namoravam, mas naquela época as dívidas giravam apenas em torno dos ingressos de

cinema, da pipoca e das bebidas.

Em frente à Basílica, os seis minaretes da Mesquita Azul triunfavam na paisagem de forma harmoniosa e elegante, um símbolo religioso para os muçulmanos que visitam a cidade. Théo fotografou a magnífica arquitetura em vários ângulos, girando o celular da horizontal à vertical, quase deixando Luisa tonta com o movimento frenético de caminhar e de fotografar ao mesmo tempo.

– Podemos entrar por uma meia hora, se você quiser. Provavelmente você vai gostar de tirar fotos do interior, a luz natural se propaga na mesquita. E o Palácio Topkapi fica bem perto de onde estamos, algo em torno de dez minutos de caminhada – explicou Luisa, oferecendo as opções como uma guia da Unique verdadeiramente ofereceria.

Théo olhou no relógio de pulso, analisando sua agenda e visualizando-a lotada de compromissos sem intervalos de descanso. Quando isso acontecia em sua rotina real, não era nada agradável, e isso às vezes desestabilizava o seu bom humor. O simples lampejo de um dia lotado fez Théo murmurar qualquer coisa que negasse a sugestão dela.

– Acho que não, Lisa. Depois do almoço prefiro visitarmos o próximo ponto com calma. – Ele foi bem direto, e ela o compreendia perfeitamente.

– Eu lhe envio as fotos internas da Mesquita hoje por e-mail – Luisa brincou.

– Boa. Deitado na cama do hotel, vou admirá-la bem mais. – Ele colocou os dois braços para cima atrás do pescoço simulando conforto total. – Eu não terei mesmo nada para fazer à noite.

– Só porque você quer, a cidade é super animada para sair. Tem um bairro parecido com os Jardins, de São Paulo. – Ela pensou em se oferecer para sair com ele, nunca antes eles haviam saído juntos como dois adultos independentes. Mas usaria a desculpa de fazer parte do seu trabalho de guia ou não? Sua ideia ficou apenas em pensamento.

Théo não deu uma pista do que se passava em sua cabeça, apenas

manifestou sua opinião alguns segundos depois do comentário dela, o que fez aquilo se parecer com uma conversa de loucos.

– Vamos ver.

Eles contornaram um quarteirão tomado pelo comércio, e a entrada do Palácio Topkapi surgiu à frente deles. Um grupo de jovens usando um boné amarelo de excursão transitou ali perto, parecendo transbordar de alegria por estarem longe de casa. Sem delongas, passaram pelo portão Bab-I Humayun, a Porta Imperial, com acesso ao primeiro jardim. As flores estavam abertas e exuberantes, e o local estava forrado de tulipas amarelas salpicadas do tom vermelho vivo. Eram as preferidas da mãe de Luisa, o que a fez se lembrar de casa por alguns segundos. Na sequência, foram para a Porta da Saudação. Como não estava muito tarde e ela tinha tomado a decisão de preencher a agenda com um passeio de um dia todo, fez questão de mostrar cada detalhe do lugar ao visitante. Entraram no Salão de Reuniões do Conselho, seguiram o caminho que dava para o estábulo dos sultões, onde antigamente havia cerca de 30 cavalos de corrida de alta qualidade, chegando ao terceiro Pátio através do Portão da Felicidade e do Portão dos Eunucos Brancos. Nesse pátio ficava o lugar onde os sultões viviam a sua vida de todos os dias, chamado Ederun.

Propositalmente, Luisa foi conduzindo-o por último até o Tesouro Imperial, sua seção favorita. Era extremamente curioso para ela que aquelas relíquias tivessem sido adquiridas como presentes, e apresentadas em recepções importantes, como casamento de sultões, nascimentos e a festividade da circuncisão dos príncipes. Sem piscar os olhos, Théo parou na vitrine onde descansava, em uma almofada de camurça vermelha, uma das relíquias do espaço – o punhal de esmeralda – e apreciou os detalhes das três esmeraldas colombianas alojadas em seu cabo. Enquanto isso, Luisa preferiu observar mais uma vez o brilho intenso que o Berço de Ouro, feito no século XVI, causava, além da elegância exuberante dos tronos utilizados pelos sultões em eventos oficiais. Eram feitos de ouro e cravejados com pedras preciosas que inteiramente ornamentavam o objeto, salpicando desenhos de flores e arabescos.

– Posso fazer uma pergunta? – Théo manifestou-se ao se aproximar dela.

Ela recuou o rosto só um pouco.

– Você veio morar tão longe por algum motivo específico? – Num primeiro momento, ela se surpreendeu por ele ter levantado a questão daquela maneira. Ela queria parecer muito feliz, como se a sua vida estivesse sob controle. Será que Théo não estava notando como tudo fluía bem?

– Não foi uma fuga, se é o que está pensando. Decidimos, minha mãe e eu, que faria bem para o meu amadurecimento. Virar-me sozinha, digo.

– Compreendo – ele notou que ela mudara o tom da voz, então recorreu ao passado de ambos na tentativa de ser reconfortante. – Lembra-se do Marcelo, namorado da Fabi?

– Claro que sim.

– Eu cruzei com ele esses dias na Avenida Paulista, ele me reconheceu na hora e fez uma festa. O cara mudou muito. Fiquei sem graça por não saber quem ele era. Ele percebeu o meu sorriso amarelo e passou a falar do tempo em que estudamos juntos no colégio.

– Odeio quando isso acontece comigo. Fico mais sem jeito do que a pessoa que se lembrou de mim.

– Na Paulista passa cada bicho doido, vai saber – ele observou, rolando a imagem da tela para outra foto postada dois minutos atrás.

– Você fica sempre assim on-line? – indagou Luisa, um pouco desconfortável de estar bisbilhotando a vida alheia.

Théo sentou-se no banco de madeira localizado no canto da sala e ela acomodou-se ao seu lado.

– Eu fico sim. Veja – modificou o ângulo do aparelho para que ambos pudessem ver. – Achei o Marcelo nas redes sociais depois do encontro. Você o reconheceria?

Ela espichou o olho para avaliar o antigo amigo e fez uma careta simulando um não com a cabeça. Os dois ficaram entretidos na tela do celular de Théo por um tempo considerável e somente desviaram da página do Facebook dele quando ouviram a sirene da sala começando a tocar. Um som

alto e estridente veio do fundo do recinto onde estavam, deixando-os completamente perdidos. Não havia nenhuma segurança à vista, nem dentro da sala das joias, muito menos no salão ao lado. O ambiente estava completamente vazio naquele momento, provocando um pouco de apreensão em Luisa.

– Vamos sair daqui, Théo. Algo estranho está acontecendo para tocar o alarme.

Ele foi até mais ligeiro do que ela. Guardou o celular no bolso e seguiu em direção à porta, mas Luisa demorou um pouco para tomar atitude.

Assim que Théo estava prestes a cruzar a saída mais próxima, três seguranças uniformizados passaram afoitos por ele. Um deles veio ao encontro de Luisa para abordá-la, impedindo seu deslocamento.

– Qual o seu nome, senhorita?

– Luisa.

– É visitante ou moradora? – indagou o chefe dos seguranças.

– Sou estudante e trabalho na Universidade de Istambul. Estou fazendo turismo hoje com um amigo.

No mesmo instante em que ela tentava ficar calma para responder em turco às perguntas, os outros dois seguranças percorriam cada milímetro da sala rastreando o problema.

– Sr. Behram, o problema vem da caixa de vidro do diamante Kasikçi – gritou o segurança, alertando o seu superior. Ele circundava a caixa várias vezes, mesmo depois de ter anunciado sua descoberta.

Théo voltou para sala assim que notou que Luisa ainda estava lá dentro. Ninguém o seguia. Um sentimento de preocupação tomou conta dele, ao perceber que saiu tão rápido e deixou-a sozinha na toca dos lobos. Ele olhou para ela levantando as mãos e os ombros como se quisesse questioná-la sobre o que estava acontecendo.

Luisa empalideceu por um breve instante antes de responder ao gesto dele. Dessa vez, preferiu falar em inglês para não intimidar aos outros que não

entendiam o português.

– Não sei. Parece que tentaram roubar uma joia.

– Na verdade, é um diamante de 86 quilates. Não é qualquer joia – interveio o segurança, apreensivo.

– Uau! – soltou Théo, surpreso. – Nada mal.

Ela silenciou. Tinha noção de que tudo em Topkapi possuía um valor inestimável.

– O senhor é o acompanhante dela? Qual é o seu nome? – quis saber o chefe, anotando os dados em um bloco de notas pequeno.

– Théo Mendes.

– O senhor também é estudante?

– Não, sou apenas turista – pronunciou com clareza.

– Pode me passar o endereço do seu hotel, Sr. Mendes?

Théo forneceu os dados solicitados, e Luisa permaneceu ao seu lado esperando.

– Nós podemos ir? – ela questionou ao segurança.

– Dê-me um minuto. Por favor, aguardem aqui dentro da sala – indicou para que eles sentassem no banco onde estavam antes.

Luisa inquietou-se.

– Mas, e agora? Ficaremos aqui de castigo?

– Calma, Lisa. Nós somos as únicas testemunhas dentro da sala no exato momento em que o alarme tocou – ponderou para acalmá-la. – Eu vi um homem de meia-idade e duas famílias entrarem conosco, mas ficamos distraídos. Natural o segurança colher todas as informações antes de nos liberar.

– Isso que dá querer tomar conta da vida dos outros – provocou Luisa, assumindo que não gostava nem um pouco de ficar nas mídias sociais.

Théo deu de ombros.

– Não estávamos fazendo nada de errado.

Os dois ficaram detidos por uns quinze minutos, conforme Théo imaginara. O Sr. Behram consultou a imagem das câmeras e ninguém havia tocado no vidro do diamante na última meia hora. Ele não tinha dúvida de que o casal não estava envolvido na tentativa de um roubo.

O segurança retornou à sala com a fisionomia menos tensa.

– Podemos ir agora? – perguntou Luisa impaciente, levantando-se do banco.

– Sim, claro. Agradeço a atenção em responder às minhas perguntas. A maioria dos turistas hoje está concentrada na sala de conferência do museu e reforçamos a segurança de lá por causa do ilustre palestrante. Foi um erro da equipe não ter ninguém por aqui.

– Concordo – assentiu Théo. – É uma ala que deve ter proteção 24 horas.

– Desculpa não poder ajudar mais. – Ela ofereceu um sorriso e deu um leve empurrão no ombro do amigo para eles saírem dali e encerrarem o assunto.

A última coisa que os dois estrangeiros queriam era confusão para o lado deles. Ela detestaria trazer problemas para a sua nova vida em Istambul, principalmente ao lado de Théo. Essa não era a primeira vez que estavam metidos em confusão juntos. O melhor era finalizar o tour, deixando-o no hotel em segurança. Avaliou já ter mostrado o suficiente da cidade para aquele dia.

Ao se recordar do jantar marcado com Olívia, ela angustiou-se um pouco. Provavelmente cancelaria aquele compromisso, caso a amiga não ficasse chateada. O dia tinha sido cheio demais e com grandes revelações.

CAPÍTULO 4

Serra da Bocaina - Brasil

Maio de 2009

Luisa acordou ansiosa para viajar com as amigas da escola. Não seria uma viagem qualquer, já que acabara de completar quinze anos e obtivera o aval da mãe para se hospedar no sítio de um dos amigos. Ela estava extremamente animada com a perspectiva de ficar dois dias inteiros na companhia das amigas e de seu namorado. Por algum motivo qualquer, que Luisa não ousou perguntar para não perder o crédito já ganho, Beatriz levantara de bom humor em um dos dias no meio da semana e foi nessa brecha de menos lamúrias que a jovem abordou o assunto do aniversário do Beto e do convite recebido para o final de semana.

Muito provavelmente a Sra. Beatriz Freire, sua mãe, teria ligado para a mãe do Beto depois que sua filha comentou do convite e teria feito todas as perguntas pertinentes a respeito da situação – pensou Luisa, quando ainda saía do banho e escolhia uma roupa apropriada para uma viagem especial. O outono estava ameno, especialmente naquela região do interior do Rio de Janeiro.

No início, a jovem estava bem indecisa do que levaria na mala, mas teve tempo suficiente para alinhar com as meninas o que todas levariam e ficou um pouco mais confiante com as mudas de roupas separadas. Elas tinham uma personalidade muito diferente; Vanessa desde os oito anos, sonhava com cenários de cinema, palco de ballet; Marília desejava ser cantora e cantar em uma casa de shows lotada, em São Paulo ou no Rio de Janeiro; Luisa, em contrapartida, sempre sonhou com o Tribunal de Justiça, um ambiente nada enfadonho e muito menos ilusório. Imaginava o quanto seria corajoso afrontar o adversário, ter o controle de vidas em suas mãos.

Luis Alberto era o único que tinha dezoito anos e, como possuía carteira

de motorista, podia dirigir o carro dos pais, levando com ele os meninos da turma. Luisa, Marília e Vanessa foram acomodadas no carro pelo motorista da família de Marília, que as levaria até o sítio do aniversariante.

A paisagem mudou drasticamente assim que os carros deixaram a autoestrada e tomaram a via municipal de São José do Barreiro, sede do Parque Nacional da Serra da Bocaina, localizado na divisa dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nem bem chegaram aos arredores do campo, foram recebidos por gados pastando nas montanhas cobertas pelo verde da grama.

Os meninos vieram numa discussão calorosa sobre a liga de basquete brasileira e depois seguiram comentando sobre as últimas olimpíadas vistas por eles. O esporte exercia uma conexão amigável entre aquela turma. Sem mais nem menos, todos se calaram por um tempo, e o silêncio só não foi total porque a música do rádio eclodia dentro do carro com caixas de som turbinadas e potentes.

– O mato toma conta verdadeiramente dessa região – ponderou Théo, retomando a conversa, enquanto analisava a paisagem correr pela janela aberta. O pó da estrada subia forte diante do carro, provocando uma tosse passageira. – Algum animal selvagem costuma pintar pelos arredores do seu sítio, Beto?

– Ah, cara, às vezes aparece sim, não é raro. Eu mesmo já vi uma onça-pintada não muito longe da porteira de entrada. Havia anoitecido, eu estava chegando de viagem, um daqueles dias que você está exausto e dirige no piloto automático, sabe?

– Eu não dirijo ainda, Beto. Mas sei o que você está dizendo.

– Levei um susto quando o farol iluminou a cerca e em seguida um animal grande e robusto moveu-se matagal adentro em direção à montanha.

Théo arqueou a sobrancelha de um dos lados, intrigado.

– Tinha alguém no carro com você? – Ele parecia duvidar um pouco da história.

– Não, ninguém. O pior foi que freei com tudo, um reflexo idiota que tive

e quase bati a cabeça no volante porque eu já tinha tirado o cinto de segurança.

– Não é à toa que fazem campanha para usar o cinto. Eu acredito mesmo que faça a diferença em muitos acidentes na direção.

– Théo, essas regras nós deixamos para as estradas que são fiscalizadas pela polícia. Quando os pneus do meu carro deslizam nessa terra batida e esburacada, eu me liberto de todas as normas impostas na cidade grande. Aqui eu conheço bem o meu pedaço – gabou-se, sorrindo, deslizando os dedos como um pente nos cabelos negros para ajeitá-los melhor.

Théo desviou o olhar para o banco de trás do carro e constatou que Murilo quase babava enquanto dormia com o sacolejo do transporte. Seria inútil começar a argumentar com Beto sobre as leis do trânsito e seus benefícios para salvar vidas, então ele soltou um sorriso torto em resposta e fingiu não se importar com a posição do amigo. Não era a primeira vez que os dois discordavam de um ponto de vista importante. Tinham ideologias diferentes, o que ficara claro para Théo logo no começo, quando foram apresentados na escola. Na verdade, a convivência com Beto tornou-se tolerável somente para agradar Luisa, pois Marília era sua melhor amiga e também a namorada de Beto. As conversas do colega de sala não o agradavam, mas ele tentava suavizar os impasses que surgiam ocasionalmente e vinha levando essa amizade já tinha uns oito meses.

Beto estacionou em frente à casa da família, e o carro em que estavam as garotas parou bem ao lado, na garagem coberta. Enquanto todos saíram animados, esticando as pernas e se alongando da viagem, Murilo continuava no mais profundo sono. O dono da casa não pensou duas vezes, ao ver a cena do amigo dormindo: da janela dianteira aberta, debruçou o corpo para dentro novamente e apertou firme a buzina do carro. O som estridente fez Murilo saltar do banco traseiro. Com os olhos bem abertos, pôde perceber que a turma estava aos delírios, rindo dele, e a primeira piada do final de semana já havia sido contada, o que ele comprovaria ao longo de todo o sábado. Beto não perdoou e tirou com a cara do colega, imitando uma pessoa dormindo com a cabeça caída e de boca aberta.

O motorista ajudou os meninos a descarregarem o carro, enquanto as três

meninas organizavam as comidas nas prateleiras da geladeira e da despensa.

– Vamos comer muito macarrão com molho de tomate nesse final de semana – observou Marília, ao empilhar as latas ao lado dos sacos variados de massa.

– É verdade. – Luisa caiu na risada ao notar que todas tiveram a mesma ideia para o cardápio. – Eu não estou de regime, e vocês?

– Você é magra, Lisa, por isso não se importa. – Marília parou em frente à despensa vazia e jogou os ombros desanimada, ao notar que sobreviveria por 48 horas à base dos piores carboidratos listados na última revista que lera. Por mais que fizesse algum esforço para diminuir o peso, fechar a boca não era a única solução para atingir sua meta de emagrecer, e ela sabia muito bem disso. Possuía grande resistência para provar coisas novas na alimentação e, para piorar, seu metabolismo e sua digestão eram lentos.

– Amiga, sem drama, vai! Vamos caminhar pelo sítio, desbravar essas terras para queimar calorias.

– É, vamos – respondeu ainda com voz murcha. – Vou avisando que não tem muita coisa para fazer por aqui.

Vanessa chegou à cozinha lamuriando-se com o peso da sacola em seus braços.

– Que horror! Trouxeram barras de ouro para cá? – Apoiou o pacote no chão com muito cuidado. Seu instinto a alertara da possibilidade do conteúdo ser frágil.

Luisa e Marília desfizeram o nó da alça da sacola e ficaram boquiabertas com a quantidade de garrafas de cerveja e de vodca.

– Quem trouxe isso? – indagou Luisa.

– Vi o Beto tirar do porta-malas dele – respondeu Vanessa. – Agora entendi o motivo de ele fazer questão que eu trouxesse, e não o motorista. Tinha que ser algo sigiloso, claro.

– Deixa aqui no canto da cozinha, Van. Eu nem vou mexer em todas as bebidas agora, apenas colocarei algumas latas para gelar, e depois o Beto lida

com isso – argumentou Marília, irritada.

As meninas saíram da cozinha assim que terminaram de guardar as compras, e Marília fez questão de mostrar os quartos a elas. Vanessa e Luisa decidiram que iriam dormir no último quarto do corredor, deixando o quarto de casal para Marília e Beto, e o outro quarto de solteiro para Théo e Murilo.

– Vocês têm certeza que não querem dormir juntas com os namorados? – provocou Marília. – Grande chance para uma primeira vez.

– Não, não – esquivou-se Luisa, já com as bochechas coradas pela indireta da amiga. Tinha consciência de que não estava ainda preparada para aquilo.

Vanessa balançou a cabeça em dúvida.

– Sei lá, vamos ver como as coisas correm durante o dia. Qualquer coisa, eu jogo a Luisa para o sofá da sala – brincou.

Luisa ficou calada, não queria opinar, mas sabia que tinha grandes chances de dormir na sala. Vanessa era muito mais desinibida do que ela, assim como Marília. Quando se sentia acuada, o seu recurso era calar-se. Ficar quieta abrandava a sua responsabilidade de concordar o tempo todo com as outras pessoas. De fato vinha sendo bem-sucedida nesse recurso porque as amigas confiavam verdadeiramente em Luisa, no entanto ela não acreditava em si mesma. Ficava confusa nas suas convicções e crenças. Na maioria das vezes, se sentia mais manipulada dentro de casa do que qualquer outra coisa. Ela era como uma boneca de pano, que a mãe mostrava com orgulho às amigas, mas que guardava no fundo do armário na maior parte do dia, pois dizia não ter tanto tempo para as frescuras dos três filhos.

As garotas ouviram vozes vindas da sala de estar e, ao chegarem ao local, encontraram os namorados esparramados no sofá. Murilo divertia-se com as piadas de Beto que, além de contá-las, fazia questão de encená-las com veracidade. Luisa deu um selinho em Théo e aconchegou-se em seus braços. Ela estava muito feliz por passar o final de semana inteiro ao lado dele. Tudo aquilo era novidade na vida dela. Passar trinta e seis horas sem ser perturbada pelas amolações dos dois irmãos seria uma benção.

Marília decidiu nem sentar. Puxou Vanessa pelos braços e as duas foram

buscar bebidas para todos, enquanto Beto continuava a fazer graça, executando suas mímicas com caras e bocas. Quando as duas retornaram com as latas de cervejas, foram saudadas com assovios e euforia. O horário do almoço estava mesmo próximo, e a turma nem titubeou em começar a matar a sede.

Depois de um bom tempo e alguma conversa jogada fora, Marília questionou em voz alta quem faria o churrasco. A fome já estava apertando e o seu estômago roncava sem disfarce.

– Fica tranquila, Ma. Tudo está sob controle – afirmou Beto, sem conseguir convencê-la nem por um instante.

Marília ignorou-o com naturalidade e simulou um olhar desesperado para Théo e Murilo.

– Meninos, podemos contar com vocês para fugir do macarrão no almoço? O caseiro costuma aparecer por aqui só para limpar a bagunça do final do dia. É um acordo que temos com ele para ficarmos mais à vontade.

– Com certeza, Ma. Vamos acender a churrasqueira agora mesmo – posicionou-se Théo com mais convicção e, na mesma hora, levantou-se do sofá junto com Luisa. Murilo foi atrás do amigo: os dois tentariam de alguma maneira salvar o almoço daquele sábado.

– Beto, me ajuda, vai? Vamos pegar os utensílios de churrasco e tentar ser mesmo anfitriões desse lugar. Sei que a sua mãe lhe deu o mínimo de educação – disse Marília, simulando um leve puxão de orelha no preguiçoso namorado, que decidiu mover-se também em direção à cozinha.

No caminho entre a sala e a cozinha havia uma pequena copa para os almoços informais da família. Ao perceber que estavam sozinhos, Beto não teve dúvidas: encaixou seus dedos no passante do cinto da calça de Marília e puxou-a para bem perto dele. Ela levou um susto pelo ato inesperado de Beto, mas gostou que seus lábios se aproximaram dos dele. O beijo intenso transformou-se em amasso desejado por ambos. Os hormônios fervilhavam como bolhas de água quente apitando na chaleira. Os olhos castanhos dele assemelhavam-se aos de um gato feroz. Quando Beto começou a tirar a blusa de Marília com a intenção de tocar-lhe os seios, uma pequena luz de razão

floresceu no consciente da garota. Ela empurrou o namorado para longe dela, mas seus olhos escuros estavam vivos e bem alerta. Vestiu-se novamente, a tempo de não ser pega sem a parte de cima da roupa, pois Vanessa e Luisa chegaram na sequência e quebraram o clima.

O churrasco não foi grande coisa, mas também nenhum deles parecia estar tão interessado em comer uma boa carne temperada. Em determinado momento, a turma de amigos estava entretida em conversas da escola e em histórias pitorescas dos professores. A cerveja gelada descia rápido, sem nenhuma dificuldade para a maioria. O plano inicial era comer o churrasco no almoço, entretanto a churrasqueira demorou a pegar, e eles ficaram horas divertindo-se com a missão de fugir dos enlatados da despensa. Os homens não se importaram com a água fria e refrescaram-se na piscina, mas as meninas preferiram apenas tomar sol.

Se antes Beto não fora bem sucedido na sua empreitada de deixar Marília sem roupa, após o almoço tardio o resultado foi bem diferente. Os dois foram os primeiros a se recolher com desculpas esfarrapadas e ficaram trancados no quarto até o dia seguinte. O mesmo aconteceu com Murilo e Vanessa, e o que Luisa imaginara realmente aconteceu: ela ficou sem cama para dormir, e o sofá seria a sua opção mais confortável.

A noite estava fresca e o céu totalmente estrelado. O silêncio perdurou um tempo, antes que o mugir de uma vaca fosse ouvido ao longe. Luisa e Théo optaram por relaxar na varanda da casa, deixando o tempo passar sem pressa alguma. Ela deitou-se em uma poltrona reclinável e suas pernas estavam encolhidas com os braços envoltos nelas.

– Você está com frio, Lisa?

– Hã, acho que um pouquinho – observou sem jeito, já que seu olhar se distraía conferindo o esmalte das unhas.

Théo entrou na casa e voltou com um cobertor xadrez de flanela que enfeitava o sofá da sala.

– Pega – ofereceu ele, educadamente. – Assim você aguenta ficar aqui comigo mais tempo. Isso vai protegê-la dos mosquitos também.

Luisa abriu um sorrisinho.

– Obrigada. Não estou mesmo ansiosa para dormir no sofá.

Théo sentou-se na ponta da poltrona dela e o olhar dele era de um homem faminto.

– Você não vai dormir no sofá, Lisa. Pode dormir no meu quarto e eu fico na sala – ofereceu. – A não ser que queira que eu durma lá também para aquecê-la. Eu durmo – disse sutilmente, na tentativa de convencer sua namorada a ceder às suas investidas. Ele a desejava muito, e estava ficando cada vez mais difícil ficar perto dela sem que seu corpo apresentasse respostas rápidas a esse desejo intenso.

– Théeeo.

– Ok, minha linda, não vou insistir. Você sabe que vou esperar o seu tempo, mas tenho que confessar que a minha namorada me deixa louco. – Ele acariciou o rosto macio dela percorrendo a lateral da bochecha, o queixo e o pescoço de Luisa. Respirou fundo tentando amenizar seus impulsos.

Ela não queria desapontar Théo, entretanto estava morrendo de medo de enfrentar a sua primeira vez com um homem, mesmo que essa pessoa fosse alguém que ela amasse muito. Quando pensava no assunto, não tinha dúvida de que Théo seria o cara perfeito para encarar aquele marco na sua vida. A sensação de borboletas no estômago tomava uma dimensão imensurável quando o via, mas ainda assim se sentia estranha com a situação de dividir momentos tão íntimos com alguém. Permitir-se ser acariciada em partes do seu corpo que nunca um homem havia tocado deixava-a muito nervosa.

– Conhece a posição das estrelas? – questionou ele, ouvindo a respiração ofegante de Luisa e tocando a ponta do nariz dele no dela.

– Três Marias, Cruzeiro do Sul, esse tipo de coisa? – indagou ela em dúvida.

– Podemos nos orientar com a localização das estrelas, especialmente nas navegações. Você é a estrela que mais brilha nesse momento para mim. Acho que estou na direção certa.

A luz da varanda era apenas uma penumbra, no entanto ele conseguiu perceber um rastro de sorriso nos lábios dela.

– Soa mais como um clichê para mim, mas eu aceito o mimo – sussurrou no ouvido dele. Ao apoiar-se com mais força no braço da cadeira ouviram um estalo repentino, parecia que parte da estrutura frágil havia rachado com o peso dos dois. Eles riram com a possibilidade de quase terem caído desajustados no chão.

Naquele momento Luisa percebeu que o barulho da cigarra estava bem mais próximo deles do que quando Théo buscou a manta.

– Será que é verdade mesmo a história que diz que as cigarras cantam até explodir? – Ela puxou duas vezes a cordinha da sua tornozeleira de conchas, tentando alargá-la um pouco.

– Não sou especialista em insetos, miro nas estrelas. Desculpa – disse com a voz mansa e um olhar doce.

Nesse momento, ela abandonou a resistência em tê-lo, entrelaçou os braços no pescoço de Théo e permitiu que ele a beijasse ardentemente. Sua língua enroscou na dele inúmeras vezes provocando um enorme prazer. Era difícil resistir ao charme do namorado, ainda mais quando seus corpos estavam colados e quentes.

Os dois saborearam com satisfação aquele momento único sozinhos, muitos beijos, abraços e carícias de entrega. Quando Luisa descansou a cabeça no peito dele, Théo lhe afagou os cabelos. Se o mundo realmente terminasse um dia, como algumas previsões escritas em matérias na internet – ela refletiu naquele instante – que fosse nos braços de Théo. Só assim teria a garantia de que o fim se igualaria a qualquer coisa bem próxima de um estado de paz eterna.

CAPÍTULO 5

O sol brilhava intenso naquela manhã de domingo, em resposta à quantidade de estrelas desenhadas no céu na noite anterior. Até dez da manhã, a casa permaneceu mergulhada num silêncio entorpecido, até que passos vieram em direção à sala de estar na tentativa de chegar à cozinha.

Quando Luisa abriu os olhos, levou um susto ao observar que Marília estava parada à sua frente, apoiando as mãos na cintura e batendo a ponta do pé no assoalho de madeira.

– O que significa isso? – questionou a Luisa, apontando o outro sofá da sala com um pequeno aceno de cabeça.

Ela deu de ombros.

– Perdemos a noção do tempo, acho. Eu deitei no sofá para me aquecer aqui dentro e Théo deve ter adormecido logo depois.

– Ah, Lisa, tenha santa paciência! – praguejou a amiga. – Tinha um quarto disponível propositalmente para vocês, e os dois se jogam cada um em um sofá da sala? Realmente eu não consigo entendê-la.

Luisa esboçou um bocejo para disfarçar o incômodo de ser pega naquela cena decepcionante. Nem ela mesma sabia descrever o que se passava em sua cabeça. Estava na companhia de um homem incrível, em uma situação que ela não saberia quando vivenciaria novamente – já que sua mãe não era uma pessoa de deixá-la viajar livre por aí, na companhia de amigos adolescentes –, e nem assim ela teve coragem de ousar nessa escapada da rotina. Mesmo não tendo concretizado nada – ou seja, ela acordara ainda virgem –, ainda assim algo dentro dela floresceu e promoveu um tremendo bom humor. Conseguiu ignorar Marília tagarelando sua teoria de que nada estava certo no que via.

Théo mexeu-se na coberta e o falatório das duas diminuiu, no entanto ele já tinha despertado.

– Bom dia, Sr. gosto-de-dormir-no-sofá-duro – ironizou Marília,

provocando-o.

Luisa estava sentada com as pernas cruzadas na almofada e sorriu em cumplicidade para o namorado recém-desperto.

– O quarto estava longe demais das estrelas – respondeu sorrindo. Seus olhos azuis brilhavam com a mesma intensidade de um farol, deixando bem claro que o romance pairava no ar.

– Ai, já vi tudo – disse Marília cruzando os braços. – Ok, não vou entrar no mérito. Vocês, que são namorados, que se entendam. – Ela deu as costas sem se importar com os pombinhos, pois estava mais preocupada com a sua barriga que roncava de fome. Precisava urgente comer alguma coisa.

Um tempo depois, a casa estava movimentada. Todos haviam se recuperado da ressaca do churrasco, e o clima de piadas voltou a pairar no ar. Tomaram juntos um café da manhã reforçado, e Beto sugeriu uma caminhada nas proximidades do sítio.

– Quero levá-los na cachoeira – falou eufórico. – A vista de lá é incrível, galera.

Ele parecia o único com energia para fazer exercícios, porém os amigos não ficaram contra a programação. Parecia dar mais trabalho pensar em qualquer outra opção, então todos acataram a proposta, incluindo as meninas.

– Acho ótimo – pronunciou Luisa, respondendo pelas três.

Depois que começaram a caminhar, seus corpos foram aquecendo e ninguém mais mencionou a preguiça ou a indisposição. Beto abriu a primeira porteira que limitava o seu sítio ao do vizinho para que todos passassem e instruiu para que o último a fechasse, do contrário o gado escaparia. Estavam distraídos pelas conversas e pelas belas paisagens: assunto era o que não faltava para recheiar o final de semana de boas histórias. A trilha era tranquila, nada muito íngreme, e a terra seca facilitava a caminhada. Marília soltou um grito estridente quando ouviu estalos nas folhas da margem do caminho. Todos riram da sua reação inesperada, e ela então resolveu acelerar o passo para ficar mais perto do namorado. Poderia ser uma cobra ou um desses bichos rastejantes, afinal estavam cada vez mais no interior da mata. Para se

proteger, ela passou a ver se encontrava um galho grande caído das árvores ou qualquer coisa que pudesse sacudir na sua frente.

Luisa fez uma careta, aproximou-se de Vanessa e falou em voz baixa:

– Estou com vontade de fazer xixi e pelo jeito vamos demorar em retornar a casa. – Ela deu uma breve espiada para trás, analisando o que tinham percorrido sem perceber.

– Verdade, vamos mesmo! Eu também estou com vontade, Lisa. Vamos tentar no matinho?

– Tem outro jeito? – zombou Luisa. – Estou mesmo apertada – disse ela, mordendo os lábios inferiores com aflição.

– O pior é que também estou apertada – comentou Vanessa ao ouvir a confissão da amiga.

Luisa ponderou e depois chamou Marília que já estava mais à frente.

– Vamos achar um cantinho mais recolhido e nos encontramos daqui a pouco. – Ela olhou para Vanessa, formando a dupla do banheiro.

– Tudo bem, seguirei a trilha com os meninos. Continuem nessa mesma direção e encontrarão a cachoeira – orientou-as Marília, parando no meio da estrada para explicar melhor. As três observaram que os namorados nem se deram conta de que elas haviam cessado a caminhada.

– Certo – respondeu Vanessa, prestando um pouco mais de atenção ao local onde estavam para não ter dúvidas quando voltassem à trilha. A mata não era fechada, mas apresentava um borrão de árvores sem fim.

Quando Marília e os meninos chegaram ao penhasco, o barulho de água caindo aumentou de maneira absurda. Quase que imperceptivelmente, Beto elevou a voz ao anunciar o fim do passeio, com o mesmo entusiasmo de quem visualiza o pote de ouro no final do arco-íris. Os quatro se aproximaram da pedra maior. Era uma base quase reta com algumas pequenas imperfeições, como se fosse um deck natural de apreciação à natureza. Marília havia estado ali outras vezes e nunca quisera chegar muito perto da ponta, pois julgava ser arriscado demais. Tinha medo de escorregar,

mesmo Beto insistindo e segurando suas mãos.

– Muita aventura para uma menina da cidade – dizia ela, ao recolher-se em defesa e esticar ao máximo o seu pescoço na tentativa de ver a água caindo parcialmente.

Dessa vez, Beto não deu atenção à namorada. Estava na presença de amigos e aquilo seria muito mais divertido. O olhar dele era como o de um lobo, ao se posicionar ao lado de um deles.

– Vamos lá Murilo, quero ver a sua coragem para saltar. Não vai ser uma água gelada ou a altura da pedra que vai intimidá-lo, vai?

Ele segura o braço do amigo com força e começa a provocá-lo.

– Me solta, Beto, para com essa bobeira. Eu não quero pular e pronto.

– Cara, eu consigo sentir o cheiro de medo que você está exalando no momento – provocou Beto.

Théo olhou para Marília, que permanecia parada, observando a discórdia dos outros dois, mas não interveio. Era extremamente desconfortável para ela se sentir tão desprotegida em meio ao ambiente natural, longe do conforto da casa sede.

Théo decidiu acalmar as provocações de Beto. Era óbvio para ele que ninguém ia pular da pedra da cachoeira.

– Beto, vamos finalizar essa provocação e voltar a caminhar. É perigoso vocês dois aí na ponta, a pedra está tomada com um lodo nojento. Vejam. – Apontou para baixo, em direção aos pés deles.

– Vamos pular, sim, não é Murilo, meu companheiro? – Ele abraçou o amigo e inclinou o corpo dos dois para frente, arrancando suspiros de aflição em todos os envolvidos.

– Eu não quero – gritou Murilo, ao tentar retirar os braços de Beto das suas costas, e empurrou-o para longe.

Beto desequilibrou-se, mas não caiu totalmente no chão. Ele conseguiu apoiar as palmas das mãos no solo. Na sequência, tomou um impulso ágil

para erguer-se novamente. Seus olhos expressavam a fúria dentro dele, uma raiva de ser contrariado que abalou seu psicológico e não o fez pensar duas vezes. Retornou em direção a Murilo com o peito inflado feito um lutador de boxe e, com força, empurrou-o pedra abaixo para um mergulho no inesperado.

Marília gritou horrorizada.

– Nãaaao.

A cena tinha sido rápida como um flash, e chocante. Murilo caiu totalmente desajeitado, abanando os braços descoordenado por ser pego de surpresa.

– O que você fez, Beto? Você é totalmente pancada da cabeça – vociferou Théo na cara de Beto.

– Também quer dar um mergulho com o seu amigo?

– Babaca.

Marília continuava em pânico. O corpo de Murilo não emergia nunca, então ela decidiu sacudir Beto e tirá-lo de seu processo de raiva.

– Alguém faz alguma coisa – disse ela. – Ele não voltou do mergulho.

Os dois pararam a discussão naquele mesmo instante e olharam para baixo para constatar que a frase de Marília infelizmente procedia.

– Já pulou mesmo dessa pedra, seu maluco? – questionou Théo.

– Várias vezes.

– Ele caiu de costas, gente. Não deu tempo para se programar para o salto – relatou Marília apreensiva.

– Vamos pular para procurá-lo. – Théo olhou para ela na tentativa de dizer que tudo ficaria bem.

Beto e Théo entreolharam-se em relance por alguns segundos. Théo pulou da pedra, não tinha escolha, e Beto foi logo depois.

A água estava extremamente gelada e, devido à existência de uma forte queda de volume de água, a última coisa que encontraram foi um riacho calmo como uma piscina. Os dois davam braçadas enérgicas, alterando com mergulhos profundos em busca do amigo desaparecido. Théo afastou-se um pouco mais de Beto e seguiu em direção à outra margem, percebendo que tinha algo vermelho que flutuava no seu campo de visão. A nitidez só ganhou força quando ele chegou bem perto e viu que era mesmo Murilo. Ele boiava e estava vestido com uma camiseta vermelha que até então não chamara a sua atenção, mas naquele momento ofuscava as águas límpidas da cachoeira. Sua primeira reação foi tentar puxar o rosto de Murilo para cima. Agarrou-o pelas roupas e conseguiu mantê-lo com o tronco submerso. Gritou para que Beto o ajudasse e, alguns minutos depois, os dois conseguiram arrastar o corpo imóvel para a margem, colocando-o estirado sobre a terra.

– Com certeza ele bebeu muita água – observou Beto assustado. Com a impulsividade, não medira as consequências e estava apavorado com o sangue que escorria da lateral da cabeça de Murilo.

– Sim, eu sei – ponderou Théo. – Vou tentar retirar a água dos pulmões e restabelecer a respiração.

– E você tem ideia de como fazer isso?

Théo fez um movimento afirmativo com a cabeça. Não tinha tempo de dar explicações a Beto sobre as aulas de primeiro socorros que tivera no curso de vela. Executou a respiração boca a boca e a massagem cardíaca logo em seguida.

– Me ajuda, Beto. Vamos colocá-lo de lado para que ele consiga expelir a água. – Eles tentaram não movimentar muito o corpo, apenas virando o rosto em direção ao chão e levemente um dos ombros foi descolando-se do solo.

Marília pegou o seu celular e chamou os bombeiros, que chegaram um tempo depois para o alívio de Théo. Ele tinha visto que o pulso de Murilo estava fraco, tinha perdido a consciência. Provavelmente batera a cabeça em uma das pedras. Agora eles precisariam da ajuda dos bombeiros, que tinham os recursos necessários para deslocar o corpo do amigo até o hospital mais próximo.

Um grupo de homens aproximou-se correndo.

– Meninos, por favor, afastem-se do corpo. Precisaremos de espaço para colocá-lo adequadamente na maca.

Théo e Beto se moveram juntos, ficando de pé para observar mais ao longe. Quando levantaram a maca, um dos bombeiros dirigiu o olhar em direção a eles.

– Quem virá acompanhando a vítima até o hospital?

Beto não moveu um músculo de seu corpo. Ainda estava apavorado com a visão do sangue e de todo o resto. Théo notou que nesse estado Beto mais atrapalharia do que ajudaria e então se prontificou para acompanhar Murilo, dando ordens para que Beto ao menos reunisse a turma e fosse encontrá-lo na recepção do hospital.

A sirene dos bombeiros ecoava pela estrada quando Beto abraçou Marília. Ela estava aos prantos, como Vanessa e Luisa.

CAPÍTULO 6

O carro de bombeiros percorreu a rua principal da Igreja da Matriz, em São José do Barreiro, a toda velocidade. A cidade estava deserta e alguns estabelecimentos comerciais, fechados para o descanso de domingo. Na primeira rotatória, o veículo virou à direita, seguiu reto e na sequência estacionou no pátio do hospital da cidade.

Murilo foi levado ao pronto-socorro assim que chegou, e Théo ficou atordoado quando, um tempo depois, ouviu dois médicos comentarem que o menino que pulou da cachoeira na Serra da Bocaina teria que ser operado às pressas. Com toda aquela confusão e um quadro incerto para Murilo, Théo ainda não tinha ligado para nenhum adulto – nem para os pais dele, nem para os seus. Enquanto ponderava o que faria primeiro, andando agitado pelo corredor do hospital, ele reconheceu a cabeleira ruiva de sua namorada se aproximar. Ela o abraçou bem forte no instante em que se viram, ambos amparando-se contra o medo e o desespero do que pudesse vir a acontecer.

Vanessa estava de braços dados com Marília, que forçava a amiga a entrar no hospital com calma para obter informações sobre o estado de saúde de Murilo. Assim que elas cruzaram a porta de vidro, acionada por sensores, Marília viu que Théo estava em pé próximo ao bebedouro, oferecendo água a Luisa.

– Théo está ali, vamos direto falar com ele – sugeriu Marília, antes de procurarem a recepcionista do hospital.

Vanessa apenas balançou a cabeça concordando. Estava desesperada e sentia-se fraca.

Lembrou que, quando ela e Luisa acharam a trilha e receberam a notícia de que Murilo tinha sumido na correnteza lá embaixo, sentiu como se tivesse levado um golpe na boca do estômago. Demorou um tempo para que as meninas pudessem compreender o que Marília balbuciava, apavorada. Em um primeiro momento, tanto Vanessa quanto Luisa entenderam que os meninos nadavam na correnteza e a amiga ficara aflita por estar sozinha

naquela altura. Só quando Luisa deu as mãos para Marília, puxando-a para fora da pedra onde estava paralisada, foi que notou que o pavor nos olhos da amiga era muito mais do que o medo de enfrentar os seus desafios internos. Marília apenas conseguiu pronunciar que Théo e Beto estavam procurando Murilo em meio à turbulência das águas da cachoeira.

Théo deu um forte abraço em Vanessa quando ela chegou perto do bebedouro e estendeu-lhe o copo de água que acabara de pegar para ele. Foi nesse momento que Marília recuou e decidiu retornar ao estacionamento. Ela também estava preocupada com Beto e sabia que Vanessa seria amparada por Luisa.

Seu namorado ainda estava imóvel dentro do carro: a testa de Beto parecia descansar no volante do carro.

– Beto, está tudo bem? Vamos entrar no hospital com os outros? – O vidro do carro tinha sido abaixado até o final permitindo que o ar circulasse no interior do veículo.

Ele não se mexeu. Parecia alheio à sua voz.

– Beto – chamou-o novamente. Abriu a porta do carro e sentou-se no banco do passageiro.

Na terceira tentativa, Marília apoiou uma mão no ombro direito dele e foi aí que Beto desviou o olhar da buzina e olhou para ela.

– Vai dar tudo certo, Beto – tranquilizou-o, tentando esconder os seus próprios receios.

– O que foi que você disse às meninas?

– Como assim?

– Sobre o salto na cachoeira – disse exacerbado. – Ele escorregou, foi um acidente, não foi? – Embora parecesse que ele acabara de fazer uma pergunta a ela, Marília estava certa de que aquilo era uma afirmação mal construída.

– Você está querendo dizer o que com isso? Que Murilo queria pular da pedra?

– Veja bem, amorzinho. – O tom da voz suavizou bruscamente. – Ele me empurrou primeiro. Eu dei o troco e ele deu azar da queda ser livre.

Marília fechou a cara. Estava ficando brava com o cinismo que pairava no ar.

– Você acha que eu sou uma idiota, Beto?

– Claro que não. Quem disse isso?

– Você empurrou o Murilo contra a vontade dele.

– Era para ele ser homem e ter pulado no primeiro desafio – zombou em defesa.

Marília apenas bufou. Um músculo estremeceu em seu rosto e seus olhos estavam se estreitando.

Beto notou que ela estava furiosa e resolveu amansá-la massageando-a no pescoço.

– Ma, preciso do seu apoio. Também estou preocupado, mas tenho que ser racional.

– Seja direto – disse ríspida. – Meus pensamentos estão indo muito além, acho que não conheço nada da personalidade do meu namorado.

– Sou o único do grupo maior de dezoito anos, e esse episódio vai dar merda.

– Por quê?

– Se essa situação não for esclarecida, se não acharem que foi um acidente, estou lascado. Fo**! – Ele não continuou o palavrão que havia começado e diminuiu a voz novamente, como se isso fosse um alerta de estar perdendo a razão para tê-la como aliada. Pensando nisso, colocou sua boca na dela provocando um grande estalo.

– Entendi. – Marília amoleceu assim que ele começou a beijá-la. Beto deslizou a mão para dentro da saia jeans dela e no mesmo instante ficou excitado.

– Você ficará do meu lado, Ma? Você me ama, não ama?

– Sim – ela sussurrou entre beijos ardentes que recebia. Ele agora mordida o lábio inferior dela com fervor.

– Não entre em detalhes sobre o incidente com as meninas – orientou-a. – Eu darei o direcionamento dos fatos. Vamos ver no que isso vai dar, pode ser?

– Ok – concordou Marília, segurando a mão dele já em sua virilha. Ela tentava com todas as forças retornar para onde estavam. – Vamos entrar agora – sugeriu.

Théo, Lisa e Vanessa estavam sentados na sala de espera. O clima era de tensão e tristeza. Um dos médicos da equipe de plantão havia confirmado as suspeitas de Théo. O que ele escutara no corredor não fora um delírio: Murilo teria que ser removido para um hospital maior com um centro cirúrgico, e corria risco de vida. Tinha batido a cabeça na pedra logo quando caiu e a queda fatalmente ocasionara graves lesões.

Depois do anúncio do médico, cada um comunicou em casa o que tinha acontecido e, dentro de pouco tempo, os adultos estariam ali. Vanessa foi a primeira a falar com os pais pelo celular, e somente depois que foi acalmada por sua mãe teve coragem de ligar para a sogra e anunciar a tragédia do domingo.

Assim que os pais de Murilo chegaram, os adolescentes se sentiram mais aliviados, principalmente Théo, que havia assumido a responsabilidade de trazer Murilo ao pronto-socorro. Dali para frente, ele sairia de cena quanto às decisões importantes em relação à futura cirurgia do amigo, o que já era um grande alívio emocional. Caberia a ele, assim como aos outros da turma, apenas rezar bastante para que tudo corresse bem. Logo estariam juntos planejando a próxima viagem em grupo, assim pensava ele.

Enquanto Helena assinava os últimos papéis para a transferência de Murilo na recepção do hospital, os amigos se reuniam na sala de espera com os pais de Vanessa. A mãe de Luisa ainda não havia chegado, nem os pais de Beto e de Théo. No momento em que relatavam a caminhada da manhã aos adultos ausentes do passeio, um homem de uniforme – aparentando ter uns

quarenta anos – abordou o grupo de uma vez só.

– Vocês são os adolescentes que estavam na cachoeira da Serra da Bocaina?

A mãe de Vanessa encarou-o resabiada.

– Quem é o senhor, por favor?

– Sou o policial Matias. – Estendeu a mão para cumprimentá-la. – Gostaria apenas de fazer algumas perguntas aos jovens sobre o incidente.

– Eles estão muito abalados – interveio a senhora, na tentativa de proteger a filha e também os amigos de Vanessa.

Ignorando a objeção, o policial disse:

– Um jovem foi resgatado desacordado nas margens do riacho pelo bombeiro da cidade. Pelo que fiquei sabendo, desobedeceram às normas de segurança do parque. – Notando que a senhora permanecia calada, ele continuou o seu discurso. – Não é permitido pular das pedras, muito menos de uma altura daquelas. O jovem que saltou buscava a morte?

– Que horror! – soltou Vanessa, irritada. – Murilo nunca tentaria suicídio, se é o que o senhor está sugerindo aqui.

– A senhorita tem que concordar comigo que a chance de algo dar errado num salto desses é muito grande. Basta chegar perto do desfiladeiro para entender o que eu estou dizendo.

– Minha filha está falando a verdade.

Théo tentou ficar calado, mas não conseguiu.

– A intenção dele não era pular.

– Então por que pulou? – questionou o senhor de uniforme. – Aliás, você e o outro jovem aí também pularam, não?

Matias olhou fixo para eles. O policial não transmitia nenhuma simpatia. Ao contrário, parecia estar entediado por trabalhar naquele domingo. Talvez estivesse entretido na televisão antes de ser chamado, qualquer programa o

divertiria muito mais do que alguns jovens inconsequentes de classe média.

Théo e Beto se entreolharam naquele momento. A raiva de Théo contra as provocações de Beto ainda afluía em seus pensamentos, mas ele deteve-se para não pular no pescoço dele e tentou parecer calmo.

Beto tomou a frente do interrogatório.

– Falei que era perigoso, mas ele insistiu que gostava de adrenalina. Pulamos só depois, na tentativa de ajudá-lo. Num impulso – frisou.

– Sei que vocês são jovens e acham que viverão eternamente. – Virou-se de repente e pegou o maço de cigarros no bolso, o olhar reprovador da mãe da jovem lembrou-lhe que não estava em sua residência e não era permitido fumar ali, então apenas sacudiu o maço para conferir se estava cheio e guardou-o no bolso do uniforme novamente. – Não será um interrogatório, mas quero fazer algumas perguntas para todos os jovens envolvidos na queda, e também aos amigos da vítima.

– Não entendo o motivo de tudo isso – posicionou-se a mãe de Vanessa. – Foi um acidente, como eles disseram.

– Posso até concordar com a senhora, mas já saí da delegacia e vou ouvi-los. Não serei acusado de preguiça dominical. Mais algumas perguntas e os libero. Eu também quero ir para casa – bufou ao finalizar, pegando o bloco de notas localizado no bolso contrário ao do maço de cigarros.

As questões realmente foram rápidas, mas a situação foi ficando tensa além do esperado. A vantagem de Beto foi que o delegado não fora nem um pouco com a cara de Théo e resolveu questioná-lo primeiro, chamando-o para sentar num canto da sala de espera. Os outros ficaram juntos lamuriando-se daquele absurdo, mas estavam mais preocupados com a situação de Murilo e com a cirurgia que viria do que com as questões daquele homem carrancudo.

Nesse meio tempo, Beto foi bem ardiloso, escolhendo as palavras certas para coagir o grupo a contar a mesma versão dele. Ele sabia que era o culpado do acidente, além de ser o único maior de idade e estava bem ressabiado com as consequências de seu ato impetuoso. Disse de maneira convincente que Théo havia provocado o amigo como brincadeira e

empurrou Murilo sem pensar muito. Marília engoliu em seco quando percebeu que Beto estava contando a versão muito parecida com o que acontecera, mas na verdade invertera os papéis propositalmente. Porém, ela havia prometido ficar do lado dele e imaginou que Beto sabia o que fazia. Nada daquilo teria grandes consequências. Logo Murilo estaria bem, e o caso seria esquecido por todos, incluindo a sua própria consciência. Confirmou com muita convicção toda a versão de Beto para o delegado e fez algo além disso: minutos antes de o policial chegar ao hospital, convenceu Luisa que Théo era uma farsa e escondia um lado covarde dentro dele. Um ponto obscuro da personalidade dele que escondera da namorada e que aflorou no momento da discussão com Murilo. Luisa ficou apreensiva quanto a tomar partido de um dos lados, por isso apenas relatou que ela e Vanessa não estavam no local no momento do acidente e que haviam sabido do ocorrido um tempo depois.

Théo ficou horrorizado quando percebeu a manobra de Beto e partiu para cima dele ainda na sala do hospital.

– Você é um canalha mentiroso, Beto. Ninguém devia dar ouvidos a você.

Beto não reagiu ao xingamento. Como o seu plano estava dando certo, ele apenas esboçou cara de vítima de todos os males. Se antes o mais velho era o culpado, agora, com um olho roxo e uma pequena plateia, tudo mudara. A moral de bom moço de Théo tinha sido arrasada.

– Vamos para a delegacia, meu jovem. Será aberto um inquérito policial. Minha conversa com os outros se encerra aqui, por enquanto, mas com você vejo que terminaremos atrás das grades essa noite. – O policial pegou Théo pelo braço e saiu com ele algemado para deter a fúria do rapaz. Os olhos de Théo fervilhavam de ódio ao se fixarem em Beto. Ele sabia que o cara era safo demais, não deveria tê-lo subestimado nem por um instante.

CAPÍTULO 7

Istambul – Turquia

Um grande buquê de tulipas vermelhas saltou aos olhos de Luisa assim que ela abriu a porta do apartamento de seu namorado. A campainha tocou duas vezes antes que pudesse amarrar um robe por cima da camisola para atender ao porteiro. Era muito cedo ainda, e ela teve dificuldade para sair da cama rápido. Dormiu sozinha aquela última noite, aguardando uma chamada de Kadir, porém ele permaneceu no hospital com a mãe e resolveu agradá-la com suas flores preferidas. Ficaram até muito tarde esperando a resposta dos médicos a respeito da necessidade da internação da mãe dele e receberam a orientação de como seria o procedimento para mais uma batelada de exames no dia seguinte. Decidiram então que ela não regressaria para casa naquela noite. Kadir não queria alarmar Luisa antes do necessário, então tomou a iniciativa de lhe enviar um singelo presente de bom dia.

O coração dela ficou apertado ao imaginar Kadir aflito no hospital. Ele era sempre muito cauteloso com a saúde da mãe. Isso se refletia um pouco na relação dos dois, porém ela era grata por ter alguém que cuidasse dela também; que lhe desse atenção como sempre quisera. Desviando seus pensamentos para as flores novamente, pegou o único vaso de vidro guardado no armário da cozinha e ajeitou as tulipas dentro dele com água fria. Aquela simples visão do colorido à mesa lhe trouxe felicidade e trouxe um pouco de vida ao apartamento – ou talvez fosse o toque feminino que ela estava buscando para sentir-se menos intrusa ali, refletiu pesarosa, enquanto preparava o café matinal. O apartamento de Kadir tinha uma decoração minimalista. Havia poucos objetos nas duas prateleiras da sala, e nada enfeitava a mesa central próxima ao sofá. Tinha um tapete persa com estampa cinza para se ter aconchego ao assistir a televisão. Tudo ali existia para simplificar a limpeza. Era isso que o namorado pensava, mas Luisa achava estranho não ter quadros na parede, muito menos recordações de viagens espalhadas pelo ambiente. Um animal de estimação estava fora de cogitação.

Sentou-se à mesa com a sua xícara de café já pronto e algumas torradas

integrais e discou o número do celular de Kadir.

– Olá, bom dia!

– Oi. Lisa. Tudo bem com você?

– Comigo, sim. E vocês aí no hospital? Como está a sua mãe?

– Aqui está enrolado, você sabe – lamuriou-se. – Os médicos pedem mil exames antes de lançar qualquer diagnóstico prévio. Achamos que é algo no estômago, uma gastrite aguda talvez – palpitou entristecido.

– Entendo – disse ela. – Mas não fica tão nervoso, senão você será internado com gastrite também. – Ela tentou aliviar a tensão do namorado e conseguiu quando o ouviu rir, do outro lado da linha. – O buquê é lindo, amor. Obrigada. Estou olhando para as enormes pétalas vermelhas, muitas estão abertas.

Ele solta um suspiro.

– Eu tinha imaginado algo mais interessante para comemorar o nosso aniversário de namoro hoje, mas fui pego de surpresa.

– No eletrônico eu não consigo alterar – falou pensativa. – No entanto, marcarei no calendário de papel que fica na sua geladeira como sendo um dia antes. Quer dizer, hoje não é dia quatorze e sim dia treze de março. O que você acha? Podemos comemorar amanhã.

– Eu acho você fantástica, isso é o que eu acho.

Ela deu uma mordida na torrada e o barulho de algo crocante soou do outro lado da linha.

– Hmmm... que bom – suspirou Luisa, divertindo-se com o elogio espontâneo dele.

– E ontem, como foi a sua experiência com o cliente da Unique? Você apenas me mandou uma simples mensagem. Foi corrido?

Ela começou a ficar nervosa ao lembrar-se do dia anterior. Vivenciara tantas surpresas e emoções que teve que respirar para poder responder. Já tinha decidido não mencionar o fato de ter namorado o tal cliente que chegou,

entretanto ela não via motivos para ocultar que conhecia Théo do seu colégio no Brasil.

– Deu tudo certo ou quase tudo – consertou a frase, pensando em como começaria. – Olha, Kadir, você não vai acreditar nas coincidências que aconteceram. – Luisa ponderou se seria o momento certo de contar, ele estava no hospital e poderia estar ocupado com os médicos ou algo assim. Olhou para o café frio à sua frente. Teria que pegar outro depois. – Você está podendo falar, quero dizer, não estou atrapalhando?

– Não, minha mãe está sedada por causa do último exame e meu irmão ficou no quarto com ela. O que aconteceu?

Ela falou devagar.

– Bem, vamos por partes então. A primeira coincidência é que o cliente estudou comigo durante a adolescência, eu já o conhecia. Louco isso, não?

– Nossa! Muito. São Paulo é tão grande, não é?

– Sim, enorme.

– E ele reconheceu você? – perguntou Kadir interessado.

Ela tentou parecer casual.

– Ah, sim. Não mudei muito – zombou de si. – O interessante não foi só isso. Fomos testemunhas de uma tentativa de assalto no Palácio Topkapi.

– Assalto? Lisa, você está me deixando preocupado.

Ela corrigiu depressa a sua fala, antes que ele se alterasse.

– Na verdade, o alarme tocou na sala das joias – disse ela. – Ninguém viu nada, e não tinha nenhuma segurança no local, isso foi o pior. Acho que queriam roubar o diamante do acervo.

– Acho que nunca escutei nada sobre um roubo no Topkapi. Seria um fato inédito e estranho – ponderou Kadir.

– Eu também achei um tremendo descuido da segurança. Eles deveriam checar as salas antes da abertura aos visitantes, e provavelmente não

aconteceu a ronda ontem.

– Você esteve com a minha prima, Azra?

– Falei por telefone, mas estive com a equipe dela, da segurança do Palácio. Coloquei-me à disposição como testemunha do ocorrido – explicou, sem dar muitos detalhes.

Ele interrompeu.

– Querida, o médico está me chamando. Desculpa, tenho que desligar agora. Vou tentar passar em casa mais tarde, e aí a gente se vê.

– Ok, eu vou trabalhar daqui a pouco. Ah, o Théo, seu cliente, quer mais um dia de guia hoje. Você estará disponível? – quis saber Luisa.

– Eu... – prolongou a fala. – De verdade, não sei. Darei uma resposta para ele num instante, pode deixar.

Ela pensou um pouco antes de se colocar à disposição. No fundo estava bem interessada em vê-lo novamente, muito mais do que gostaria de admitir.

– Eu posso ir, se você quiser.

– Não atrapalharia o seu trabalho? Já abusei por um dia.

– Está tudo bem. Ele é um amigo antigo, posso dar conta de mais um dia com o visitante.

– Então, eu aceito a sua ajuda. Obrigado. Pagarei seu salário com um lindo presente escolhido por você. – Luisa silenciou ao escutá-lo. – Tenho que ir agora, Lisa, o médico entrou no quarto para falar com a família.

O olhar dela entregou que estava satisfeita com a resposta que ouviu, mas ele não podia vê-la.

– Vou me lembrar disso. Acho que um lindo quadro para colocarmos no seu apartamento seria um excelente presente e um grande favor a essa sala cinzenta e sem luz.

– Combinado.

– Até mais, Kadir.

– Tchau, Lisa. Cuide-se.

Ao desligar o celular, ela se distraiu pensando no local exato onde colocaria um quadro, caso seu namorado comprasse a sua ideia de decorar melhor o apartamento. Se for para realmente morar ali, ela necessitava de mais cores.

Luisa ligou o computador para ler as notícias e desistiu de tomar outro café. Não era mais preciso, pois estava desperta. Resolveu alguns assuntos da Universidade via skype, conseguiu pagar as suas contas pela internet e respondeu os e-mails que julgou serem mais urgentes. No entanto, não conseguia afastar os acontecimentos das últimas horas da sua mente. Talvez porque tenha reproduzido em voz alta parte da história a Kadir. Aquilo tinha tomado uma proporção maior do que ela queria, pontuou Luisa em seus pensamentos.

Fizera terapia na adolescência para superar a sua culpa. O episódio fatídico do acidente na cachoeira viera como uma avalanche de percepções errôneas quando conversou com Murilo, após a sua recuperação. O amigo ficara tetraplégico, e sua memória retornou muitos meses após a operação. Foram tempos árduos para a família e para o próprio acidentado. A vítima deixou claro para ela que não foi um acidente e que eles haviam culpado a pessoa errada. Théo fora injustamente condenado, por tentativa de homicídio. Na verdade, o vilão da história fora Beto, impondo a sua fúria e o seu descontrole. Luisa ficou muito envergonhada quando ouviu os detalhes do relato de Murilo. Beto havia orquestrado impiedosamente a sua inocência e todos, incluindo ela mesma, foram cúmplices de um ato maldoso. Ela havia confiado nas palavras de sua melhor amiga, que afirmava sem descanso o mau caráter de Théo para com Murilo. Marília fora mentirosa e inescrupulosa tanto quanto o namorado porque tinha medo de perdê-lo. Na opinião de Luisa, aquilo era fraqueza e ela tinha sido a mais fraca de todos os envolvidos por não se posicionar.

Recordar o passado pesou em seus ombros, e ela sentiu o coração comprimido ao imaginar Théo cumprindo a sua pena em regime semiaberto. Como ainda estudava, por alguns meses ele voltava para a casa de detenção

para dormir. Depois ele pôde optar por fazer um trabalho voluntário no hospital para deficientes. Deixou parte da sua adolescência ser transformada por experiências, por culpa de algo que não cometeu. O ex-namorado de Luisa não era culpado de nenhum crime e ainda assim parecia não ter guardado rancor desse fato em sua vida – avaliou ela, olhando fixo para a tela do inbox do seu computador. Como pôde ser tão ingênua ao ponto de nunca ter suspeitado das artimanhas de Beto? E como entender a atitude de Théo de perdoá-la? Afinal, ele tinha sido extremamente educado com ela o dia inteiro. Parecia ter superado a história sem mágoas, como se virasse a página de um livro que nunca gostou de ler.

Luisa abriu o seu caderno moleskine, um verdadeiro diário e amigo eterno, que estava guardado há um tempo junto de seus documentos pessoais. Resolveu colocar no papel os seus sentimentos, relatando o momento em que viu Théo na recepção do hotel. A surpresa fora muito forte. Encará-lo novamente teria sido algo difícil de explicar para qualquer pessoa, se ela fosse contar esse fato abertamente. Sentia-se segura apenas na companhia da sua caneta e de papel. Permitiu-se soltar as emoções geradas no reencontro escrevendo sem parar e, quando ficou exaurida, folheou o caderno lendo suas últimas anotações da adolescência.

Estamos sentados lado a lado no pátio do colégio, e ele me olha de lado, sem me encarar. Nossa conversa flui super bem, não falamos nada muito sério, só bobagens casuais que gostamos de fazer nos finais de semanas durante a infância. Ele sempre está ocupado em colocar a sua bola de futebol para rolar nas ruas da vizinhança, e eu bolando planos elaborados para me esquivar dos meus dois irmãos endiabrados que se divertiam em me perturbar. Sou maltratada e humilhada por eles dentro da minha casa, mas minha mãe vive tão ocupada com os seus próprios problemas que parece não perceber a maldade deles ou finge não ver para se ausentar de atitudes diante daquilo. Conforme eu cresço, vou me virando sozinha para me defender e são essas histórias engraçadas que, às vezes, eu compartilho com Théo, enquanto ele cutuca o chão com gravetos de madeira que caem das árvores do pátio. Ele é meu namorado e meu confidente, não sei dizer o motivo por que com ele eu me abro mais. Permito-me deixar a rigidez de lado para usufruir de alguns pequenos momentos de encantamento em minha vida.

Luisa refletiu um pouco após a leitura de suas memórias e sentiu vontade de voltar a escrever.

Ontem parecia que estávamos nessa mesma época de confidências, porque ele contava os acontecimentos dos últimos anos tão à vontade, que foi como se nada tivesse nos separado antes. Já eu, estava muito mais nervosa com a situação, ponderando não ser mais aquela adolescente que ele conhecera, tentando ocultar as minhas fraquezas e as minhas decepções. Provavelmente ele notou o meu desconforto, mas foi gentil e alegre, e isso de fato me encantou. Acho que quero fazer diferente: usar a vibração dos nossos bons momentos juntos para superar a culpa que carrego há anos. Pretendo planejar com calma os meus próximos passos para não cometer os mesmos deslizes hoje, quando nos veremos novamente.

Talvez esse encontro seja a oportunidade que eu precisava para ganhar forças e expor em palavras todo o nó que guardo em minha garganta. Sufoca-me de uma maneira brutal toda essa energia estagnada no meu chakra laríngeo. Trabalho diariamente com a minha autoestima para entender que os sofrimentos do passado ficaram para trás, mas quando vejo, eu me autossaboto, esquecendo-me de que a compaixão por mim mesma é fundamental.

CAPÍTULO 8

Desde cedo, o dia estava perfeito para um passeio turístico em Istambul. Luisa estava satisfeita por ter dado conta das suas obrigações e poder pensar em uma boa programação da Unique para aquela manhã ensolarada. O seu projeto de mestrado e o estágio na Universidade estavam indo muito bem, ela se esforçava para ganhar a confiança de sua orientadora, mostrando dedicação e empenho em seu trabalho de pesquisa. Se hoje ela tinha liberdade para comandar a sua carga horária dentro do setor histórico, era porque apresentara bons resultados e poderia prestar ajuda à Kadir na sua ausência.

A fama da Unique crescera mais rápido do que a empresa, mas Kadir relutava em contratar mais funcionários como guias. Leda falava espanhol e inglês, mas apenas Kadir, dentre os três da equipe do receptivo, falava quatro línguas. Luisa gostava muito do que fazia, no entanto estava sendo assediada cada vez mais por seu namorado para fazer parte da Unique com um bom salário, e não a ajuda de custo que um estágio lhe oferecia. Muitos brasileiros visitavam Istambul e ficavam satisfeitos quando o dono da empresa os recebia falando em português. A língua turca é muito difícil de ser compreendida por quem não a conhece.

Théo a estava aguardando do lado de fora do hotel quando Luisa chegou. Minutos antes, ela havia lhe enviado uma mensagem pelo celular dizendo que já estava a caminho. Ele parecia estar curtindo o calor dos raios do sol, pois estava inerte, de braços cruzados apoiados no peito e os olhos semicerrados.

– Fazendo fotossíntese? – ela zombou, assim que chegou, certa de que ele a escutaria àquela distância.

– Quase isso – sorriu em resposta. – Os médicos dizem que precisamos pegar o sol da manhã para aumentar a vitamina D no corpo.

– Você disse agora como se fosse um velhinho tomando o seu banho de sol matutino. Você acabou de completar vinte e cinco, Théo. Temos a mesma idade e não fico torrando no sol.

– Sei lá, eu gosto dessa sensação dos raios quentes batendo no rosto.

– Ok, mas vamos andando. Toma o seu sol no caminho – falou incisiva. – Se vamos fazer tudo o que combinamos na última visita, haverá muita coisa ainda para explorar em Istambul, e você terá que acelerar essas pernas.

Ele olhou sério para ela, como se acabasse de receber as regras do jogo, e então começou a andar bem depressa, com Luisa dando dois passos para cada passo largo dele até percorrerem a rua principal do hotel. Passaram por edifícios largos e altos, por um bar com jeito de boteco, por uma loja comum de venda de roupas. Foi então que ela cedeu à competição, pedindo para Théo diminuir o ritmo.

Em seguida, desceram a via na intenção de pegar o funicular de Taksim até a estação Kabatas, para então pegarem o trem até o centro histórico de Sultanahmet. Começaram o dia no Grande Bazar, o mais antigo mercado coberto do mundo, construído em 1461, com mais de 60 ruas e 5 mil lojas.

O local estava cheio de turistas do mundo todo. Luisa encarou-o para obter uma resposta rápida antes de continuarem o percurso.

– Vamos nessa?

Ele não pareceu nem entediado nem irritado com o tumulto, então eles começaram a percorrer as ruas do mercado. Cerâmicas, artigos de decoração com muitas luminárias, perfumes, tapetes, especiarias, joias, roupas típicas e souvenirs se destacavam para todos os lados. Um jogo de cores vibrantes e de cheiros diversos envolvia o passeio. Ela gostava muito de perambular por lá. Quando estava sozinha gastava um bom tempo apreciando os candeeiros feitos de mosaico com pequenos pedaços de vidro. Havia investido recentemente num conjunto delicado e o colocou em cima do aparador de sua sala.

Naquele momento, como guia, apreciou os objetos à sua frente com um rápido olhar, dando uma geral, e voltou-se para Théo.

– Se você quiser parar em alguma loja, me fala, tá? Sabe que terá que pechinchar com o vendedor? Os comerciantes turcos têm esse hábito na veia – explicou. Ela notou que ele estava distraído e o cutucou nas costas.

– Hã?

Uma mulher bonita tocava os tecidos de seda da loja, esfregando a ponta dos dedos para escolher uma peça. Luisa observou o olhar demorado dele nela. Ela era uma mulher vistosa, olhos bem escuros destacados com delineador em uma maquiagem impecável. Cabelos bem longos modulavam o rosto redondo. Seria bem previsível que os homens a admirassem, mas não Théo. Luisa tinha sido a primeira namorada dele e por algum motivo visualizá-lo olhando para outra pessoa despertou nela um sentimento de posse. Como se alguém quisesse lhe roubar a primeira fatia do seu bolo de aniversário. Ele é o meu Théo, meu ex-namorado – justificou-se.

Para disfarçar o inesperado ciúme que sentiu, ela introduziu rápido um assunto qualquer tentando voltar o foco em si mesma:

– Você não me disse ainda se os seus pais estão bem. – O olhar baixo dele ao ouvi-la falar de seus pais entregou que havia muita coisa que ela não sabia.

– Meu pai esteve muito doente no começo do ano, quebrou o joelho e teve que colocar vários pinos, mas está bem. Minha mãe é que anda superocupada com as consultas dele com o fisioterapeuta. E, é claro, reclama de dores nas costas por ajudá-lo a andar.

– Que chato! – lamuriou-se em solidariedade a eles, ainda pensando o que mais poderia dizer para confortá-lo.

– Você me perguntou sobre compras – disse ainda pensativo. – Creio que a minha mãe adoraria ganhar um tapete de Istambul.

– Ótima ideia, Théo. Eu tenho certeza que ela iria ficar feliz com um presente desses – sorriu animada. – Vou levá-lo até a loja com que a Unique tem parceria. Conseguiremos um bom desconto com eles. E o melhor: os atendentes falam português.

– Tá, acho que vai ser uma boa. Você me ajuda a escolher? Não sou bom nisso de compras, ainda mais um item de decoração.

– Claro. Estou aqui para isso, para lhe ajudar.

Ele esboçou um sorriso malicioso.

– Verdade? Bem, então tenho outras ideias que você pode me ajudar, mais

interessantes que comprar um tapete turco – ponderou Théo. – O olhar dele foi direto ao decote do vestido dela, sem pudor algum.

– Hum... Já posso ler os balõezinhos dos seus pensamentos, Sr. Mendes. Pode parar – declarou Luisa, divertindo-se mais do que deveria. Não estava acostumada com o homem sedutor que ele se transformara. A ligação deles sempre fora intensa, mas com um grau profundo de ingenuidade também.

– Acho que nunca conheci uma pessoa tão misteriosa como você. – Ele disse aquilo como se ela fosse uma mulher autossuficiente.

– E acha isso interessante?

– Totalmente interessante.

Ela sabia que quando estava com ele despertava uma Luisa diferente dentro dela, mais corajosa, menos dependente de uma opinião alheia. Percebeu que eles estavam parados no meio do caos de pessoas que percorriam as ruas do mercado. Os alto-falantes começaram a tocar pela segunda vez a oração muçulmana, e ela precisou de alguns segundos para tomar a direção certa aonde iriam.

– Venha. Vamos às compras – puxou-o. Instintivamente, a sua mão tocou na dele. Théo aproveitou o gesto impulsivo dela e manteve os dedos entrelaçados por alguns segundos. Luisa estremeceu com o toque dele, no entanto não o desfez na sequência. A temperatura da mão dele estava quente. O oposto da dela, que era puro gelo. Não ousou olhar para trás por nada, pois isso entregaria o quanto estava gostando de ficar perto dele. No entanto, queria saber o que se passava na cabeça do seu ex-namorado. Que loucura! Estamos juntos em Istambul dez anos depois do término do nosso namoro e parece que não teve uma lacuna no tempo. Eu entendi direito ou ele começou a me cantar descaradamente minutos atrás?

A fachada da loja de tapetes não transmitia muita simpatia logo de cara, porém o diferencial dela consistia nos próprios vendedores, amistosos e dispostos a entender a sua língua.

– Bom dia – disse o vendedor gorducho, de estatura baixa e com um longo bigode preto. – Sejam bem-vindos para apreciarem os nossos diversos

tapetes.

– Bom dia – retribuiu Luisa educadamente. – O Sr. Fatih encontra-se na loja no momento?

– Sr. Fatih? – enfatizou o nome do proprietário. – Sim, ele está. A senhorita gostaria de falar com ele?

– Sim, por favor. Diga a ele que Luisa, representante da empresa Unique, trouxe um cliente especial para conhecer a loja.

O atendente virou-se de repente para o fundo da loja em busca do chefe.

– Fiquem à vontade, senhores. Vou chamá-lo.

Théo pareceu deslocado naquele universo infinito de tapetes decorados. Luisa percebeu o desconforto dele assim que ele se fixou nas mensagens do celular.

– Não vamos demorar nessa missão, eu prometo – sibilou ela. Ele apenas sorriu em resposta, parecendo ter se arrependido de gastar seu tempo com compras de presentes.

Um minuto depois, surgiu o dono da loja para saudá-los.

– Olá, Luisa, estou feliz em vê-la. Por onde anda meu amigo Kadir?

Ela tinha estado com Kadir poucas vezes na loja e ficou intrigada com a forma como Fatih havia envelhecido desde a última vez que estivera ali. Era um homem de meia idade, com cabelos castanhos já um pouco grisalhos. As entradas na testa denunciavam os anos vividos.

– Obrigada por nos receber, Sr. Fatih – ela apertou a mão dele para cumprimentá-lo. – Kadir está com a mãe doente no hospital, nada tão grave, está tudo bem.

– Ah, espero que tudo corra bem com ela – disse ele, ao fechar o último botão do seu colete cinza. – A senhorita está com um cliente da Unique?

– Estou sim. Théo... – ela chamou, tentando não levantar a voz dentro da loja. – Este é o Sr. Fatih – introduziu-o, mostrando um pouco de irritação por conta do cliente não sair do celular.

Os dois se cumprimentaram.

– Temos uma variedade enorme de cores, estampas e tamanhos. Por isso, eu gostaria de deixá-lo confortável para apreciar os modelos. Por favor, me acompanhem até o andar de cima. – Fez um sinal com a mão indicando a direção e deu passagem para eles. Fatih era o dono, mas também um vendedor nato e, assim, sentia imenso prazer de atender aos seus clientes. Exibia, sem muito esforço, um largo sorriso no rosto. Enquanto conversava, parecendo dar instruções ao funcionário gorducho que os havia recepcionado na entrada, Luisa aproveitou para falar com Théo.

– Poxa, tenta ser simpático com ele também. Essa loja é uma das mais famosas de Istambul. O cara se orgulha de tudo isso aqui – murmurou ela, bem próximo do ouvido de Théo.

– Desculpe – sussurrou em tom de cochicho. – Eu estava respondendo um e-mail importante do meu trabalho.

– Você não está de férias? – Ela ficou ao lado dele enquanto conversavam, fingiam estar contentes observando os comandos de Fatih dados aos funcionários.

– Estou, mas não consigo escapar dos assuntos pessoais mais urgentes. Tenho que finalizar a inscrição para a regata oceânica chamada Volvo Ocean Race.

– Entendi. Então ao menos sorria em resposta aos esforços do dono da loja para lhe agradar.

Théo a olhou de relance. Em seguida, seu olhar percorreu cada parte do corpo dela de uma maneira indescritível, o que a fez corar na hora. Ele sabia abrandar a sua braveza. Antes que ela pudesse se recompor, Fatih aproximou-se deles e pediu para que ambos se acomodassem em um confortável sofá no centro da sala. O vendedor estava tão animado que nem percebeu o quanto Luisa se abanava com as mãos.

Os vendedores entraram na sala com um enorme tapete enrolado, pararam estrategicamente na frente dos clientes e, como num passo de mágica, cada um segurando em uma ponta da extremidade, abriram o tapete exibindo sua

beleza. Depois do jogo do desenrolar, o produto era posicionado no chão para que os vendedores pudessem entretê-los com a riqueza dos detalhes e as diferentes estampas. Nesse meio tempo, entre um tapete e outro, foi servido um chá de maçã bem quente para ambos. Théo, que não gostava nem um pouco de chá, não ousou recusá-lo depois dos olhares acusadores de sua guia para que fosse mais gentil. Mal sabia que o chá quente era uma manobra orquestrada para que ele apreciasse a bebida por um longo período e ficasse tranquilo comprando dentro da loja. Enquanto manobrava a xícara quente no seu colo e tentava não desviar o olhar para nada diferente do que estava sendo exposto diante dele, o barulho de um celular teimou em tocar.

Luisa olhou para a tela do seu aparelho: era uma chamada de Kadir. Seria melhor atendê-lo antes que voltasse a tocar. Ela fez um simples sinal para que Théo ficasse onde estava e saiu apressada do recinto. Não se sentia confortável de deixá-lo sozinho, ainda mais sabendo que Fatih poderia demorar uma eternidade mostrando todo o seu precioso estoque – como ele sempre dizia – e o cliente perderia a vontade de comprar. Ela com certeza estava mais interessada no produto do que Théo. Uma passadeira no tom verde oliva ficaria perfeita na entrada do apartamento do seu namorado. Quem sabe conseguiria convencê-lo de comprar uma?

Kadir queria apenas saber se estava tudo certo com Luisa. Nunca era fácil ficar dentro de um hospital com alguém doente da família, mas permanecer preso num quarto deixara-o completamente entediado. Seu trabalho era bem enérgico, nada enfadonho, e Kadir apreciava muito poder exercitar o corpo durante o expediente. Quando enfrentava o período de baixa temporada, nos meses de inverno, ele procurava expandir suas pesquisas por novas lojas parceiras, restaurantes pequenos com algum diferencial no atendimento ao turista, enfim tinha que mexer o corpo e andar pelas ruas de Istambul. Ficar parado no computador da agência não lhe agradava nem um pouco. Chamava essa tarefa de “trabalho robótico”, de tão mecânico que tudo aquilo parecia para ele. Antes de desligar, Kadir deixou claro que se esforçaria para dormir com sua namorada naquela noite. Osman ficaria com a mãe no hospital no período noturno, caso ela ainda precisasse pernoitar.

Ao voltar para o andar de cima da loja, Luisa surpreendeu-se com a cena. Théo estava em pé próximo ao balcão do caixa, rindo e fazendo piadas com

Fatih. Os dois haviam encontrado um assunto de grande interesse para ambos: futebol, a paixão nacional de muitos homens brasileiros. A xícara de chá estava intacta ao lado da mesinha do sofá, mas a missão da escolha do tapete tinha sido cumprida.

– Já decidi pelo presente da sua mãe, Théo? – questionou-o curiosa.

– Tapete escolhido, maravilhoso – soltou sorrindo. – Fatih me ajudou a escolher, e ele tem bom gosto.

– Posso ver? – perguntou Luisa, tentando esconder a sua pontada de desapontamento por não ter participado da decisão.

– É aquele ali em tom de vinho. – Apontou para o centro da sala. – O tapete estava por cima de uma montanha de outros modelos.

Fatih pediu licença e se afastou deles para fazer o recibo.

– Lindo! Parabéns pela escolha. – Ela passou suavemente os dedos pelos fios para sentir a maciez do produto. – É clássico, vai ficar bom em qualquer lugar na casa da sua mãe.

Théo fechou o sorriso e ficou mais sério.

– Acho que sim. Será um bom pretexto para aparecer por lá e minimizar a nossa situação.

– Vocês se desentenderam?

– Eu não colocaria dessa maneira... Mas sim, eu e minha mãe divergimos em algumas ideias sobre o meu futuro. O meu pai é um pouco mais aberto a mudanças.

– Posso perguntar o motivo ou estou sendo enxerida?

– Um pouco enxerida, mas eu não ligo – pronunciou em resposta, dando um leve apertão no queixo dela como uma brincadeira provocativa. – A verdade é que ela acha imatura a minha decisão de pedir demissão de um emprego fixo e ter um ano sabático. Estou inclinado a fazer isso e dar um tempo para pensar. Por que precisam ser tão dramáticos com a vida?

– Os pais tendem a saber o que é melhor para a vida dos filhos sem lhes

perguntar o que realmente almejam no fundo da alma. De drama, eu entendo bem – declarou Luisa sem medo.

Théo balançou a cabeça agitado.

– Olha, chega disso – ponderou ele, assim que Fatih voltou com a fatura do tapete. – Presente escolhido, agora rua. Ou a senhorita vai me deixar em lojas o dia inteiro?

– Humm, que nada, agora vem a melhor parte de todas: passeio no Bósforo – anunciou eufórica.

O dono da loja retornou para junto deles.

– Luisa, não deixe de levá-lo à Torre de Gálata – sugeriu.

– Claro. Finalizaremos o dia lá. – Naquele momento, observou que o funcionário trazia tapete embrulhado em um pacote preto com duas alças.

– Você já pagou, Théo?

– Sim.

– Parece que na minha ausência você soube ser rápido.

Ele esboçou um sorriso malandro.

– Sei me virar sozinho – replicou triunfante.

Luisa resolveu não contradizê-lo, afinal ele tinha toda a razão. Ela sabia que Théo não precisava da ajuda dela para passear por mais um dia em Istambul, e já tinha sido revelado que ela não fazia parte da equipe da Unique ao qual ele havia contratado os serviços do Brasil. Então o que ficou claro para ela era que ele buscava uma companhia durante aqueles dias, e isso Luisa podia lhe oferecer. Na verdade, estava sendo dominada por um desejo incontrolável de ficar ao lado dele.

Com um breve sorriso, eles agradeceram Fatih que, de maneira gentil, ofereceu-se para entregar o tapete no hotel de Théo. Tudo se encaixou perfeitamente, pois os dois ainda andariam pelas ruas de Istambul por um longo tempo. Não seria nada conveniente ter algo em mãos para carregar, ainda mais um objeto pesado como o que ele acabara de adquirir.

– Ficou satisfeito? – ela quis saber assim que saíram da loja.

– Muito.

– Ótimo. Chega de compras por hoje. Vamos curtir o sol que você tanto gosta em um passeio de barco.

– Agora está falando a minha língua.

Luisa saboreou com satisfação a animação dele ao falar de barco e foi dominada por um arrepio de felicidade sem controle.

Nas margens do Bósforo, os suntuosos monumentos reluziam à luz intensa do dia, principalmente as cúpulas das mesquitas, rodeadas de gaivotas prestes a fazerem seus ninhos. No inverno, a paisagem comportava-se completamente diferente daquela vista por eles: a neve deixava tudo preto e branco em uma Istambul mais melancólica. Navegar pelas águas do Estreito de Bósforo era como estar em dois lugares ao mesmo tempo, pois existia uma ligação entre o Mar Negro e o Mar de Mármara. O sol ainda estava alto no céu, e os raios, muito mais quentes do que quando saíram do hotel. Como eles dois estavam sentados lado a lado na embarcação e ela sabia que permaneceriam assim por duas horas, Luisa procurou acomodar-se mais afastada dele. Seu olhar estava perdido ao longe, tentando decidir se buscava uma bebida ou ficava inerte ali mesmo. Quis pegar na mão dele mais uma vez, apenas um toque carinhoso e nada mais, mas desistiu de qualquer reação quando assumiu para si que tinha um namorado e que não gostaria de magoá-lo. Caso Théo continuasse a passear o olhar pelo corpo dela e insistisse em jogar todo o seu charme para conquistá-la, isso dificultaria bem o seu recuo. Luisa queria que ele dissesse as palavras: “Também pensei em você esses anos todos e senti uma saudade louca”. Poderia não ser exatamente desse jeito, mas serviria qualquer declaração que afirmasse que o destino fora cruel com eles, qualquer coisa que a fizesse derreter e se desviar de seus princípios de fidelidade.

– Como é esse seu plano para o futuro? – ela questionou, como se a conversa da loja não tivesse tido uma grande pausa até o trajeto ao Bósforo.

– Quero conquistar uma boa posição na próxima regata. E você, planejou algo?

A expressão dele era de provocação.

– Confesso que estou insegura com o meu futuro.

Théo não soube como reagir àquela resposta inesperada. Poderia jurar que Luisa soltaria uma lista de desejos femininos próprios da idade dela. Sua irmã mais nova sempre declarava que queria se casar antes dos trinta anos, que almejava ter uma carreira de sucesso em uma multinacional engajada em projetos sociais e que queria ser financeiramente independente logo. Os filhos viriam em um momento maduro e oportuno no seu trabalho. Esse era o discurso que escutava do lado feminino dentro de casa.

De uma hora para outra, uma criança com camiseta e boné de baseball aproximou-se deles e lançou a bola em direção ao mar. A mãe chegou logo depois, a tempo de vê-lo aprontar, e o reprimiu dando palmadas na mão do menino. A batida foi fraca, e a criança não chorou, apenas esboçou um bico de desapontamento por ter levado a bronca e por ter ficado sem a bola para um próximo jogo.

Théo continuou em silêncio, observando a mãe retirar a criança e a cena se desfazer diante dele. Depois, sem pensar muito, aproximou-se mais de Luisa para apoiá-la e se preparou para falar, mas foi ela que abriu a boca primeiro.

– Você parece tão seguro de si quando menciona o seu projeto. Não bate um medo em algum momento que está no meio do mar sem nada? – perguntou, franzindo a testa ligeiramente.

– Claro que tenho medo, Lisa, mas tento focar nas lições que deram certo em outras regatas, e ganho garra para avançar. Não tenho medo da morte, isso eu não tenho.

Luisa inclinou a cabeça pensativa.

– Sei lá, eu acho que eu tenho. – Uma pausa, e ela continuou a questioná-lo. – Fica ao menos nervoso antes da competição?

– Também não.

– Eu imaginei que até um tricampeão ficasse nervoso, com a adrenalina a mil antes da chegada ao pódio.

Ele apenas murmurou:

– E se eu, por acaso, ficasse um pouco nervoso nessa situação? O que você me diria, Lisa?

– Feche os olhos.

– Como?

Ela foi incisiva.

– Faça o que estou dizendo, feche os seus olhos – ela repetiu. – Respire pelo nariz e solte o ar devagar. Três segundos você inspira, seis segundos você expira.

Ele girou o pescoço como um alongamento e fez exatamente o que ela mandou. Enquanto Théo fazia o exercício tentando obter alguma concentração em meio ao ambiente em que estavam, Luisa finalmente colocou as duas mãos no ombro dele, tocando-o como uma pinça apenas com as pontas dos dedos.

– Solta a musculatura também. Está travado feito uma pedra – observou ela. – Vamos, inspire e expire. – Ela notou os lábios dele desgrudarem deixando uma pequena abertura entre eles.

A imagem dos dois juntos no sítio vendo as estrelas passou em detalhes pela cabeça dela. O brilho intenso das estrelas, a sutileza com que ele a tocou, seus beijos fogosos com gosto de bala de menta, que eles provaram muito antes de se sentarem ao luar. Eram um casal de adolescentes afoitos que ansiava por sentir qualquer pedaço de carne. Queriam experimentar de tudo que o mundo pudesse lhes oferecer.

Ela retornou ao momento.

– Como se sente agora?

– Muito bem – respondeu ele, assim que abriu os olhos devagar.

Pela primeira vez desde que eles se reencontraram, Luisa não parecia ansiosa nem nervosa por conversar com Théo. O exercício de relaxamento feito nele a deixara calma também. Ela virou o rosto na direção dele e o

encarou diretamente nos olhos. Por algum motivo, estava ganhando confiança e decidiu lhe perguntar o que há tempos martelava em sua cabeça.

– Como conseguiu superar a injustiça cometida no acidente da cachoeira?
– Ela colocou a mão sobre os olhos para tapar o sol que, apesar de gostoso, mantinha seu brilho forte ofuscando-lhe a visão.

Ele não titubeou em respondê-la.

– Eu tinha duas escolhas: fazer-me de vítima e acabar com a minha vida ou tentar tirar alguma lição daquele trabalho voluntário. E sabe o que mais? – questionou-a. – Fiz grandes amigos no hospital e, no final da pena, aquilo não era mais um sacrifício. Consegui sentir prazer de verdade em ajudá-los.

Os olhos de Luisa estavam marejados de lágrimas ao ouvi-lo. Podia simular que os olhos ardiam do vento que batia na área externa onde estavam no barco, mas mentiras já não cabiam mais entre eles. Ela precisava lhe dizer algumas coisas e não sabia nem por onde começar. Foi então que deixou o seu coração guiá-la.

– Eu sinto muito, Théo. Juro que sinto. Me perdoa? – Ela soltou as palavras como se liberasse um pesado fardo em suas costas. Precisava lhe pedir perdão ou nunca se perdoaria por ter sido injusta com alguém que tanto amava. – Após a recuperação do Murilo foi que ele teve condições de me contar a verdade de como tudo aconteceu na cachoeira, isso seis meses depois – revelou envergonhada. – A Marília mentiu para mim e eu fui tola por acreditar nela, não em você, mesmo você me relatando na nossa última conversa os fatos como aconteceram.

Ele enxugou as lágrimas que escorriam do rosto dela. Vê-la chorar deixou-o desesperado, com vontade de aninhá-la em seus braços. E foi o que ele fez logo em seguida. Abraçou Luisa com força. Ela deitou a cabeça no ombro dele, enquanto tentava se recompor do choro. Dane-se que ela namorasse, ele queria tê-la a todo custo – pensou Théo injuriado.

Estavam usufruindo de uma troca mútua de fortes energias de cura e alívio das dores provocadas no passado, quando Théo se assustou com algo jogado em seu colo de repente. Ela o soltou por impulso, também sentindo que um objeto a havia tocado e sem saber dizer o que era. Ambos olharam para a luva

marrom de couro apoiada nas pernas de Théo. Depois notaram que o pequeno garoto, que outrora fora repreendido pela mãe, encarava-os com seus grandes olhos negros como bolinhas de gude. A criança ficou parada aguardando a reação do casal. Estava com medo de receber mais uma bronca no dia. Muito antes de a mãe alcançá-lo, Luisa começou a sorrir para Théo e depois para o garoto. O gesto deixou o menino mais confortável. Ele então pegou resabiado o que lhe pertencia da mão dela e saiu. Ele não tinha entendido se a mulher chorava nos braços daquele homem porque atacada por uma luva de beisebol americano ou se ela sofria de alguma dor no corpo. Mal sabia o garoto que a dor de Luisa não era doença grave, mas vinha intensamente do peito e estava com ela desde que, de uma maneira errônea, tinha se separado de Théo.

– Está tudo bem – pronunciou ele, afagando-lhe os cabelos ruivos. O sol da tarde fez com que eles brilhassem ainda mais.

– Obrigada por ter entrado na minha vida muito cedo.

Eles se olharam com cumplicidade, tentando entender o significado do reencontro.

Ela se encostou de volta no banco, observando pela primeira vez a delicadeza do vento em seu rosto e notando o que se passava à sua volta. Um casal de namorados beijou-se à sua frente – talvez tivessem a mesma idade que eles quando haviam namorado.

Luisa ainda estava cética a respeito da teoria dele de sair desenfreado pelo mundo.

– É difícil saber se somos livres de verdade. Vivemos em uma sociedade cheia de exigências comportamentais – disse ela, avaliando os seus próprios passos até aquele momento. – Você realmente se sentirá livre quando deixar o seu trabalho?

– Por um tempo, creio que sim. A imensidão do mar lhe dá inúmeras opções a seguir, mas no fundo eu sei que essas opções são reduzidas com rotas pré-estabelecidas.

Ela assentiu.

– Isso é verdade. Já sentiu uma sensação de vazio?

Ele tocou o ponto do coração dela.

– Sim, aqui dentro.

– É, então acho que você me entende.

– Talvez levar a vida com limites, como nossos pais pregam, seja bom ou ao menos reconfortante para muitas pessoas. Eu não sei mais.

– Eu quero vencer os meus limites, pois meus medos me aprisionam – ela se abriu totalmente para ele. – Théo, você me fez perceber muitas coisas que estavam ocultas dentro de mim – confessou de uma maneira espontânea e depois voltou o olhar em direção às águas do mar, refletindo sobre a força de suas próprias palavras. As esplêndidas casas de veraneio traziam vida às margens e despertavam a curiosidade dos turistas que navegavam. Na primeira vez que passeou por ali, ela se deixou sonhar com uma vida de luxo como a daqueles moradores.

Ele sorriu lascivamente. As férias estavam transcorrendo de um jeito inimaginável, de uma maneira surpreendente. Se o lado exótico da Turquia o fizera embarcar para longe de seus problemas e das suas indecisões, agora Théo era embalado por um sentimento ambíguo de ânsia de uma liberdade suprema e de necessidade de se ancorar em algo reconfortante – como ter Luisa em seus braços.

O barco retornou ao porto de Eminonu, seguido pelo lindo voo de algumas gaivotas. Os dois, que ainda estavam embalados pela tranquilidade do passeio, transitavam na fronteira entre dois mundos.

Ela voltou ao presente e disse:

– Podemos fazer o passeio tradicional à Torre de Gálata ou...

– Olha, eu não quero nem saber, estou dentro da opção ou... – Ele esboçou novamente o sorriso maroto, o preferido dela. O azul dos olhos dele estava bem mais claro quando eles se levantaram.

– Eu não pensei em nada demais, mas estou com fome – declarou Luisa, apalpando a barriga com as mãos e olhando para o relógio de pulso que

marcava duas da tarde. – Nós poderíamos comer um lanche aqui perto. O que você acha?

– Eu topo, você é a minha guia. Minha guia preferida.

Quanto mais ela olhava para ele, mais parecia que a primavera de 2009 brotava à sua frente.

Aquele momento, com os dois sentados no banco da praça e debruçados em seus sanduíches, pareceu harmônico aos olhos de quem os via de fora. Eram como um jovem casal que desfrutava do horário do almoço numa proposta despojada ao ar livre. Théo pegou no pé de Luisa, dizendo que duvidava que um sanduíche vegetariano pudesse proporcionar prazer e ser saboroso. Ela respondeu às suas provocações com fortes argumentos da filosofia que optara seguir havia um tempo. No fundo, não estava nem um pouco aborrecida com aquela conversa, era divertido mostrar o seu mundo a Théo. Ele mastigou bem a comida, parou de provocá-la por um tempo e fixou os seus olhos nos dela para escutá-la defender os resultados positivos em sua vida após mudar-se para Istambul.

Luisa apoiou o seu chá gelado na estrutura de madeira do banco, enquanto amassava o papel dos últimos vestígios do almoço. O celular vibrou na bolsa e ela ficou um pouco apreensiva de ser Kadir. Um resquício de culpa tomou conta dela por estar cumprindo bem até demais a sua função de guia.

– Alô.

– Oi Lisa, é Azra.

Ela arfou aliviada.

– Oi, querida! Está tudo bem?

– Tudo caminhando, Lisa, por isso eu estou te ligando. Acho que agora já reunimos algumas evidências do motivo do alarme ter tocado. Posso contar com alguns minutinhos do seu tempo para dialogar com você?

– Coloquei-me à sua disposição e mantenho a minha palavra. Posso passar aí amanhã à tarde?

– Quando puder. Não quero atrapalhar a sua agenda, por favor.

– Então fica bom assim. Por volta das quinze horas apareço aí no seu escritório – destacou o horário agendado.

– Muito obrigada mais uma vez pela sua ajuda, Lisa. Até mais.

Théo terminou o seu sanduíche e aguardou a ligação terminar.

– Azra quer que eu volte ao Palácio amanhã – explicou-lhe. – Parece ter alguma ideia de como os assaltantes pretendiam roubar a jóia, e eu acho importante dar apoio à prima de Kadir. Você se importaria se amanhã finalizássemos o tour mais cedo do que o prometido?

– De jeito nenhum. Eu paguei por hora – brincou ele. – E tem mais uma coisa – ponderou, logo na sequência. – Eu quero ir lá com você.

– Mas Théo, você não precisa se desgastar com isso. Eu posso me apresentar sozinha de testemunha. Já fizemos a nossa parte contando o que vimos, ou melhor, o que não vimos – sorriu com o cenário cômico em que havia se metido. Era para ela apenas ajudar Kadir por algumas horas, distraindo um cliente desconhecido. No entanto, ela estava enrolada com o seu ex em uma situação de testemunha de uma tentativa de roubo de um diamante preciosíssimo. Até parecia história para um livro, pensou reflexiva. – Bem, não vou discutir com você sobre a sua programação de férias.

– Acho ótimo não discutirmos mesmo porque eu quero ir.

Luisa deu de ombros para a observação dele sobre o seu forte querer. Ele não era de brigar, e ela também não estava nessa energia.

– Temos ainda uma hora e meia antes do meu encontro com Kadir. Quer ir andando até a Torre de Gálata ou...

Dessa vez, ele a interrompeu eufórico, deixando-a completamente perdida em sua fala.

– Vamos alugar uma bike e percorrer a cidade? Imagino que você conheça lugares não turísticos.

Bem típico de Théo, sair do comum. Por que não conseguia sair da caixa e pensar como ele? Puniu-se mais uma vez. Claro que ele não tinha medo de enfrentar o mar, ele adotara a maneira de atravessar as altas ondas da vida

sem grande alarde.

– Ah, Sr. Mendes – sussurrou aos ventos. – Você vai se arrepender de não conhecer todos os pontos turísticos. – Começou a provocá-lo novamente. Estava adorando o jogo de sedução dele.

– Cuidado que estou mal intencionado – alertou-a com grande humor. – Nada de becos vazios e escondidos.

– Você me deu uma boa ideia. Venha.

Pegaram duas bicicletas do posto de aluguel em um ponto de rua e saíram felizes pedalando, cada qual curtindo a sua liberdade, o seu autocontrole. A avenida principal estava movimentada com o mundo de carros que se formava, porém nos planos de Luisa estava fugir daquilo o mais rápido possível. Pedalaram depressa, colocando força nas pernas. Ela ia na frente e ele atrás, até que puderam pegar uma rua estreita à direita, escapando do caos. A rua pequena e arborizada surgiu como água no deserto, o ar de tranquilidade reinava e transmitia uma paz profunda. A vontade dela era diminuir a velocidade e bisbilhotar cada detalhe das casas ornamentadas com flores, mas o momento não era oportuno – ela queria manter uma distância curta de Théo. Em seguida, os dois ficaram lado a lado nas bicicletas e Luisa percebeu que ele estava bem, transbordava felicidade, o que significava que ela estava cumprindo perfeitamente a sua missão de boa anfitriã. Chegou a pensar que poderia ter mais disciplina para malhar, já que pedalar era o seu exercício aeróbico favorito. Deveria se esforçar para adotá-lo em sua rotina. A yoga e meditação já estavam em sua agenda semanal mas, com um mínimo de esforço, pedalaria algumas vezes para chegar ao seu trabalho na Universidade.

Depois de um tempo passeando, Théo pediu para parar próximo à calçada. Ele avistou um bar e entrou para comprar uma garrafa de água para eles, enquanto Luisa tomava conta das bicicletas. Quando ele retornou com as garrafas é que ela percebeu o quanto pedalaram e como estava com sede. Ele lhe estendeu a água e abriu a boca para falar algo que não queria dizer, mas precisava.

– Na quinta-feira embarco para a Capadócia.

A revelação dele por algum motivo transmitia tristeza, não a empolgação esperada do turista por percorrer uma nova cidade. Por quanto tempo? Uma melancolia ficou visível em sua fisionomia. Ela parou de beber a água no mesmo instante, parecendo, aos olhos de quem a observava, que a sede já tinha ido embora, mas não, sua boca estava mais seca do que nunca.

Théo assumiu uma postura diferente, mais séria. Seus olhos estavam totalmente fixos nos de Luisa, demonstrando sua determinação. Ela continuava imóvel, sentada na bicicleta, e lentamente ele se aproximou dela. Passou a mão em seu rosto demorando um pouco mais na boca, deslizando o dedo no lábio inferior, como se afagasse algo precioso. Quando não conseguiu mais se conter, beijou-a com um desejo ardente. O coração de Luisa disparou no mesmo instante, parecia estar na garganta. A última coisa que poderia imaginar na vida era que seu ex pudesse se interessar por ela. A familiaridade do gosto do beijo dele invadiu suas lembranças fortemente, provocando espasmos de prazer e deixando-a enternecida. Seu pensamento não dava espaço para mais nada que não fosse se entregar ao momento presente. Queria desesperadamente tê-lo dentro dela. Com os corpos colados, ela sentiu o membro rígido dele, e isso a atçou ainda mais. O toque dos lábios dele nos dela eram suaves beijos molhados com gosto de desespero. Estavam juntos novamente por um singelo momento cósmico. O universo trouxe Théo por algum motivo para Turquia e, conseqüentemente, para próximo de Luisa.

Ele abriu os olhos e sorriu para ela, sem culpa alguma. Estava difícil manter o autocontrole, mas lembrou-se que estavam na rua.

– Não consegui mais me conter, juro que tentei.

– Nenhuma criança arremessou uma bola qualquer para nos afastar dessa vez – gracejou Luisa.

– É verdade. – Ele olhou para os lados como se vigiasse o entorno e roubou um selinho dela.

– Na tradição islâmica, perdoar o outro é abrir uma porta para Deus entrar.

– Shhh... não quero mais você pensando nesse assunto. Está tudo bem de verdade, eu já disse. – Théo percorreu com o dedo o nariz reto e perfeito de

Luisa e ela abriu um sorriso descontraído. – Tenho uma sugestão.

– O que é?

Ouviram as vozes de um grupo de homens conversando passarem por eles, no entanto nenhum dos dois desviou o olhar. Estavam compenetrados no mundo particular deles e de mais ninguém.

– Guardei uma moeda no meu bolso. – Ele colocou-a na palma da mão para mostrá-la a ela. – Se der cara, você estará livre de mim novamente, apenas um beijo inocente para a despedida. Mas se der coroa, terei a chance de algo mais.

– Não sei. Preciso pensar.

Théo jogou a moeda para o alto, recolheu-a e a colocou na palma da mão de Luisa sem dar ouvidos à resposta que ouviu. Ele pôs a mão sobre a dela, escondendo o resultado por algumas frações de segundo. Os olhos dele brilhavam com o suspense, fitando-a sem desviar. Ela tremia por inteiro. Dos fios dos cabelos até as pontas dos pés tudo formigava em seu corpo. Ele suspendeu a mão com calma e disse:

– Coroa.

– Coroa – ela repetiu em choque.

– Ok, mas e agora?

– Precisamos devolver as bicicletas ou pagaremos uma multa preta no meu cartão. – Luisa sacudiu a cabeça despretensiosamente, e voltou à realidade. Estava sem saber como reagir. Não era justo ele vir com brincadeiras de criança e mexer com os sentimentos dela. Que algo mais passava pela cabeça dele? – Estou atrasada para encontrar Kadir em casa. Vamos acelerar novamente.

Théo ficou calado e guardou a moeda no bolso novamente, compreendendo que deveria ignorar a brincadeira. Ele tinha que ir com calma – pensou.

Retornaram à rua pelo mesmo caminho pelo qual vieram. Naquele horário, os raios de sol penetravam sutilmente nas copas das árvores, causando

desconforto aos olhos desprotegidos por óculos escuros. Eles devolveram as bicicletas no mesmo posto de aluguel a tempo de completar uma hora cheia.

– Vou te deixar no hotel e de lá irei para casa – disse ela solene.

– Não vejo necessidade, Lisa, eu vou de táxi agora. Estamos perto, não estamos?

– Sim, realmente não está longe. Vou organizar o meu dia e te aviso quando estiver saindo de casa amanhã. Se você desistir da missão Topkapi, inventa alguma desculpa, tá?

Théo caiu na gargalhada com a observação irônica dela. Ao menos ela não tinha ficado brava com a história da moeda.

– Uma dor de barriga lhe convenceria?

– Talvez. Você terá que me contar o que comeu no jantar para me convencer.

– Vou me poupar, quero vê-la amanhã.

Ela sorriu sem jeito, despediu-se de Théo e saiu andando em direção ao metrô. Não queria deixar Kadir esperando muito. Assim que se sentou no banco do metrô, o seu celular apitou no whatsapp com uma mensagem.

THÉO

Adorei ficar com você hoje. Doces lembranças.

Sem perceber ela soltou um suspiro gostoso, aquele suspiro que vem do coração.

LISA

Eu também adorei nosso dia juntos.

THÉO

Beijos no cantinho da boca.

Ela sorriu emanando uma felicidade singela.

LISA

Beijos no cantinho da sua boca.

CAPÍTULO 9

Luisa estava completamente perdida quando acordou enroscada nos braços de Kadir. O lençol branco de seda jogado aos pés da cama não fez a menor diferença durante a noite porque ela foi aquecida pelo calor do corpo dele junto ao seu. Talvez porque ele estivesse muito tempo preso dentro do hospital lutando contra a falta de movimento habitual no seu cotidiano ou por ter ficado longe de sua namorada por intermináveis quarenta e oito horas, isso Kadir não sabia identificar ao certo. O fato foi que os dois namorados se amaram na noite passada com um misto de urgência e de fervor como nunca tinha acontecido antes.

Quando Luisa levantou-se da cama, um pouco antes de Kadir, e lavou seu rosto em frente ao espelho do banheiro, ela pode notar algo diferente em seus olhos. A satisfação percorreu o seu corpo ao lembrar-se das últimas horas, no entanto sentiu algo familiar dentro dela, uma pequena sombra de culpa que passava rapidamente por seus pensamentos. O tesão que sentiu por Théo no beijo próximo à bicicleta havia sido transferido para aquela última transa. Ela jogou água fria no rosto para sentir-se mais desperta. Seria mais fácil se essa água límpida que jorra da pia de mármore tivesse o poder de clarear meus medos e dúvidas – ponderou em devaneio.

– Lisa – chamou Kadir, ainda deitado na cama. A água caía na pia e ele sabia que ela estava por ali.

Luisa espiou pela porta com apenas um olho aberto, enquanto terminava de enxugar o rosto sem pressa e curti o perfume de rosas do amaciante da toalha, mas ele não a viu. Ao olhar-se novamente no espelho, notou que estava com uma aparência saudável, sua pele branca estava levemente rosada nas maçãs do rosto. O passeio de bicicleta havia lhe feito muito bem. Ela voltou para o quarto assim que ouviu Kadir murmurar o seu nome novamente e sentou-se na cama. Queria curtir mais um tempo de preguiça estirada no colchão. Ainda estava cedo para sair.

– Vai querer o café aqui ou faremos na cozinha? – perguntou ao namorado.

– Ah, linda. Aqui na cama está tão bom, não?

– Eu concordo, estou com uma preguiça louca hoje, mas preciso de um café ao estilo turco. Sabor encorpado e com especiarias – detalhou. – Vou buscar para nós dois.

Kadir apenas balançou a cabeça em sinal afirmativo e abraçou o travesseiro dela assim que ela saiu.

Os últimos acontecimentos haviam mudado o humor de Luisa. Os pássaros cantavam mais alto e mais afinado na janela da cozinha quando recolheu as cortinas. O tempo parecia desfilir ao longo do dia, e ela parecia mais ansiosa olhando o celular a toda hora. Por mais que tudo estivesse igual, cada coisa no lugar que sempre esteve desde que chegara naquele país, ela estava diferente e não sabia se os outros, incluindo Kadir, reparariam nessa mudança.

Levou os cafés até a cama e depois foi a vez de Kadir providenciar algo para eles comerem. A televisão do quarto ficou ligada por um bom tempo, e isso provavelmente esticou a preguiça dos dois por um período maior do que tinham imaginado. Quando Azra ligou para confirmar o horário da ida dela ao Topkapi, foi como se um despertador tocasse no quarto.

Luisa correu para tomar banho e ficar pronta rápido, porém percebeu que estava atrapalhada ao escolher a roupa do dia. Alguns pensamentos perambularam por sua cabeça assim que escolheu a primeira peça do armário. Ela estava excessivamente preocupada em estar bonita. Os cabelos deveriam estar alinhados, mas não estavam como ela gostaria; seu vestido azul-claro era largo demais em seu corpo magro, e o busto pequeno a incomodava mais do que nunca naquele momento. Ela ajustou um cinto dourado na cintura e sua expressão continuava em dúvida, posicionando-se de um lado e do outro para se observar no espelho do closet. Kadir passou por ela no instante em que Luisa se contorcia para observar o seu traseiro e saber se o vestido era muito curto para transitar por Istambul. Ela deu um pulo de susto ao notar que tinha mais alguém no recinto. Kadir soltou uma gargalhada espontânea.

– Está tudo em cima, posso lhe garantir.

Ela torceu o nariz.

– Será? Acho que vou voltar a pedalar. – Deu uma resposta despreocupada, como se o foco em questão fosse realmente a estética de seu corpo, e não a ansiedade de encontrar-se com Théo.

– Vai por mim. – Kadir a beijou sutilmente, e despediu-se.

Ele passaria na agência no período da manhã e buscaria a mãe que sairia do hospital, próximo ao horário do almoço. Sua rotina voltaria a se estabilizar muito em breve, assim imaginou esperançoso.

Ao dirigir para o trabalho, falaria com o irmão pelo viva-voz e se certificaria do horário certo da liberação. Sentia-se grato pelos médicos relatarem não ser nada grave com a saúde da mãe, era apenas um caso leve de pancreatite. Imaginou algumas doenças que escutava nas conversas casuais sempre em tom de horror. Sua querida mãe deveria ganhar o troféu do Oscar do ano, melhor atriz e não atriz coadjuvante do seu círculo de pessoas próximo chamado família. Ela com certeza concorreria na categoria drama sem fim, e Osman tinha razão quando reclamava desse peso, mas quem estaria certo disso sem uma opinião médica? Dessa vez, tinha tido realmente algo significativo. Até mesmo a equipe do hospital havia sido cautelosa com a idade dela, sugerindo uma batelada de exames antes de liberá-la com algumas instruções a respeito do tratamento da doença.

Quando Luisa terminou de se maquiar, olhou para a tela do seu iPhone, conferindo se havia alguma nova mensagem. Théo foi decisivo ao dizer que gostaria de participar da reunião com Azra, e foi ela que combinou de avisá-lo quando estivesse saindo. Ficou um pouco em dúvida se deveria provocar mais esse encontro, no entanto seus dedos já haviam digitado um bom dia e clicado no botão de enviar, quando ela se deu conta. Finalizou com o seu batom rosa preferido nos lábios. Foi então que o celular soou um pequeno barulho característico do whatsapp.

THÉO

Oiê. Dormiu bem?

LISA

Sim, e você?

THÉO

Ótimos sonhos.

LISA

Vou trabalhar na Universidade agora. Podemos nos encontrar em frente ao Palácio Topkapi às 15 horas?

THÉO

Fechado.

LISA

Até mais tarde.

THÉO

Até.

Bem, então ele vai mesmo. Tudo bem, vai ser bom ter uma ajuda de uma pessoa com conhecimento técnico em segurança. Qualquer desculpa valeria naquela ocasião, Luisa tinha que se apoiar em algo para fugir da culpa de querer vê-lo após os beijos memoráveis do dia anterior. Se antes ela achava que somente ela poderia ter uma recaída, agora não estava mais tão certa disso. Sentiu um estranho nó no estômago, recolheu o celular da bancada do quarto, colocando-o dentro da sua pequena bolsa junto com a chave do

apartamento, e bateu a porta atrás de si.

Théo chegou um pouco antes dela. O hotel localizava-se nas proximidades e ele preferiu ir de táxi para não correr o risco de pegar a linha errada do metrô. Luisa havia lhe explicado como proceder, continuava teimando em ser a guia dele, mas ainda assim ler em turco estava fora de cogitação para um turista recém-chegado na cidade. As letras lhe pareciam uma simbologia enroscada sem alternativas para um chute de tradução qualquer. Talvez tivesse sido essa mesma situação de dificuldade que um amigo de Théo havia relatado ao visitar o Japão sem saber falar a língua. Na conversa casual, o amigo havia lhe dado a dica: ou você contrata um guia especializado ou vai demorar a chegar a qualquer lugar.

A reunião aconteceu muito mais pela proximidade de Azra com Luisa do que qualquer outra coisa sobre a tentativa de roubo. Ainda não tinham nenhum resultado concreto sobre como os assaltantes pretendiam retirar a joia do museu, apenas pistas. Tanto Luisa quanto Théo reafirmaram que não haviam visto ninguém suspeito no recinto. Os dois não assumiram que ficaram quase uma hora conectados ao facebook de Théo para verem os amigos antigos do colégio. Uns aparentavam mais idade, outros estavam bem-sucedidos na carreira escolhida. O fato era que eles vivenciaram por um tempo o ciclo de amigos comuns que possuíam. Estavam totalmente alheios às joias do museu ou a qualquer movimento diferente ocorrido naquela sala. Luisa apenas mencionou a Azra que estavam distraídos respondendo e-mails e que achou estranho não ter segurança posicionada na porta.

A única novidade até aquele momento era que a equipe de segurança notara o deslocamento do ângulo da câmera principal para obstruir a visão da joia. A alteração provocou um “ponto cego”, sem filmagem, justamente no tesouro principal do Museu.

– Estou suspeitando que o deslocamento do ângulo possivelmente aconteceu minutos antes de o alarme disparar – explicou Azra, em reunião privada com os dois dentro da sua sala. – Descartar a existência de hackers no sistema de segurança do Topkapi não é uma realidade. A tecnologia do museu é avançadíssima, mas não seria a primeira vez que um museu era invadido por um grupo de hackers.

– Com certeza – ponderou Théo. – Eles de maneira alguma precisam estar dentro do museu para comandar as câmeras. O trabalho todo é feito com apenas um computador que consiga entrar no sistema de vocês.

Luisa concordou com eles.

– Théo trabalha com tecnologia da informação – disse, olhando para Azra, como se quisesse comprovar que ele estava ali para ajudar e não trazia um turista a tiracolo.

Azra expressou contentamento em saber daquilo.

– É, eu sei disso, mas imaginei que estivéssemos blindados quanto a esse tipo de coisa. Investimos em excelentes equipamentos de segurança. Estamos falando de um tesouro de milhões de dólares.

– Nós sabemos disso, e os ladrões também – sorriu Théo.

– Mas, e o alarme? Por que tocou mesmo com o diamante ainda intacto dentro da caixa de vidro? – indagou Luisa, interessada.

Azra se pronunciou:

– Os fios foram ligeiramente gastos na tentativa de causar alguma pane no sistema e não funcionar, contudo o resultado foi contrário e disparou.

– Quer dizer que eles estiveram aqui antes – analisou Luisa, pressupondo que tudo havia sido milimetricamente planejado como nos filmes de roubo.

– Ah, claro. Já estou interrogando a equipe. Teve ajuda interna, não tenho dúvida – alertou Azra enfurecida.

– Você confia em todos, eu digo todos. – Frisou a última palavra como se quisesse destacá-la. – Os funcionários que estão à sua volta?

Azra torceu o nariz depois de pensar um pouco e confirmou as suspeitas de Luisa, respondendo à pergunta:

– Nem todos. E quer saber mais? Os assaltantes sabiam que seria um dia atípico, com o evento que tivemos. A equipe foi desviada para a sala de conferência e a maior falha, a meu ver, foi não ter a fiscalização de um homem em todos os pontos necessários.

Percebendo que não iria muito mais longe com os seus conhecimentos em segurança, Luisa distraiu-se com outros pensamentos.

– Temos uma nova exposição no museu essa semana, não é mesmo?

– Sim. Uma exposição intitulada “Tesouros Chineses” com cinco das famosas esculturas de terracota da China.

– Eu li sobre a inauguração e sua importância, mas ainda não a visitei. Tivemos o incidente do alarme e... enfim, eu e Théo decidimos ir embora depois.

– Quem sabe em outra oportunidade, não é mesmo? – sugeriu Azra com delicadeza. – Não quero mais tomar o seu tempo, querida. Nem o do seu amigo. – Ela apoiou a mão no ombro de Luisa dando indícios de que a reunião finalizara. – Agradeço a ajuda de ambos.

– Ah... – suspirou. – Lamento não poder ajudá-la com mais informações.

– É questão de tempo. Logo solucionaremos isso, não tenho dúvida. Agora é enfrentar a imprensa local dando explicações para que isso não se alastre internacionalmente.

– Há vários repórteres na porta principal – observou Théo, não sabendo como consolá-la na árdua tarefa.

Azra aproveitou a presença de Luisa para perguntar da família.

– Como está a tia Leyla?

– Ela está no hospital fazendo alguns exames. Kadir e Osman estão com ela. Não é nada grave.

– Por favor, peça para o Kadir me manter informada sobre a saúde dela. Se precisarem de algo, estou à disposição.

– Claro. Darei o recado. Obrigada, Azra.

– Os dois são tão apegados a ela, posso imaginar a aflição deles.

– São mesmo – concordou Luisa. – Mas fica tranquila que ela irá para casa ainda hoje.

– Tenho certeza de que ficará bem. Minha tia é bem carente. Deve estar adorando essa atenção, isso sim.

Luisa sorriu concordando. Estavam na porta do escritório da segurança quando se despediram de Azra.

Os dois ficaram calados enquanto percorriam lado a lado os corredores do museu. Somente quando já estavam no jardim de entrada e passaram pela fila de turistas formada para comprar o ingresso, foi que Luisa resolveu quebrar o silêncio entre eles.

– Obrigada por vir comigo aqui hoje. Você está de férias, poderia estar de pernas para o ar – brincou com ele.

– Não faz parte da minha índole deixá-la sozinha em qualquer confusão.

Ela sentiu sinceridade na voz dele, mas, mesmo que não fosse a intenção de Théo, aquilo a fez lembrar-se da sua traição do passado. Queria esquecer aquilo por completo, então sacudiu um pouco a cabeça de um lado para o outro. Tinha o costume de fazer aquilo desde pequena para apagar os pensamentos ruins.

– E agora? – indagou Luisa.

– Parece que temos mais um tempo juntos – ponderou Théo ao olhar para o relógio. – Quer caminhar em direção ao hotel? Preciso voltar em duas horas porque marquei um banho turco.

– Há, há, há. Você vai ver o que lhe espera.

Ele se virou para ela, os olhos arregalados e incrédulos.

– Como assim? Não vale a pena esse tipo de experiência?

– Super vale, eu recomendo – afirmou veemente. – Mas não deixa de ser totalmente diferente de qualquer banho que você tomou na vida. Pode apostar.

– Imagino que sim. Nunca paguei para tomar banho – rebateu ele, rindo. – O concierge do hotel que recomendou.

Luisa resolveu explicar o processo todo. Talvez assim ele não ficasse tão

agoniado como ela ficou na primeira vez. Ter alguém esfregando o seu corpo inteiro por uma hora, num ambiente quente como o que ficara, não tinha sido tão relaxante assim. Esfregar a pele para tirar o que está morto faz parte da limpeza islâmica.

– São várias etapas no processo do banho: esfoliar o corpo, hidratação com espuma, bolas gigantes feitas com o próprio sabão, e baldes e mais baldes de água na cabeça. Cuidado, o balde de água é jogado de uma só vez – alertou-o como cautela. – Eu estava desprevenida, então o líquido entrou na minha narina e tossi bastante. Deu vontade de pegar eu mesma o balde e fazer o serviço, mas me contive. O melhor que fiz foi prender a respiração. Com o tempo me acostumei ao ritmo da mulher que me dava banho.

Théo a provocou, depois de escutar todos os detalhes.

– Sai bem limpinho então. Vale por uma semana?

– Nem vou responder.

Uma moto tumultuou mais ainda o trânsito; passou acelerada pela rua, quase atropelando uma senhora que tentava atravessar, mas desviou para esquerda e nada grave aconteceu. Eles desaceleraram o passo ao escutarem os pneus derraparem bem próximo e retornaram a caminhar normalmente quando a moto desapareceu “costurando” entre os carros. Ele estava com as mãos no bolso da calça jeans clara, parecia um garoto. Ela notou que Théo continuava com o mesmo hábito de colocar os quatro dedos dentro do bolso como uma alça de apoio. Pareciam ser mais um casal perambulando por Istambul.

A presença dele não somente mexera com ela, como também a fizera remoer as adversidades com a sua família no Brasil. Nem tudo eram flores no relacionamento com os seus pais e os seus irmãos, mas mesmo assim sentia saudade de alguns momentos pontuais. Mesmo que cada um deles tivesse os seus defeitos, e Luisa tinha mania de listá-los em detalhes no seu caderno, eles eram a sua família. Uma estrutura física e emocional precária na visão dela, no entanto isso a puxava para o vínculo do pertencimento. Uma necessidade real de fazer parte de algo, mesmo que não fosse intencional. O sentimento de dor estava sempre com ela, tanto que ela já havia se

acostumado. Não havia se arrependido de permanecer nos planos de mestrado da mãe, aquilo a havia afastado da antiga imagem dela mesma, percorrendo os caminhos de crescimento e de abertura de consciência.

Nessa caminhada, passaram em frente a vários estabelecimentos comerciais, mas ambos estavam alheios a tudo aquilo. A conversa fluía muito mais fácil do que no primeiro dia do encontro. O clima permanecia agradável, e o ar fresco ajudava no exercício. Somente quando se aproximaram de uma barraca de sorvete turco, já bem perto do hotel, foi que Luisa chamou a atenção de Théo para algo ao seu redor.

– Dondurma. Sorvete turco – pronunciou entusiasmada.

– Parece algodão doce gelado.

Eles se aproximaram do produto.

O sorveteiro driblava o creme de um lado para o outro. Ao mexer a consistência alterava-se e parecia moldar perfeitamente no cone de biscoito do cliente.

– Quer provar? – perguntou ela, chegando mais perto do atendente.

– E por que não? Estou curioso.

– Eu não aguento. Isso é enorme.

– Toma comigo, eu não ligo de dividir. – Théo lançou o seu charme como podia.

Luisa concordou. Depois do show acrobático do sorveteiro manuseando a massa cremosa feita com leite de cabra, pegou uma colher de plástico para provar. Com um movimento desajeitado ela tomou o sorvete e sem perceber, sujou o canto da boca.

Théo limpou o rosto dela devagar e o corpo de Luisa ligou-se na tomada no mesmo instante. Não conseguia acreditar no poder do toque dele. Algo surreal.

– Você tem quantos anos? – brincou ele. – Conseguiu lambuzar-se de sorvete na primeira lambida – denunciou-a, enquanto continuava limpando o

cantinho da boca de Luisa.

– Estamos num impasse agora?

– Por quê?

– Eu devo ter oito anos, me sujando desse jeito. E você, sete, usando essa camiseta com um furo. – Ela apontou um pequeno rasgo na roupa dele, e Théo esboçou um sorriso, comprovando que fizera uma mala improvisada em apenas quinze minutos.

Toda aquela conversa gerou um clima de disputa, uma troca saudável de implicâncias, provocações e intimidade. O encontro com seu ex acionara definitivamente o seu senso de humor. Não queria assumir que se sentia feliz naquela fração de segundos, e um pensamento louco lhe ocorreu. Caso ainda estivesse viva no ano da invenção da máquina do tempo, ela colocaria aquele momento na lista de intenções para se ter uma prazerosa retrospectiva. Temia que ficar longe dele no dia seguinte pudesse ser algo que a deixasse com saudade.

Ao chegarem à porta de entrada do hotel, Luisa parou, insinuando que era o momento de sua partida. Prolongar aquela despedida seria no mínimo desnecessário. Afinal, havia sobrevivido sem ele nos últimos dez anos.

– Posso te ligar quando chegar à Capadócia?

– Claro, por favor. Ficarei tranquila em saber que você chegou bem.

Ele afastou dos olhos de Luisa uma mecha de cabelo rebelde. Tentou aproximar-se mais dela, segurou em suas mãos, mas ela recuou no mesmo instante.

– Melhor ficarmos por aqui – disse em um fio de voz.

– Confesso que ainda não compreendi a sincronicidade desse nosso reencontro.

– É, deve ter um motivo. Nada é por acaso. Talvez o entendamos mais lá na frente.

O olhar dele estava fixo no rosto dela, implorando uma resposta que ela

não conseguia dar.

– Que horas é seu voo amanhã?

– Às seis horas.

Luisa sorriu, tentando engolir as palavras que não saíam.

– Tá. Vamos nos falando pelo WhatsApp. Não some.

– Não vou sumir. Seu número está salvo nos meus contatos. – Théo mostrou o celular como se fosse um cofre seguro. – Obrigado, Lisa, por me mostrar o que Istambul tem de melhor.

– Eu sou uma farsa, Théo. Não trabalho como guia de turismo – soltou um risinho tímido. – Acho que fui um quebra-galho.

– Um excelente quebra-galho então.

– Obrigada. Pode recomendar a Unique para os amigos do Brasil? Vivemos de propaganda boca a boca.

– Claro – concordou, balançando a cabeça em afirmação. – Mas o que Istambul tem de melhor é você. – Ele não perdeu a oportunidade de cortejá-la antes da despedida. – Desculpe, tenho que ir.

– Eu sei. O banho turco lhe aguarda.

– É, estou sujinho.

Théo aproximou-se mais uma vez dela, dando-lhe um beijo no rosto. Dessa vez ela não se moveu, ficou completamente imóvel. Estava tremendo por dentro. Ela queria. O corpo dela dizia que queria desesperadamente aquele beijo. Ansiava por mais uma vez sentir o gosto dele, pela última vez ao menos. Mas... Droga! Enfureceu-se. Eu não posso me entregar desse jeito, pensou. Isso seria uma tremenda sacanagem com Kadir. Já estou nadando no remorso novamente. Parecia que um buraco estrondoso havia se instalado em frente ao hotel.

Pessoas iam e vinham nas calçadas, supostamente ocupadas com seus afazeres.

– Tchou, Lisa.

– Até logo, Théo.

CAPÍTULO 10

A comissária de bordo transitava pelos corredores da aeronave da Turkish Airlines, ainda em solo, conferindo se os cintos de segurança dos passageiros estavam afivelados. Théo permanecia tranquilo em sua poltrona, levemente sonolento com o horário das seis, decidindo se teria forças para folhear uma revista antes da decolagem. Na noite anterior, depois que tomou o banho turco, fez uma massagem relaxante para completar o pacote sugerido pelo falante concierge. Tudo aquilo gerou uma moleza no corpo. Apenas despejou as roupas do armário em sua mala, formando um ninho de tecido, jantou no hotel e tentou dormir cedo. Só não foi tão feliz na sua ideia porque teve dificuldade para pegar no sono e rolou na cama até madrugada alta.

Aquele voo lhe cairia como uma benção para repor as baterias antes de sua chegada à Capadócia, embora não tivesse muitos planos pré-estabelecidos para o lugar. A questão maior era visitar a região em apenas três dias. Percebeu que se sentia um pouco relutante em aventurar-se pela beleza dos vales coloridos, mas Lisa havia se instalado em seus pensamentos e ele tinha gostado muito de percorrer Istambul na companhia dela. Na verdade, não tinha muita saída: as passagens tinham sido compradas do Brasil, e ele nunca imaginaria encontrar quem encontrou. Agora, que já estava dentro do avião, era tarde demais para desistir e cancelar qualquer coisa.

Depois de algum momento com o pensamento preso em Istambul, fechou os olhos e a aeronave atingiu a velocidade certa para a decolagem.

Enquanto Théo observava as nuvens e saudava o amanhecer do sol, Luisa arrastava-se até a cozinha para a sua tão necessária xícara de café matutino. Do contrário, os olhos não se abririam por completo e o raciocínio continuaria lento, assim como o movimento de seu corpo. Sua agenda estava bem preenchida no dia, uma série de compromissos na Universidade a aguardava sem escapatória. Ela chegaria ao trabalho perto das oito da manhã para tomar conhecimento antecipado da pauta antes da reunião. A diretora da Universidade tinha a intenção de reformular o currículo do curso de especialização em Ciência da Religião para a próxima turma matriculada, e

Luisa havia sido convidada para se envolver nesse novo projeto. Seus conhecimentos técnicos em pesquisa ampliariam e facilitariam o processo de mudança almejado.

A mentalidade dos membros acadêmicos dos dias de hoje era diferente de alguns anos atrás. O desenvolvimento arrojado da tecnologia fez com que a informação transitasse pelas redes mundiais com maior facilidade, num período de tempo muito mais curto. A diretoria estava acompanhando esses avanços em vários cursos da Universidade e, embora não fosse o primeiro a sofrer com essas mudanças, era inevitável que uma hora isso recaísse também no curso de Ciência da Religião. A cronologia histórica permaneceria imutável, independentemente dos reflexos mundiais, mas a consciência da humanidade se ampliara com o acesso às informações, e isso não poderia mais ser ignorado nos estudos religiosos.

Depois de discutir todas as inovações do curso e, assim, cumprir com as suas obrigações na Universidade, a tarde caminhou para o seu fim, e Luisa pôde pegar a sua bolsa e se despedir dos colegas de trabalho. Ela tinha em mente passar na sua loja de chá preferida para comprar um pequeno presente para a sogra, que havia saído do hospital. Sarah, a vendedora da loja, saberia perfeitamente instruí-la para comprar alguma erva especial que agradasse à enferma, disso ela não tinha dúvida. Kadir ligou minutos antes, confirmando o jantar na casa da mãe dele. Assim, o presente seria mesmo oportuno.

Enquanto caminhava na rua rumo ao seu objetivo, Luisa avaliou como estava ansiosa para ter tempo de checar os seus últimos e-mails pessoais e as mensagens recebidas no WhatsApp. O dia tinha passado depressa, e ela se envolvera de cabeça no seu trabalho. Ficou um pouco mais animada quando avistou a fachada azul da loja de chá. Seus sapatos de bico fino haviam-na torturado o dia todo; uma ideia sem propósito causara o efeito indesejado aos dedos delicados de seus pés. Já tinha um tempo que havia adotado uma maneira mais informal de se vestir, algo mais condizente com a sua realidade e estilo de vida atual. Aquele sapato lindo de verniz creme costumava ser perfeito para o seu look de trabalho no Brasil – ela havia se inspirado no que estava na moda entre as colegas do último trabalho. Entretanto, sua realidade havia mudado muito desde que optara pela mudança de país e, por algum motivo, havia se esquecido como aquele tipo de calçado não combinava mais

com sua rotina.

Passou pelas poucas mesas expostas na calçada, inalando o perfume das flores coloridas plantadas nos dois vasos dispostos no canto da porta principal. Entrou no estabelecimento procurando pelo rosto redondo de Sarah, que estaria coberto completamente pela burca, com apenas os olhos à mostra. Olhou ao seu redor, percorrendo o pequeno espaço em busca de ajuda, e logo notou a presença de uma fisionomia desconhecida. Uma senhora de porte pequeno, cabelo encoberto por um lenço de seda e muito bem vestida estava posicionada atrás do balcão. Luisa observou que era a única pessoa da loja, e imaginou conseguir comprar o seu presente rápido. Com a simpatia de um sorriso singelo, a senhora dirigiu-se a ela.

– Posso ajudá-la, minha querida?

– Boa tarde – cumprimentou Luisa. – Estou procurando um presente e não sei bem qual chá comprar. Confesso que estava na esperança da Sarah me ajudar nessa minha missão de hoje. Ela não se encontra na loja? – Os olhos da cliente percorreram o seu redor novamente, pousando o olhar numa linda lata rosa com adornos florais na estampa.

A senhora notou que Luisa havia reparado no novo chá que chegara aquela manhã.

– Você imaginou um conjunto de xícaras delicadas, um novo bule, acessórios? – Exemplificou os produtos que estavam expostos nas prateleiras. – Agora, se estiver em busca mesmo de chá, tenho um produto especial que recebi agora há pouco.

– Especial? – indagou a menina. Sua curiosidade havia sido despertada como a vendedora planejava.

– Muito especial. Vamos vender apenas para algumas pessoas, recebemos poucas unidades.

Luisa começou a desconfiar da senhora. Uma grande jogada de marketing, pensou. Porém, seu feeling dizia que a vendedora não era mau caráter. Os olhos da senhora brilhavam intensamente, mas a voz continuava calma, sem demonstrar qualquer ansiedade para executar a venda. Notando que a cliente

de Sarah estava quieta, a senhora pegou a lata rosa da prateleira, abriu-a e colocou o produto muito próximo do nariz de Luisa, para que ela pudesse sentir o perfume delicioso do chá.

Ela cheirou sem recusa e abriu um enorme sorriso.

– Hum... que aroma delicioso!

– Não é? É feito com pétalas de rosas. Eu disse que era especial.

– Verdade, eu concordo. – Ela havia amolecido por completo, a voz da atendente era uma harmoniosa melodia e parecia tratá-la como alguém da família. Uma figura de avó carinhosa veio em sua mente.

– Na verdade, o processamento é o mesmo dos outros chás vendidos aqui. A grande diferença é que decidi fazer um teste com esse – explicou, decidindo compartilhar o que acreditava. – O amor é a força mais poderosa do universo. No processo de cura, seja ele qual for, a medicina mais potente é a do amor. Então eu sugiro colocarmos a intenção do amor nessa lata, eu e você estaremos cientes desse mesmo propósito e quando tomarmos o chá saberemos que a essência dessa energia estará presente também na forma. Isso fará toda a diferença no produto, entende?

Luisa entendia muito bem o que a mulher estava lhe propondo. Entrariam no princípio de alteração da fórmula das moléculas através da força do pensamento.

– Eu acho que pode dar certo. O mesmo teste foi feito inúmeras vezes com a água.

– Fico satisfeita que compreenda, estamos falando a mesma língua.

– Darei de presente à minha sogra, que está em um momento delicado. Vai ser bom para ela dedicar um tempo para tomá-lo à noite.

A senhora embalou a lata em um papel rosa mais claro, colocou-a numa pequena sacola e amarrou as alças com uma fita que continha um charmoso bule de cartolina para escrever a quem se destinava. Parecia ser uma pessoa habilidosa, no entanto não estava acostumada a embalar os produtos e demorou um tempo maior do que o desejado. Sarah precisou sair mais cedo

da loja, e a dona preferiu ficar encarregada de todo o serviço, em vez de fechar e perder as possíveis vendas do final do dia.

– Meu falecido marido falava do poder de focarmos atenção na ação que executamos. Desculpe a demora, estou tentando fazer um embrulho digno – justificou-se, ao dar o último retoque no laço da sacola.

– Está lindo! Não se preocupe – sorriu Luisa, retribuindo a gentileza.

– Ele era um grande companheiro. – A vendedora levantou a cabeça, ajustou os óculos que haviam escorregado no nariz e apontou para o quadro pendurado próximo ao caixa. – Sinto falta dele.

Luisa ficou comovida.

– A senhora ficou casada por quanto tempo? – Não sabia ao certo o que dizer a ela, mas sentiu necessidade de reconfortá-la de alguma maneira.

– Cinquenta anos. Com altos e baixos, porém vivi cinquenta maravilhosos anos ao lado dele. E sabe por que deu certo?

Luisa franziu a testa em dúvida:

– Por quê? – ela questionou a senhora, a princípio, por educação. No entanto, algo dentro dela se remexeu, causando um sentimento estranho no peito. Seu instinto sussurrava: pare e escute o que ela tem a lhe dizer.

– Qual o seu nome, querida?

– Luisa.

– Luisa, menina linda dos olhos sinceros, preste atenção às minhas palavras. – A vendedora continuava com o tom de voz bem calmo, e a cliente notou que ela girava o anel do seu dedo anular. Possivelmente uma aliança, arriscou em pensamentos. – Você será bem-sucedida na vida se perceber que a felicidade habita dentro de você, que o amor próprio deve ser maior do que tudo. Esse é o segredo. Seu casamento sobreviverá com certeza.

Ela digeriu as palavras aos poucos antes de responder.

– Entendi.

– Agora leve o presente para a sua sogra com alegria. – A vendedora entregou a sacola e acariciou-lhe as mãos sutilmente. – Não pode existir dúvida alguma dentro do seu coração que ele, seu escolhido, é a pessoa certa para você. Quando amamos o outro de verdade, buscamos a nossa própria superação.

Luisa calou-se. Apenas conseguiu simular um sorriso de agradecimento antes de sair. Ela nem cogitou mencionar que sua mãe havia lhe presenteado com um anel, um pequeno brilho de ouro, que havia sido presente de seu pai e também envolvia o dedo anular de sua mãe. Um dia antes da viagem de Luisa para Istambul, Beatriz tomara uma atitude inesperada e entregara o presente para a filha como uma recordação familiar ou mesmo a tentativa de uma herança precipitada. Há muito tempo ela não usava o anel, deixara-o guardado na caixa espelhada junto das outras joias pessoais. Para ela, nada daquilo fazia sentido algum, não gostava de herdar coisas, muito menos cultivar lembranças nostálgicas. Romper com o passado estava sendo mais difícil do que imaginara em algumas áreas de sua vida.

– Volte mais vezes – disse a senhora acenando da porta, enquanto a cliente caminhava segurando a sacola com delicadeza. Foi a primeira vez que Luisa ouviu-a aumentar o timbre da voz.

Ela chegou ao apartamento de Kadir minutos depois dele, e ficou mais tranquila por não estar tão atrasada. Detestaria entrar numa discussão sobre pontualidade naquele momento. Quando entrou na cozinha, notou que ele bebia água e não estava pronto. A camisa social que usou durante o dia estava desabotoada, os pés descalços e o cabelo desalinhado denunciavam o atraso.

– Oi, querida. Correu tudo bem hoje na Universidade?

– Sim. Foi tudo ótimo, ao menos a minha reunião deslanchou melhor do que eu imaginava – desabafou aliviada. – Você está com uma fisionomia serena – observou Luisa, pegando o copo da mão de Kadir e servindo-se de água gelada para ela.

– É um alívio ter acabado essa maratona de exames da minha mãe.

– Ela está mesmo se sentindo bem hoje? Vamos mesmo na casa dela?

– Ah, sim. Claro. Ela quer movimento por lá, pode acreditar. Só Osman não dará conta para ouvi-la. Prepare-se! Ela vai querer contar cada detalhe dos exames que fez, todo o passo a passo.

Ele continuou em pé com os cotovelos apoiados na bancada da pia, observando-a matar a sede num gole grande, em um único fôlego.

– Tudo bem eu aguento – gracejou ao terminar de beber. – Sou forte, não vou desmaiar se tiver sangue na descrição.

– Que sangue? – indagou Kadir, em dúvida.

– Sei lá. Se ela aumentar o drama, eu estarei preparada.

Kadir olhou-a de cima em baixo.

– Você pode estar preparada, mas não está pronta – brincou com ela e soltou um sorriso gostoso.

– Muito menos você.

Ele lhe deu um beijo para diminuir o pequeno bico manhoso que acabara de se formar involuntariamente nos lábios de Luisa.

– Vamos tomar uma ducha e colocar algo mais confortável. Venha.

Ela foi bem rápida em sua decisão, tirou seu vestido longo em tons de rosa e roxo do cabide e alisou-o por inteiro. Optara por ter poucas coisas no armário desde que se mudara para Istambul, então não tinha muita opção para enrolar.

Chegaram um pouco depois do combinado à casa de Leyla, que já estava agitada com o atraso do casal. Ela organizava milimetricamente o seu altar cristão ortodoxo enquanto agradecia em voz alta a São Jorge por sua vida e sua recuperação.

Ter o filho mais novo sempre por perto era um alívio para ela, mas o seu comportamento mudava por completo quando Kadir pisava os pés naquela casa. Seu sorriso se ampliava, suavizando as rugas que lhe marcavam a testa. Os olhos tristes, carregados de amargura e dor, abriam-se mais, transparecendo uma faísca de brilho e de alegria. Ele era mais paciente em

ouvi-la do que Osman, o que criava um vínculo maior com o filho mais velho. Osman tinha apenas dois anos quando o pai morreu, então foi Kadir quem segurou a barra e acolheu o sofrimento da mãe. Sete anos mais velho que o irmão, sentiu que teria que ocupar o lugar do pai; amparar todos da família como se tivesse dezoito anos, e não nove. Após o funeral do pai, Kadir alterou a sua posição na moradia: de filho ocupou o lugar de homem da casa. Decidiu trabalhar todos os dias com o tio, aprendendo a vender carros e acessórios importados. Seu tio Hilal não era tão amoroso quanto o seu falecido pai, no entanto ele dominava a arte de captar clientes e de encorajá-los a comprar os seus produtos. Com esses ensinamentos e observando muito todas as estratégias de vendas, Kadir conseguiu adquirir habilidade para depois abrir o seu próprio negócio.

Assim que viu Kadir, Leyla deu um abraço no filho, envolvendo seus braços fortes no pescoço dele e deixando-o quase sem ar. Se Luisa não conhecesse o comportamento exagerado da sogra, poderia até duvidar que o namorado tivesse visto a mãe na manhã daquele dia. Enquanto Kadir sorria sem graça e tentava se desvencilhar do aperto sufocante da mãe, seus olhos pediam socorro involuntário à namorada. Ela tirou os sapatos, deixando-os no hall de entrada, e balançou vivamente a sacola de presente num vai-e-vem louco, tentando chamar a atenção de Leyla para si.

– Olá, Leyla. Que bom que já está em casa novamente!

Ela soltou o filho e começou a conversar com os dois.

– Oi Lisa. Você soube, querida? Eu quase morri naquele hospital, mas não foi dessa vez – suspirou em desabafo.

– Fui acompanhando o seu quadro clínico pelo Kadir. Ficamos muito nervosos com você no hospital. Vejo que a senhora está ótima agora. – Luisa tentou animá-la, elogiando-a um pouco.

– Ai – soltou um suspiro. – Ainda estou fraca, querida. Vou demorar muito para me recuperar.

Antes que Leyla começasse com suas reclamações, Kadir puxou uma cadeira para ela se sentar. Sua namorada tentou mudar de assunto.

– Trouxe uma lembrancinha para a senhora. Creio que ajudará muito na sua recuperação.

– Adoro chá – balbuciou a sogra, assim que conseguiu abrir o pacote que lhe foi entregue.

– Esse chá é medicinal – frisou a nora na sequência. – Desperta energia no corpo, vivacidade.

Leyla girou a latinha do presente em dúvida, no entanto estava com muita preguiça de ler qualquer coisa das instruções de uso. Apenas disse:

– Não sei se é tão bom assim.

– Após a refeição tomaremos juntos. – Kadir tentou amenizar o descaso do presente e, para consolar Luisa, quis deixar claro que abririam o chá naquele dia.

Osman saiu do quarto e aproximou-se deles ao ouvir a voz do irmão. Carregava o celular e um livro embaixo do braço.

– Oi, Osman. – Kadir o cumprimentou com leves tapinhas nas costas. – Está tudo bem? Você estava dormindo quando eu passei aqui de manhã.

– Tenho ficado até tarde lendo esse novo livro que comprei na internet. Livros em braille estavam na promoção na semana passada.

– Boa noite, Osman! Como vai?

– Oi, Lisa. Hoje contaremos com a sua ilustre visita para o jantar? Ninguém me avisou – choramingou Osman. – Eu teria me vestido melhor se soubesse que você viria.

– Imagina. Você está ótimo de jeans! É um jantar casual em família, não é? Bem, eu estou com um vestido simples – disse ela, ao balançar a barra do vestido longo.

– Sua presença alegrará tudo por aqui.

– Gente, não vai vir mais ninguém mesmo. Somos somente nós para comemarmos a recuperação da mamãe – pronunciou Kadir.

Leyla levantou-se e afagou novamente o filho.

– Ah, querido, obrigada. No entanto, não me sinto tão bem para ficar debruçada nas panelas. Eu tinha pensado em fazer de entrada aquela sopa de lentilha que o seu pai adorava e berinjelas recheadas. Algo simples.

– Fica tranquila, mãe. Comemos qualquer coisa.

Luisa interveio.

– Depois da loja de chá, eu passei no restaurante e trouxe comida para todos. Acabei de colocar tudo ali em cima da pia.

– Você não gosta da minha comida, Lisa?

– De forma alguma – balbuciou sem jeito, ao olhar para o namorado. – Pensei em poupá-la do esforço de cozinhar.

A intenção dela tinha sido a melhor. No Brasil, a sogra teria ficado satisfeita com a ajuda, mas Luisa percebeu que havia feito uma desfeita com a comida da casa de Leyla. Os costumes e tradições eram definitivamente diferentes na Turquia.

O fato de Kadir ter o seu próprio apartamento fazia com que ela não se relacionasse tanto com a sogra. O pouco que havia convivido deixara uma marca de desconforto que ela não sabia ainda descrever. Era como se também sentisse na pele o sufocamento que Leyla provocava em Kadir. Não apenas havia jogado a responsabilidade financeira das contas para o filho mais velho, como também havia transferido uma carência amorosa excessiva.

– Preferimos sempre comer a comida de casa, Lisa. Comida de restaurante somente quando vamos ao restaurante, entende a diferença? – questionou Kadir num tom ríspido. – Você deve me consultar sempre para tomar decisões. Pensei que a sacola era apenas uma sobremesa.

O clima ficou pesado naturalmente. Depois da relutância da dona da casa, sentaram-se à mesa, as mulheres de um lado e os dois homens do outro, e a família deleitou-se por um breve instante com as comidas do restaurante, esquecendo-se das desavenças anteriores. Quando Leyla percebeu que os filhos elogiaram com bom gosto o sabor da kafta, ficou nitidamente

enciumada, e o clima esquentou novamente. Se, por um lado, estava agradecida por poder ficar sentada e ser bajulada e poupada de esforços para a sua total recuperação, por outro sabia que sempre recebia afagos dos meninos após servir algo apetitoso.

– Adorariíamos que você voltasse a morar conosco – disse Osman, lambendo os dedos e soltando um riso irônico. – A comida está divina!

– Esse momento da minha vida já passou. Estou com novos projetos, meu irmão. – Kadir tentava encontrar as palavras certas para contar à família que estava morando com a namorada. – Além do mais, você se mudou para o meu quarto.

Luisa havia sacado a dificuldade que ele sentia de abordar o assunto com a família, contudo resolveu não se meter na conversa. Era tudo muito recente, poderiam esperar um pouco mais. Serviu-se de piyas, um tipo de salada de feijão branco, mantendo a boca bem ocupada e longe de confusão. Teve a impressão de que deixara a sogra enfurecida e não queria abster-se de conflitos com a família do namorado.

– Eu também gostaria que você voltasse, querido. Ficaria mais tranquila tendo você por perto. Até parece que não gosta mais de mim – decretou Leyla com ênfase.

– Ah, mãe, não diga essas coisas. Você sabe que amo muito vocês, mas agora moro mais perto do trabalho. Ficar do lado asiático não favorece o meu negócio.

Kadir serviu um copo com água para todos e colocou uma taça de vinho na mesa.

– Vinho? – ofereceu-o para Luisa.

– Sim, por favor.

Ele estava tentando ganhar um tempo com a mãe.

– Eu só acho que você deveria pensar no assunto. Seria mais econômico – acrescentou Leyla, respirando fundo, concluindo que não conseguiria nem ao menos lavar a louça do jantar.

– Os pontos turísticos mais importantes estão localizados no lado europeu
– argumentou ele. – Morar perto do trabalho eu ganho tempo, sabe?

– Sim, eu sei. Mas é que...

– Mãe, de novo não, por favor. Já conversamos sobre isso. Estamos hoje aqui para comemorar a sua saúde e recuperação. Veja como você está bem.

Ela deu de ombros, desanimada.

– Não estou tão bem assim. Acho que vou descansar no quarto. O médico alertou que eu deveria comer somente coisas leves, e não estou cumprindo as orientações.

– Quer que eu a ajude? – Kadir sentia-se culpado, mas também sabia que ela fazia isso para deixá-lo justamente com esse sentimento de dúvida.

– Não precisa. Eu vou sozinha.

Depois que Leyla saiu, todos ficaram alguns segundos calados. Percebendo que o clima havia ficado constrangedor, Kadir mudou de assunto.

– E o livro que você está lendo, Osman, sobre o que se trata?

– Uma história que se passa na segunda guerra mundial.

O celular de Lisa apitou com uma mensagem. Alheia a toda aquela confusão, ela resolveu consultar a tela do aparelho enquanto os irmãos conversavam.

THÉO

Oiê.

LISA

Oi Théo, chegou bem?

THÉO

Sim. Tudo bem com vc?

LISA

Tranquilo. Estou na casa da mãe do Kadir. Ela finalmente saiu do hospital.

THÉO

Boa notícia.

LISA

Verdade.

THÉO

Aqui vai ser sem graça sem uma guia.

LISA

Vai? Vc gostou da sua guia particular?

THÉO

Amei.

LISA

Bom saber que posso investir nessa profissão.

THÉO

Humm.. .melhor não. Alguém pode dar em cima de vc.

LISA

Posso ter vários clientes. Vai que algum outro ex-namorado aparece por aqui.

THÉO

Nem brinca. Conto para o seu namorado.

LISA

Dois contra um não vale. Vou ficar de boa.

THÉO

Não quero atrapalhar o jantar.

LISA

Vc não atrapalha nunca. Podemos conversar com calma amanhã?

THÉO

Claro. Se cuida.

LISA

Vc tbem. Beijos.

THÉO

Onde?

LISA

No cantinho da boca

THÉO

Pra vc tbem.

O coração de Luisa ficou mais calmo. Sentiu-se estranhamente recomposta ao saber que Théo estava bem. Mesmo julgando-se tola por se preocupar com alguém que havia estado desaparecido da sua lista de contatos por dez anos, aquela troca rápida de mensagens havia acendido um canal de conexão interrompido com o passado.

Kadir parou de conversar com o irmão e olhou diretamente para a namorada.

– Vamos para casa?

– Ok. Acho que também estou cansada – disse Luisa, com um sorriso agradecido.

– Você ficou tão calada – relatou Osman. – Nem ouvi muito a sua voz melodiosa essa noite – brincou sorrindo.

– Acho que não dei uma dentro hoje, desculpa. Fiquei por um tempo em silêncio porque estava respondendo minhas mensagens.

– Fica tranquila, Lisa.

Ela recolheu os pratos da mesa e deixou tudo mais organizado. Kadir pôs as mãos no ombro de Osman, se despediu e prometeu voltar no dia seguinte para acalmar a mãe.

O casal dirigiu-se até o carro parado em frente à casa, e assim que entraram no veículo ele se pronunciou.

– Desculpe, Lisa. Imaginei algo menos tenso para o jantar, mas você sabe que os turcos são mais diretos com suas opiniões, sem cerimônia. Minha mãe não falou nada daquilo para chateá-la.

– Tudo bem. Não se preocupe.

– Sei que ela é impetuosa – afirmou, enquanto começava a dirigir. Fez a manobra na garagem e seguiu em frente. O silêncio dominou o carro até o primeiro semáforo da rua, quando ele continuou. – Nada melhor do que ficarmos somente nós dois em casa.

Ela não queria desapontá-lo, porém precisava ficar sozinha aquela noite.

– Kadir, ainda não entreguei a chave do meu apartamento para o proprietário. Acho que vou dormir lá para finalizar as últimas caixas – confidenciou Luisa.

– Como assim? Caixas?

– Organizei algumas coisas para doação e a ONG vai retirar amanhã. Os meus livros pessoais eu tenho que levar para o meu apartamento. Você quer algum utensílio de cozinha? – Ela parecia despreocupada, não queria dar a pinta de estar fugindo dele. Optou por isolar-se para tentar controlar seus pensamentos conturbados. A bagunça maior estava dentro dela, e não no antigo apartamento.

– Você decide se precisa de algo. – Ele deu de ombros, sem se importar com a organização. – Vou dormir cedo então – bufou a contragosto.

– Amanhã estarei com você. Só vou ajustar os últimos detalhes para a mudança.

– Você precisa se desapegar daquele lugar. Abrir-se ao novo – filosofou Kadir.

Ela se recostou no banco do carro e esboçou um sorriso. Soltou o seu melhor charme para apaziguar a conversa.

– Quero que fique com saudade de mim.

– Mas já estou com saudade.

– Perfeito – sussurrou ela. – Em menos de 24 horas estaremos juntos.

Deu um selinho em Kadir ao descer do carro. Não queria brigar, era apenas uma noite fora da cama que seria deles. Nada mais.

CAPÍTULO 11

**Anotações do caderno de Luisa – 18 / 07 /
2011**

Assunto: desabafo

O meu quarto era o meu mundo particular, a rua era o mundo um pouco maior e também mais constrangedor. Eu tinha que lidar com os relacionamentos corriqueiros de qualquer pessoa, o que nunca foi fácil para mim. De fato, eu tive um instante de glória quando avistei a minha mãe me observando da janela de casa ganhando na queimada. Meu sorriso se alastrou pelo rosto, mas logo sumiu por completo ao notar que ela ignorou a minha vitória ao correr as cortinas cor creme da sala, ocultando sua visão. Qualquer fio de esperança de demonstrar o meu valor se fora naquele episódio porque logo depois que a cortina se fechou eu fiquei sabendo que o meu pai saía de casa naquela tarde e o nosso mundo de segurança havia desmoronado como um perfeito castelo de areia construído alegremente na praia. Ele era o meu único elo verdadeiro e familiar, que eu também perdi, sem ao menos ter me dado conta de que precisava lutar por esse vínculo. A crença e a expectativa de uma criança em relação aos pais é que eles viverão juntos harmoniosamente, mas esse não era o caso em minha casa.

Se antes minha mãe estava apenas ausente das minhas questões pessoais e nas dos meus irmãos, após a separação pude observar que o sentimento de preocupação foi sendo adicionado à lista de desajustes diários que a faziam afastar-se dos filhos. Fomos culpados, na visão dela, por sermos o motivo maior da irritação de meu pai dentro de casa. Isso realmente eu não entendi porque nos esforçávamos para não desalinhar nada em nosso caminho e até nos recolhíamos mais cedo em nossos quartos, mesmo sem termos estabelecido previamente essa regra entre mim e meus irmãos. Tínhamos um incrível radar para captar o que estava oculto.

Lembro-me de ouvir as lamúrias de minha mãe em uma noite fria de inverno, quando ela e minha madrinha discutiam, entre uma e outra taça de

vinho, a falta de sensibilidade masculina. Meu pai vestia-se sempre muito alinhado para trabalhar ao estilo homem de negócios de uma multinacional: camisas claras, na maioria das vezes branca, terno e gravata. Ele lia inúmeros livros por ano, dentre eles de filosofia e grandes best-sellers anunciados em revistas. Gostava de frequentar bons restaurantes nas regiões nobres de São Paulo, mesmo que isso arranhasse o orçamento familiar e ele tivesse que discutir com a minha mãe justificando que para prosperar deveria estar em um círculo de amigos abastados. Tudo me levava a crer que minha mãe estava realmente magoada – tempos depois eu descobri a razão real da saída dele de casa, pois havia uma mulher mais jovem entre eles, e essa traição desabou a estrutura emocional de sua esposa – para descrevê-lo como alguém insensível. Ele tinha defeitos, no entanto esse não era o seu.

Diferente de minha mãe, minha madrinha optou pela separação com o marido e soube lidar muito bem com isso. Sua carreira no setor financeiro de um banco havia se alavancado com o seu amadurecimento, e isso trouxe sorte para minha família. Foi ela que nos ajudou a pagar as contas de casa por um bom tempo, até que meus pais tivessem uma última conversa sozinhos, e meu pai concordasse em contribuir com as despesas da casa. Afinal, minha mãe parou de trabalhar logo na primeira gravidez, e ajustar-se novamente ao mercado de trabalho demoraria um tempo. Naquela época, eu não tinha muito como ajudar nas finanças, mas três anos depois, com quase dezesseis anos, eu fui tomar a iniciativa de dar aulas de reforços aos alunos do meu colégio. Desenvolvi uma técnica simples para que o conteúdo fosse fixado mais rápido, o que surtiu efeito para aqueles que estudavam comigo. Relembrando essa minha habilidade, penso que pode ter sido o marco para a minha decisão de trabalhar com estudos e pesquisas.

A energia em minha casa transbordava tristeza. O ar estava tão denso após a partida do meu pai que, mesmo inconscientes, andávamos com as costas vergadas e eu tinha certeza de que ficaríamos doentes a qualquer momento. Se nenhum mal realmente tomou conta do meu corpo eu não sei ao certo, eu apenas me dei conta de que queria ficar sozinha no meu canto para que o desconforto no peito acalmasse.

Minha rotina – escola, curso de inglês, natação e tarefas – me consumia por inteiro. O pouco de energia acumulada cultivando o meu silêncio

evaporava-se em minutos. O simples fato de ter que sair da minha cama quente para ouvir um aluno qualquer questionar ao professor pela enésima vez as fórmulas básicas de física me aborrecia muito. Nenhuma parte do meu corpo expressava qualquer satisfação em cumprir aquelas obrigações de adolescente.

Eu tinha apenas doze anos quando acordei sem um pai dentro de casa, e demorou alguns meses para que ele fizesse o primeiro contato conosco. Achei especial da parte dele considerar o mundo feminino e optar por encontrar-se comigo separado de meus irmãos. Claro que na época eu estava tremendamente chateada e não amoleci logo de cara, mas aos poucos consegui ouvir os motivos que o levaram a agir como ele agiu. Ele demorou a me contar sobre sua decisão da separação porque não queria que eu participasse dessa dor. Na verdade ele quis me poupar.

Hoje, já adulta, eu consigo enxergar as coisas de outro ângulo. Imaginar uma mulher, como minha mãe, que se casou cedo e nunca havia trabalhado... para ela deve ter sido bem difícil adaptar-se à realidade do mercado de trabalho aos trinta e sete anos de idade. Ela teve que lidar com um universo desconhecido, vencer barreiras de uma depressão que se instalara na avalanche dos acontecimentos e ainda tentar lidar com as obrigações do dia a dia. Nossa casa nunca esteve tão suja e abandonada como naquele período, um desleixo que se refletiu escancaradamente na aparência cansada e no moletom rasgado preferido da dona da casa.

Minha mãe havia perdido o brilho nos olhos muito antes de toda essa confusão em nossas vidas, uma frustração pessoal mal resolvida. Eu assisti o início de seu resgate somente quando começou a trabalhar como corretora imobiliária. Arrumar-se com o propósito de se encontrar pessoas e executar algo que não fosse mecânico a trouxe novamente ao seu eixo, sem contar que vender qualquer produto sempre provocava reconhecimento por seu grande talento. Mais uma vez foi minha madrinha que atuou como uma benção em nossas vidas, indicando-a para um amigo que era dono de uma imobiliária, o que funcionou como uma porta de esperança que se abriu após meses. Se eu fosse descrever essa porta, ela seria bem grande, com lindos ornamentos em madeira, num tom forte de dourado luminoso, assim como as crianças narram a entrada dos lugares que lhe remetem a esperança.

O sonho daquela noite tinha sido profundo e assustador. Ela girava a maçaneta devagar e abria a porta. Tudo estava como deveria estar. O quarto cinza e preto para agradar a maioria, ou seja, os dois meninos; as bonecas entalhadas no único baú localizado ao lado do beliche; uma cadeira de balanço quebrada descansava sem uso. As memórias vieram como um flash detalhado revisitando sua infância e também as suas frustrações de menina.

Acordou assustada revirando-se sozinha na cama de seu apartamento e agarrou-se ao seu caderno de anotações. Não queria se desfazer dele de jeito nenhum, pois suas páginas transbordavam muito de sua história. Cada obstáculo percorrido em detalhes. Inseriu-o em um envelope branco para ficar mais resguardado e colocou-o dentro da caixa escrita “levar”. Lacrou-a e arrastou o papelão até perto da porta de entrada, ao lado das caixas “lixo” e “doação”.

Na noite anterior conseguiu finalizar tudo o que faltava para a mudança. Graças à sua insônia, seu trabalho noturno tinha sido produtivo. Quando chegou do Brasil, seu processo de mudança foi fácil em relação aos objetos pessoais. Possuía apenas uma mala, por isso o aluguel daquele apartamento mobiliado fora bem oportuno. Quase dois anos depois, acumulou alguns objetos pessoais de decoração, livros adquiridos nas livrarias da cidade, roupas e sapatos novos para trabalhar.

Seu celular descansava na mesa de jantar quando apitou uma mensagem. Ela buscou um elástico no bolso, prendeu os cabelos para o alto para aliviar o suor e verificou o aparelho.

THÉO

Bom dia!

LISA

Oi Théo. Bom dia!

THÉO

Dormiu bem?

LISA

Não muito, tive insônia.

THÉO

Eu também.

LISA

Já começou o passeio?

THÉO

Mais tarde. Ainda estou na cama.

LISA

Acabei de voltar para a cama. Uma preguiça danada hoje.

THÉO

Queria que vc estivesse aqui comigo.

LISA

Queria estar aí com vc.

THÉO

Eu iria te abraçar e beijar cada parte do seu corpo.

LISA

Estou ficando arrepiada. Pare, se essa não for a sua intenção.

THÉO

Tenho ótimas intenções com vc. Principalmente na minha cama.

LISA

Sou comprometida.

THÉO

Então vou sequestrá-la.

LISA

Kkk...

THÉO

Topa um sequestro?

LISA

Como assim? Serei sequestrada e vou participar do planejamento.

THÉO

Sou um sequestrador bonzinho (risos)

LISA

Prefiro não saber de nada e ser vendada.

THÉO

Fetiche já anotado.

LISA

Kkk... Não é nada disso. Acho que eu ia ter vergonha de vc.

THÉO

Hummm... faço vc perder a vergonha logo. Que tal esquentarmos a nossa relação?

O sinal no apartamento de Luisa nunca fora muito bom e o conteúdo que ele acabara de enviar demorou um pouco para o download. Os olhos dela arregalaram-se quando notou o que Théo havia feito. Ele enviara uma foto seminu com o tórax à mostra. Oh, céus! Ele falou sério de esquentar isso aqui.

THÉO

E aí?

Ela ficou pensando no que dizer. O que as pessoas dizem quando recebem fotos ousadas como aquela? Estava desconcertada.

LISA

Posso fazer uma pergunta?

THÉO

Sim.

LISA

O que é a sua tatuagem no ombro?

THÉO

Uma âncora enrolada na corda.

LISA

Ah...

THÉO

Por quê?

LISA

Eu queria fazer uma tatuagem, mas não tenho coragem.

THÉO

E o que vc faria?

LISA

Não tenho a menor ideia. Algo pequeno com certeza.

THÉO

É só isso? Mais nenhum comentário sobre a foto.

LISA

Para, Théo. Vc me deixa com vergonha.

THÉO

Estou entrando no banho e pensei que vc ia gostar de receber outra foto sem nenhuma roupa.

LISA

Tenho que ir agora. Estão batendo na porta.

THÉO

Vai fugir?

A campainha tocou.

LISA

Não. É verdade, eu juro. Eu gostei da foto.

THÉO

Que bom. Vou entrar no banho. Da próxima vez mando nudes.

LISA

Eu queria entrar nesse chuveiro com vc.

THÉO

Poderíamos fazer loucuras por aqui.

LISA

Humm... pena que não consigo nesse momento. Se cuida.

THÉO

Pensarei em vc. Bjs

LISA

Bjos

Ela tentava imaginar o mar calmo a seu lado, mas sentia-se cada vez mais à deriva após o reencontro com Théo. A estratégia de ficar sozinha e colocar a cabeça no lugar não havia funcionado. Seu ex-namorado insistia em permanecer em seus pensamentos, e o pior era saber que estava sendo correspondida nesse furor sem limites. Ele não diz que me ama como eu quero que diga. A fadiga me toma por eu tentar ler todos os sinais que ele transmite. Entendi que ele não é de falar muito dos seus sentimentos, então fico presa nos detalhes de cada troca de mensagem nossa para saber se perdi algum significado importante.

A campainha soou novamente e Luisa tomou consciência da realidade. Como ela imaginara, vieram buscar as doações. As três caixas que sobraram cabiam perfeitamente no carro de Kadir. Ela pediria a gentileza dele para ajudá-la com o transporte das últimas coisas.

Fechou a porta do apartamento com um sentimento de pesar. Algumas mudanças aconteceram em sua vida, não foram muitas, no entanto o primeiro momento vinha embrulhado com o pacote do desconhecido, e isso nunca a agradara.

CAPÍTULO 12

Olívia tinha certeza de que seu destino era ser bem abastada para executar apenas trabalhos voluntários em campos de refugiados espalhados pelo mundo. Com a preocupação de pagar contas posta de lado, ela poderia não apenas fazer um curso e dar aulas de yoga que tanto amava praticar, além de expandir o seu desejo de ajudar crianças menos favorecidas.

Luisa se lembrava perfeitamente do momento em que conhecera Olívia, numa rua próxima à Universidade. Ela estava tão nervosa com a entrevista para o novo emprego que quase a atropelou com sua bicicleta. Caiu de lado na guia a milímetros da pedestre, e sua mochila pesada junto às costas lançou-a ainda mais rápido para o gramado. Quando fechou os olhos com força, praguejou alguns palavrões e Olívia a censurou mais pelas palavras ditas do que pelo modo inconsequente com que manejava a bicicleta. Embora não tivesse entendido as palavras em português, tinha certeza de que a menina tinha despejado inúmeros palavrões em sua língua natal.

– Meu Deus, garota! Como consegue emanar tanta energia negativa de uma única vez?

– Hã...

Luisa estava diante de uma pessoa que quase fora atropelada e tentava processar o inglês. Uma aura branca de luz circulava o corpo da desconhecida, graças ao reflexo luminoso do sol incidindo diretamente em seus olhos.

– Dê-me a sua mão. Deixa eu lhe ajudar – ofereceu-se Olívia, educada.

– Obrigada – agradeceu Luisa, limpando o cotovelo direito esfolado pelo tombo. – Desculpa, estou com muita pressa e fiquei atrapalhada.

– Está treinando para uma maratona?

Luisa conseguiu esboçar um sorriso. Quase matara a mulher e ela ainda soltava brincadeiras irônicas. Além de gentil, Olívia era muito bonita. Os cachos castanhos do cabelo dela reluziam de tão bem tratados, e os olhos

negros se destacavam em seu rosto fino.

– Eu tenho um lenço umedecido na bolsa. – Estendeu-o assim que tirou uma unidade do pacote. – Tome. Você ao menos conseguirá limpar o sangue no caminho até o toalete da recepção.

Luisa ficou envergonhada com tanta gentileza.

– Obrigada de verdade. – Começou a subir os degraus da entrada da Universidade, mas teve um impulso de voltar. – Eu não sei o seu nome?

– Olívia. Dou aula no curso de administração da Universidade. Provavelmente nos veremos outras vezes por aqui.

– Tenho uma entrevista apenas, nada é certo. Seria um sonho conseguir um emprego aqui.

– Jogue um pouco de água no seu rosto para se refrescar e também para acalmar. Com apenas um minuto de meditação você voltará a ter foco para o sucesso no seu objetivo.

Olívia piscou para ela, fazendo-a entender que soltara uma dica preciosa para obter equilíbrio. Luisa balançou a cabeça simulando compreensão e, dessa vez, percorreu as escadas até o seu destino final dentro do prédio.

Apoiou a xícara de chá na bancada da cozinha no apartamento de Olívia e sorriu ao voltar ao presente com as histórias da amiga. Lembrar-se de como tinham se conhecido a fez pensar como havia caminhado nas transformações internas naquele último ano. Com certeza havia amadurecido muito mais no período em que estava em Istambul do que em toda a sua vida.

As duas tinham acabado de praticar yoga e o chá gelado estava refrescante.

– Você vai conseguir tirar férias esse ano, Lisa?

– Acho que sim. Já completei mais de um ano na Universidade, logo termino o mestrado. Para ser sincera não tenho nenhum plano.

– Ah... Vamos juntas passear pela Europa. Que tal uma semana inteira banhando-se no mar da Grécia – falou Olívia, revirando os olhos de prazer.

- Talvez.
- Como assim, talvez?
- Não me sinto confortável com o transporte de barco.
- Sem melodrama, amiga. Podemos ir de avião de uma ilha a outra.
- Então melhor – ponderou Luisa.
- Ou você pensa em visitar a sua família no Brasil?
- Tenho pensado um pouco nisso ultimamente.
- No seu lugar eu sentiria saudade deles.

Luisa fez uma careta involuntária após o comentário, mas Olívia não percebeu. Estava arrumando os itens do café da manhã que ainda permaneciam em cima da mesa e os colocou em seus devidos lugares. O apartamento era pequeno, apenas dois quartos, sala e cozinha, o que facilitava muito o dia a dia da proprietária. Olívia sonhava em ter uma casa com jardim um dia, mas esse sonho estava vinculado aos projetos do futuro, que incluíam marido e filhos.

– Meus irmãos são distantes, mas ainda assim tenho acompanhado as peripécias de cada um no Facebook. Isso ajuda bastante para não ficar tão alienada dos amigos.

- E a sua mãe? Ela não tem perfil no Facebook, tem?

Luisa caiu na gargalhada por imaginar a mãe dominando as mídias digitais.

- Não, vive no mundo jurássico ainda. Ao menos tem WhatsApp.

– Ufa! Já é algo – zombou Olívia. – Posso fazer uma pergunta pessoal? – Ela pigarreou tentando achar o tom amigável para questioná-la. – Por que você não fez o mestrado no Brasil? Para mim está claro que algo aconteceu para você nem falar muito dos seus pais.

– Meus pais são separados, Olívia. Embora eu morasse com a minha mãe, tenho um contato maior com o meu pai ainda hoje. – Ela mordeu o lábio

inferior. Não era nada fácil falar sobre sua vida familiar. A dor a rodeava nesse assunto.

– Sei. Tenho conhecimento de que em alguns países isso é normal, assim como os Estados Unidos. Mas num país muçulmano isso seria um problema – desabafou.

– Verdade.

– Mas o que isso tem a ver com você não querer manter um contato mais íntimo com a sua mãe? Sei que isso não é da minha conta. Desculpa, se preferir mudar de assunto, mudamos.

– Está tudo bem – respondeu Luisa, com um meio sorriso. – Eu preciso colocar isso para fora. Hoje mesmo fiquei lendo o meu caderno de anotações. Ai, Olívia, a minha vida foi uma catástrofe atrás da outra! – lamuriou-se com desespero, tampando o rosto com ambas as mãos.

Olívia deu a volta no balcão da cozinha, aproximou-se de Luisa e se sentou na banquetta ao lado.

– Como assim, querida?

– Eu não fugi do Brasil ou sequer foi uma escolha minha estudar. Minha mãe me empurrou para a bolsa em busca da ajuda de custo da Universidade. Eu provavelmente não teria cometido um ato heroico como esse por escolha própria. Pode acreditar. – Sua voz ficou embargada e ela precisou engolir em seco.

– É, sei que você é mais cautelosa.

– Esse afastamento foi muito bom por um lado. Quem sabe ao menos ela tenha ficado feliz porque, longe, eu não causei tantos problemas? – expôs com desânimo. – Dizer que foi minha culpa a separação deles, isso ela sempre jogou aos quatro cantos da casa.

Olívia ficou incrédula.

– Sua culpa? O que você está falando, Lisa?

– Hoje eu sei que o meu pai a deixou porque estava com outra mulher, eu

e meus irmãos não tivemos nada a ver com isso. Eu convivi com o meu pai por um tempo e percebi que ele estava mais feliz com a separação do que dentro da nossa casa.

– Se você tem a real noção dos fatos, por que ainda guarda essa amargura dentro de si?

Luisa esfregou um ponto da nuca enquanto franziu a testa.

– Eu não sei. Quero me reconciliar com ela, mas não sei como. Nosso relacionamento esteve sempre longe de afetos. É muito difícil conhecer o mundo do outro quando mal conhecemos o nosso.

Olívia sugeriu a primeira coisa que lhe veio em mente:

– Liga para ela, diga o que você sente. Você é adulta agora.

Desconfortável, Luisa preferiu perguntar pela família de Olívia:

– Você tem um bom relacionamento com os seus pais?

– É algo saudável. Com altos e baixos, claro. Avaliando bem, foi sempre na base do diálogo, sim. Eles me apoiaram a minha decisão de dar aulas – resumiu Olívia. – Vim dos Estados Unidos para cá com o apoio de uma tia que já morava aqui.

– Entendi. Sua mudança foi voluntária e você tinha alguém para recebê-la. Pode imaginar a situação diferente?

A amiga não respondeu, ficou calada. Como se ela tivesse pensando numa solução.

– Tive uma ideia. Meu computador está ligado lá na escrivaninha do meu quarto. Venha. – Olívia puxou-a pelos braços, fazendo força para tirá-la da banqueta. Percorreram o corredor do apartamento até o final e entraram na suíte. – Você senta aqui e... – Acomodou as costas de Luisa com uma almofada bem fofa. – Liga por skype para a sua mãe.

– Hã... – Luisa apenas murmurou a contragosto.

– Que horas são no Brasil agora? Temos que pensar no fuso.

Luisa consultou o relógio de pulso antes de responder:

– Início da manhã. Horário em que os meus irmãos estão tomando café para ir à escola. Eles estão completando o ensino médio.

– Está vendo? Perfeito – disse animada. – Entra em contato com um deles e pede para chamar a sua mãe.

– Ela estará cozinhando o almoço. Costuma deixar tudo adiantado para agilizar a preparação.

– Eu acho que você está fugindo de limpar os desentendimentos.

– Aff... Ok, Olívia. Você não vai desistir.

– Não, e você sabe disso. Eu tenho que lavar a minha louça e terminar de organizar a casa. Nesse meio tempo, você fica à vontade aqui. Depois vamos juntas para a Universidade.

Ela saiu do quarto assim que terminou de dar as coordenadas do plano. Fechou a porta e um silêncio profundo dominou o recinto. Luisa estalou os dedos das duas mãos, tentando ganhar um tempo para pensar no que diria. Será que era uma boa ideia trazer assuntos do passado para o presente? O passado parecia estar mais presente na vida dela nos últimos dias como nunca antes, provocando insônia e agitação nas pernas.

Quando notou que as solas dos sapatos batiam alternadamente no carpete de madeira com um toque toque irritante, ela grudou as mãos nas pernas para frear seus impulsos involuntários. Puxou a cadeira para mais próximo do teclado e começou a digitar os dados do seu usuário no skype. Em pouco tempo, conseguiu contato com o irmão mais novo.

– Oi, Vini. Tudo bem?

– Por aqui, sim. Já se meteu em encrencas?

– Não, fica tranquilo – reagiu amistosa, decidindo que cansara de brigar com ele. – Estou apenas querendo falar com a minha mãe. Ela está em casa?

– Está – respondeu com uma única palavra.

– E você poderia chamá-la?

– Ah, Lisa, liga outra hora. Estou na sala morrendo de preguiça.

– Vinicius, eu estou ligando de Istambul. Por favor, chama ela. Logo fará dezessete anos e continua com atitudes de criança.

Ele bufou e continuou inerte mastigando o pão enquanto apoiava o celular no braço do sofá.

– Por favor...

– Manheeeeê, a Lisa quer falar com você.

A voz de Beatriz ao fundo denunciou a sua chegada. Ela pegou o celular para falar.

– Oi, filha. Algum problema?

– Não, faz tempo que não nos falamos. Decidi dar um alô.

– Que bom. Que bom – respondeu um pouco aérea.

– Alguma novidade por aí? – Luisa tentou iniciar um diálogo corriqueiro. A receptividade de Beatriz desencorajou-a um pouco.

– Tudo na mesma aqui em casa. Estou trabalhando muito nessa cidade de loucos. Seu pai continua atrasando a mensalidade da escola dos meninos – denunciou-o sem culpa. – Qual a dificuldade dele em ver o calendário, meu Deus? Rafael brigou na escola ontem e eu fui chamada na diretoria. Ah... essas coisas. – Depois que cuspiu cada desgosto e dificuldade, Beatriz se deu conta de que não falava com a filha há mais de seis meses. Ficou envergonhada do seu distanciamento e suavizou a voz para com ela. – Mas e você, Lisa, como está o seu trabalho na Universidade?

– Caminhando bem. Estou animada com o resultado das pesquisas.

– Melhor assim. Alguém tem que estar feliz nessa família. Deixo o cargo para você.

Um silêncio constrangedor.

– Você faz falta por aqui – comentou Luisa baixinho. Estou com saudade.

– Eu também.

– Sei que nunca fui uma filha exemplar – admitiu. – Talvez você tenha imaginado uma criança mais normal.

– Lisa, você é normal. O que a faz pensar não ser?

– O ambiente sempre foi tenso em casa e eu supus, por algum motivo incerto, que contribuía para sermos instáveis.

– Não, filha. Apenas saiba que quero me desculpar. Você nunca teve nada a ver com a minha separação com o seu pai. Eu sei que disse isso milhões de vezes, porém a verdade é outra, e você já tem idade para saber.

– Ele tinha outra mulher – retrucou Lisa enfaticamente. Ela imaginou que a mãe ficaria perplexa com as palavras ditas às claras, no entanto se surpreendeu.

O olhar de Beatriz se tornou doce e sincero quando ela sussurrou:

– A verdade dói como um soco no estômago. Mas eu não desejo mais transferir os meus problemas para você ou para os seus irmãos. Todos estão bem crescidos.

– Queria poder apagar tudo da minha memória.

– Não fui uma boa mãe, mas sempre amei vocês. Mesmo que esse amor possa ter parecido um pouco egoísta. – Beatriz esfregou o dorso da mão e enxugou as lágrimas que escorriam em seu rosto. – Lamento muito, Lisa.

Houve um longo momento de silêncio. Então Luisa disse:

– Vamos conversar mais por aqui outras vezes. Não precisamos ficar tão distantes, mesmo que fisicamente estejamos. – Deu um sorriso afetuosos.

– Tenta vir nas próximas férias para o Brasil.

– Farei o possível, pode deixar. Agora preciso desligar. Estou na casa de uma amiga e ainda vou para o trabalho.

Beatriz apenas balançou a cabeça em compreensão.

– Tchau, Lisa.

– Até mais, mãe.

Luisa soltou um arquejo assim que a tela de comunicação fechou. Era um pouco estranho lidar com a mãe mais condescendente. A vida havia conduzido as duas para caminhos e ensinamentos diferentes, contudo parecia que estavam mais propícias a encontrar o seu eixo. Ao menos, ela se sentia mais leve do que antes e precisava agradecer à Olívia pelo incentivo de buscar respostas aos seus problemas. Admirava-a muito, principalmente a maneira como lidava com os seus conflitos. Com cinco anos a mais que ela, Luisa sonhou em ser mais ponderada um dia.

Voltou animada para a sala de estar, jogou-se no sofá onde estava a amiga e lhe deu um abraço apertado, oferecendo toda a sua gratidão por tê-la por perto. Olívia afagou-lhe os cabelos e abriu um sorriso enorme por entender que contribuiria por tirar um grande peso das costas de Luisa.

CAPÍTULO 13

Fundada em 1453, a Universidade de Istambul ostentava a bandeira vermelha turca ao lado das duas torres. Cercada de muito verde, sua construção em pedra destacava-se com magnitude na paisagem da Praça Beyazit. Um suntuoso arco localizava-se na parte central do prédio como porta principal de acesso dos visitantes e alunos.

Passadas todas as adaptações naturais de um ajuste necessário a um início de ciclo, já há um bom tempo Luisa transitava pelos corredores da Universidade com a mesma facilidade e conforto de quem andava em casa com suas pantufas favoritas. Seguiu da entrada principal até a mesa da recepcionista do Departamento de Humanidade e Ciências Sociais. A jovem Yasmin sorriu de ponta a ponta assim que a avistou. Sentia grande simpatia pela estrangeira e adorava fazer perguntas sobre o Brasil e seus costumes. Principalmente sobre a postura da mulher brasileira. Tudo parecia a ela ser tão simples e cheio de energia.

Yasmin nunca havia saído da Turquia. Para uma garota curiosa isso parecia até um castigo sem fim, aos olhos de Luisa. A secretária era o avesso dela em sua idade, queria desbravar o mundo degustando tudo o que fosse possível e impossível. Luisa, por outro lado, escondera-se no seu mundo particular. Muitas vezes pulara etapas prazerosas de sua vida, até que a adolescência chegou e ela teve que driblar as inconstâncias. Conversar com Yasmin já não era mais um gesto simpático, e sim um momento de reflexão. Queria transmitir a ela tudo o que pudesse esclarecer, era uma troca boa de energia e de conhecimento.

Uma das impressoras soltava papéis num ritmo frenético, parecendo ter uma brochura completa na bandeja e fazendo com que a secretária desviasse seu olhar por alguns segundos da mesa ao lado. Sua colega de trabalho havia solicitado o serviço de impressão e saiu da sala, deixando o barulho da máquina ecoando no ambiente.

Enquanto as duas riam com a explicação da brasileira sobre estratégias de como pegar um lugar bom na praia do litoral de São Paulo, a chefe de Luisa

aproximou-se da mesa.

– Oi, Luisa. Tudo bem?

– Olá Ayla – cumprimentou em resposta. – Yasmin está anotando um belo roteiro que fará no Brasil um dia.

– Eu também vou querer essas dicas preciosas – observou a chefe com grande simpatia. – Podemos conversar agora na minha sala?

– Claro. Depois terminamos meus segredos – conspirou Luisa para a secretária, seguindo Ayla com disciplina.

A reação inicial dela foi se preocupar com aquele chamado inesperado para uma reunião particular, mas resolveu não sofrer por antecipação.

– Por favor, Luisa, sente-se. – Apontou a poltrona de couro à sua frente, enquanto se acomodava em sua própria cadeira giratória. – Quer algo para beber?

– Não, obrigada.

– Uma água, chá ou um café?

– Estou bem – sorriu Luisa em resposta.

As formalidades cumpridas, Ayla disse:

– Sua orientadora tem elogiado sua postura e sua dedicação. Acho que ficará orgulhosa dos resultados. Parabéns!

– Obrigada, Ayla. Mas esse é o meu trabalho, não é? Pesquisar a fundo o impacto das diferentes religiões na sociedade moderna.

– Sim, eu entendo a sua visão e modéstia. Mas o que estou dizendo é que apresentará algo realmente inovador para o setor de Humanas.

Luisa foi pega desprevenida e ficou sem jeito. Jogou os ombros para trás tentando simular uma autoconfiança que nunca sentira antes. Ao menos o seu corpo poderia demonstrar tal resultado para que depois ela pudesse também sentir o orgulho que brilhava nos olhos de sua chefe.

– Muito obrigada – disse mais uma vez.

– Claro que chamei você aqui para parabenizá-la pelo caminho trilhado até aqui, mas tem algo mais que quero lhe propor.

Luisa levantou a sobrancelha em dúvida.

– Sim. – Apenas balbuciou qualquer coisa que desse indício de que estava prestando atenção.

– Você gosta de morar em Istambul? – questionou-a.

– Gosto. Claro que no início não foi fácil me adaptar com os costumes de outro país, no entanto já me acostumei. Meu namorado diz que vai me ensinar a falar turco.

– Ah, está bem adaptada. Tem até namorado por aqui.

Luisa sorriu com a intimidade que se abriu entre elas. Sentia uma forte admiração profissional por Ayla. Ela era uma mulher que demonstrava simpatia e solidez em suas ações na Universidade. Caso raro naquele ambiente acadêmico, pois a maioria ainda era de homens que administravam os departamentos. Ayla era a única mulher que tinha a posição de diretora lá dentro.

– Kadir é muito amável – murmurou.

– Que bom que você tem um companheiro na cidade. Então vou direto ao assunto sem mais rodeios – explicou. – Gostaria que você trabalhasse como efetiva aqui comigo quando terminar a defesa da sua tese. Você aceitaria?

Luisa ofereceu o seu melhor sorriso como reação à proposta que acabara de ouvir.

– Eu ficaria muito feliz.

– Realmente você é um talento, menina.

Não lhe restava alternativa se não agradecer mais uma vez. E mais uma vez. Luisa admirava muito Ayla pela maneira como ela a tratava, de forma adulta e com muito respeito. Ela realmente se interessava por suas opiniões.

– Obrigada por tudo.

– Você acertará os detalhes de contratação, data de efetivação e valor de salário com a tesouraria. Eu só tenho a dizer que ficarei feliz por tê-la em definitivo na equipe.

Ayla levantou-se e Luisa acompanhou-a até a porta. O assunto parecia ter sido rápido e indolor. A novidade era muito boa para ficar em segredo. Sentia-se plena por haver conquistado uma meta com grande louvor, por isso o orgulho a tomou por inteiro.

Ao sair do prédio, pegou o telefone para ligar para Kadir, mas no mesmo instante recebeu mensagem de Théo.

THÉO

Oi Lisa, tudo bem?

LISA

Sim. Trabalhando bastante, mas agora estou indo almoçar. Tenho boas notícias.

THÉO

O que é? Fiquei curioso.

LISA

Acabei de receber um convite para ser efetivada aqui na Universidade no final do mestrado. Minha orientadora está passando boas referências do conteúdo da minha tese.

THÉO

Parabéns, Lisa. Vc merece tudo de melhor.

LISA

Obrigada.

THÉO

Posso fazer uma pergunta indiscreta?

LISA

Manda.

THÉO

Vc está vestida com aquela calça colada que usou da última vez? Ela não sai da minha cabeça.

LISA

Quer dizer que acertei no look?

THÉO

Pode acreditar que suas curvas são perfeitas.

LISA

Não sei se acredito. Onde vc está?

THÉO

Agora em um café. Não insista porque não posso enviar fotos.

LISA

Vc só me faz rir.

THÉO

Hoje bem cedo sobrevoei de balão as zonas rochosas. Extraordinário e imperdível! A sorte foi que as condições climáticas estavam favoráveis.

LISA

Nunca estive na Capadócia, mas as fotos que vi são maravilhosas. Posso imaginar a emoção que esse passeio provoca.

THÉO

O silêncio do voo transmite paz. Pensei muito em vc.

LISA

Eu também tenho pensado em vc. Muito, aliás.

Pausa. Ela voltou a digitar. Pensou se faria a pergunta que martelava em sua cabeça com insistência e decidiu que sim.

LISA

O que vc sente sobre nós?

THÉO

Uma mistura de um forte sentimento e um prazer que nunca havia sentido antes. Sensação de algo inacabado.

LISA

É, parece que ficamos ligados por um fio invisível. As lembranças... doces lembranças.

THÉO

Vai ser difícil ficar longe de você. O Brasil é distante.

LISA

Não vamos perder o contato nunca mais. Ao menos temos a tecnologia ao nosso favor agora. Como vc está no instagram?

THÉO

To de boa.

LISA

kkk... qual o seu user?

THÉO

Quem manda não fazer a pergunta direito. Kkk... Pensei que quisesse saber o desempenho nas redes. Anota aí: @theo.mendes

LISA

Quero acompanhar as suas vitórias nos campeonatos.

THÉO

Ah, espero que isso aconteça logo. Antes preciso de patrocínio.

LISA

Vai ter. Fé.

THÉO

Depois de amanhã retorno para Istambul apenas por um dia. Estaremos respirando os mesmos ares.

LISA

(Suspiros) O que dizer?

THÉO

Meu voo é na hora do almoço. Tenho conexão em Zurique antes de seguir para o Brasil.

LISA

Essa parte das férias é a que menos gosto. O dia do retorno.

THÉO

É. A gente pode se falar mais tarde?

LISA

ok. Beijo no cantinho da boca.

THÉO

Beijo no cantinho da SUA boca.

Ela estava extremamente feliz com suas conquistas. Na verdade, sua mãe a havia empurrado para aquela oportunidade a quilômetros de distância de casa, mas pela primeira vez desde que chegara sentia-se realizada e confiante. Havia entendido que sua mãe queria lhe dar mais oportunidades do que tivera. Respirou fundo e esfregou a mão no peito como se quisesse desbloquear o ar parado. Ela queria vida e compreendia que muitas coisas estavam sendo curadas em seu interior.

Debruçara muitas horas de pesquisa no seu mestrado, longas horas de dedicação sem dormir direito. O universo estava retribuindo de uma vez só. Um pacote tão completo que Luisa não ousou duvidar de si ou de seus méritos. Como conseguiria administrar tanta alegria? Tentou se recordar de momentos como esse, em que se sentia leve e com grande euforia. Não foram tantos assim em sua vida, ou ao menos ela não se lembrou tão rápido. O primeiro que lhe ocorreu foi o dia em que ganhou um cachorro dos pais, aos dez anos. A princípio aquilo era um presente de aniversário para ela, mas depois se tornou o cão de guarda da casa. Um pastor alemão lindo, totalmente disposto a abanar o rabo quando Luisa chegava em casa.

Os resultados da tese eram um fato quase concreto. E o que sentia por Théo, como poderia medir o tamanho de tudo aquilo? A transformação e a força que o amor por ele lhe causava. Ele tinha o incrível poder de modificar o seu dia, e sempre para melhor.

CAPÍTULO 14

Luisa ficou parada alguns segundos em frente à porta do quarto 912 da ala nobre do hotel, analisando os seus atos. Estou num desses momentos em que sou agarrada pela loucura, pensou com ansiedade. Ela não demorou a bater na porta porque sabia que fora anunciada e que Théo logo a abriria. Olhou para a carteira internacional de motorista em suas mãos, como se tivesse algo palpável para justificar a sua iniciativa ousada de procurá-lo e que, de alguma maneira, a urgência de entregar o objeto pudesse minimizar a sua culpa de gostar de estar ali na expectativa de vê-lo mais uma vez.

Théo surgiu um pouco depois das leves batidas, e ela esboçou um sorriso sem graça, muito mais desconcertado do que gostaria.

– Oi, Lisa.

– Oi, Théo. Desculpe incomodá-lo, mas a sua carteira de motorista ficou guardada na minha bolsa quando entramos no Palácio Topkapi. Lembra que você tinha saído sem o passaporte? – explicou. – Com certeza precisará do documento para dirigir em outros países.

– O documento – repetiu ele, sem alterar em nada o tom de sua voz. – Obrigado pela gentileza de trazê-lo pessoalmente. – Ele não olhou em nenhum momento para o papel plastificado que Luisa segurava firmemente, quase deixando as digitais. O olhar dele estava focado diretamente nos lábios carnudos de sua ex-namorada.

Ela percebeu que ele a encarava muito mais tempo que o normal e decidiu mover o lábio inferior junto do superior como se quisesse misturar o resquício de batom que ainda moldava a sua boca. Esse simples movimento nos lábios deixou Théo sem controle algum. Ele resolveu parar com as formalidades, agarrou-a pela nuca e trouxe-a para mais perto dele ficando colados. Luisa já não conseguia esconder o seu desejo e começou a beijá-lo intensamente.

Théo puxou-a para dentro do quarto, enquanto continuava a retribuir o beijo e, com a ponta do pé empurrou a porta para fechá-la, conseguindo total

privacidade. Eles se beijaram ardentemente, num misto de amasso e carícias. Ele moveu o corpo dela para próximo da escrivaninha e, ao debruçá-lo sobre a mesa de madeira, todos os objetos antes organizados voaram ao chão.

Théo invadiu a boca dela ainda mais com a língua, deslizando os dedos fortes e dóceis para dentro do vestido justo dela. Ela engasgou quando se deu conta do que ele planejava fazer. No instante seguinte, entregou-se ao prazeroso movimento do dedo indicador dele, que passeava pelo centro de sua calcinha. Inclinou a cabeça ligeiramente para trás, aprovando cada atitude ágil dele.

– Esse vestido branco me enlouquece – gemeu ele.

Luisa corou levemente ao receber o elogio. Sua intenção era exatamente provocá-lo e ficou satisfeita que ele tivesse notado o esforço em agradá-lo. Soltou um sorriso triunfante e seus dentes puxaram bem devagar o lóbulo da orelha dele.

Ele percorreu o corpo dela sob o tecido da roupa, apalpando-lhe o quadril, a cintura e depois cada um dos seios. Para ele, era excitante senti-los em suas mãos, imaginá-la gemendo quando sugasse um mamilo. Tantas vezes esteve naquele lugar em suas noites de insônias, deitado na cama simulando estarem juntos, mas agora era real.

– Tire o vestido para mim – ordenou Théo.

– Obedeço de bom grado – respondeu ela com voz rouca, pegando emprestada a peça de tecido que estava esticada na cadeira. – Por que você trouxe uma gravata nas férias?

– Poderia ter um jantar formal, não sei.

O sorriso dela se intensificou.

– Perfeito, vou usá-la. E agora você também será obediente e não tentará espiar nem um pouquinho – disse Luisa, amarrando o acessório masculino como venda nos olhos dele. – Vamos trabalhar com outros sentidos.

– O sequestro era meu. Eu que ia vendá-la, lembra?

– Tomei a frente desse projeto, baby.

Ele sorriu com a brincadeira e ficou totalmente excitado para tocá-la novamente. No momento em que tudo escureceu no quarto sentiu um beijo no cantinho da boca. E outro mais, descendo pelo pescoço, percorrendo o peitoral largo e musculoso dele, agora exposto pelos botões da camisa, abertos.

Théo teve facilidade para achar o zíper do vestido dela e abriu devagar como o suspense de um filme. Isso causou um efeito de desespero em Luisa para que ele a tocasse nua. Ela o fitou, extasiada. Seu corpo parecia vibrar por querê-lo tanto e mais perto.

Assim que o vestido caiu a seus pés, desviou-se da roupa e seu corpo ficou rígido parado em frente a ele.

– Você tem a permissão dessa vez para ultrapassar os limites – encorajou-o, suavemente.

Théo continuou vendado, seu olfato estava aguçado. Sentiu o perfume delicado dela invadindo o seu nariz e todo o ambiente. Era como adentrar em um vasto campo florido usufruindo do adocicado das flores.

– O que mais quero é ultrapassar o sinal vermelho – disse ele ofegante.

Sua expressão era de fúria quando tirou a própria camisa para aliviar o calor que emanava de seu corpo, que parecia estar em chamas. Poderia cozinhar qualquer coisa em cima de si sem problema algum. Sua boca foi direto aos seios dela, uma mira exata executada com perfeição no alvo enrijecido pelo deslizar em círculos da língua dele. Ele brincava totalmente à vontade com os pontos mais sensíveis do corpo dela.

Luisa soltou murmúrios de prazer, jogando a cabeça para trás e mantendo os braços firmes na cintura dele.

Merda! Já não estou mais no comando, ele me enlouquece por completo.

Todas as sensações sonhadas, todas as ações narradas em detalhes nas mensagens trocadas nos últimos dias eram reais. Incrivelmente reais. Saíram da ilusão do mundo digital e seus corpos respondiam enlouquecidos aos passos seguintes, descritos no roteiro escrito por eles em namoros virtuais.

– Quero beijar cada pedacinho do seu corpo – denunciou Théo, ao deitarem na cama.

Vendado, ele começou novamente a beijar o pescoço, um dos seios, o umbigo e foi descendo suavemente. Ela estava arrepiada até a ponta dos dedos dos pés, completamente úmida e entregue a ele. Théo percorreu sem nenhum pudor todas as curvas do corpo dela. A respiração de Luisa estava ofegante, ela se contorcia enquanto sentia a língua quente dele deslizar em suas coxas. Ele estava empenhado em fazê-la gemer sugando-a com ímpeto.

Cheio de tesão, e na tentativa de sanar a sua própria sede, só teve tempo de colocar a camisinha, antes de penetrá-la de uma vez.

– Assim é ótimo – murmurou Luisa. – Nosso encaixe é perfeito.

O sobe e desce de seu corpo aumentava a velocidade cada vez mais.

– Sempre concordo com você.

Depois de um tempo, ambos chegaram ao clímax juntos. Nunca havia sentido um prazer tão forte como ter Théo dentro dela. Ela teve a sensação de que o tempo parara por um breve momento, que nada parecia ter sentido sem aquele sentimento de pertencimento que vivenciava intensamente.

Permaneceu deitada sobre ele por algum tempo, até que as batidas do coração voltassem ao ritmo normal. Ficaram juntos por horas, conversando e se amando. As preocupações foram adiadas para depois. Ninguém ali se preocupou com o amanhã.

O amor que fizemos é totalmente reconciliatório. Minha alma clamava por paz e agora sei que a terei.

Luisa deixou o bilhete de despedida em cima do travesseiro e percorreu o olhar pelo quarto em busca de sua bolsa. A cama desfeita deixava rastros dos acontecimentos das últimas horas. Seus olhos se encheram de lágrimas, e o peito estava apertado com a sua decisão. Ela sabia que tinha poucos minutos, ele apenas entrara no banheiro para uma ducha rápida. Fechou a porta na

tentativa de não provocar barulho algum. Seu passado ficou guardado dentro do quarto 912, e as boas lembranças sempre permaneceriam com ela.

Eles tiveram a oportunidade de expor seus projetos individuais enquanto estavam nos braços um do outro, e sabiam que seus caminhos estavam traçados em países distintos naquele momento. Théo planejava abandonar o emprego fixo para se aventurar em seu sonho de velejar. Que garantias ou futuro promissor ele poderia dar a ela? – questionou-se. Sairia ao mar e Luisa ficaria sozinha contando os dias para tê-lo ao seu lado. Ao contrário dele, Kadir estava focado em seus negócios e ela aceitou morar com o namorado para tocarem juntos alguns sonhos. Ofereceria um futuro trilhado pelo pilar da segurança, dentro de um padrão familiar pré-moldado.

Ela não se sentia confortável com a traição, e também não fazia parte da sua índole achar tudo aquilo normal. Seria desconfortável o primeiro olhar que Kadir lhe oferecesse em casa. Contudo, via aquela situação como um processo de crescimento. Sair do mundo virtual e colocar no físico ajudou-a a diluir as expectativas e viver o hoje.

Os dois precisavam ser maduros, por mais que isso doesse dentro do peito. O destino os havia unido mais uma vez, mas não de uma maneira perfeita, ponderou Luisa.

DOIS DIAS DEPOIS

Anotações caderno de Luisa (poesia).

Caminhar adiante

Eu não estava tomada por qualquer sentimento de expectativa;
Apenas observava que uma semente crescia dentro do peito.
Uma fagulha de esperança;
De tocar-lhe sutilmente.

Tê-lo em meus braços eu nem sequer imaginei;
Seria audacioso demais.
Imaginei trocar olhares confidentes;
De um passado puro e inocente;
Mas simplesmente verdadeiro e banhado de saudade.
Seria tudo fruto da minha imaginação?
Ou estivemos conectados por frações de minutos,
Até mesmo segundos.
Doces segundos.

O medo petrifica, deixa a vida estagnada.
Não quero carregar esse fardo comigo;
Por isso modifico o que entristece a alma.
Ajusto o foco, estreito a lente e sigo em frente.
Ser feliz é primordial sempre.

CAPÍTULO 15

Alguns meses depois...

Agora posso abrir os olhos? – questionou Luisa, tentando se desvencilhar das mãos de Kadir que tampavam seus olhos.

– Agora pode.

Quando os abriu, sua visão era de pura alegria. Ao lado de Ayla e Yasmin, Olívia sorria para a amiga. A secretária bateu palmas de excitação, talvez por concordar que todo aquele arranjo parecia ser tão romântico e perfeito. Em outro canto avistou Osman, Leyla e Attila, amigo íntimo de Kadir. Um grupo pequeno, mas que no presente eram os mais próximos do casal.

– O que isso significa, querido? Esqueci de alguma data importante? – indagou confusa. – O restaurante estava cheio, porém Kadir havia feito uma reserva antecipada de uma mesa para eles, o que gerou desconfiança de ser algo especial.

– Resolvi fazer algo para lhe agradar – sorriu Kadir, olhando confiante para os seus ilustres convidados. Todos conspiravam com o motivo do encontro, menos a protagonista da cena. – Sente-se e vamos aproveitar. A comida daqui é maravilhosa.

Ela deu de ombros ao observar que os outros convidados se acomodaram ao redor da mesa e pareciam dialogar normalmente.

– Tudo bem, parece uma surpresa. Entendi.

Ele sorriu, porque ela estava absolutamente certa. A revelação viria na hora apropriada e Luisa teria que segurar a ansiedade.

Kadir convidou Olívia para se sentar ao lado da amiga. O garçom chegou na sequência para tirar os pedidos das bebidas. Assim que ele finalizou, Olívia apoiou a cabeça em uma das mãos, jogando-a para o lado de uma maneira descontraída. Com a outra mão ela circulava seus cachos miúdos, dando a impressão de que buscava algum assunto para iniciar a conversa.

– Vocês vão assistir ao show de sábado na margem do Bósforo?

– De quem é o show? – perguntou Luisa, interessada.

– É daquela banda europeia que está fazendo bastante sucesso. Qual é mesmo o nome?

– Bless You – respondeu Kadir. – Tenho acompanhado o trabalho deles na mídia, e o melhor é que tocam como voluntários em asilos de idosos. Achei isso bem legal da parte deles.

– Sem dúvida. Parece que o sucesso ainda não subiu à cabeça do grupo – concordou a namorada. Seus ombros relaxaram por completo com o início da conversa, ela deixou de ficar ligada no que acontecia ao seu redor. Havia se convencido de que Kadir buscava mesmo uma diversão entre amigos.

Luisa olhou para a amiga e a questionou interessada:

– A Universidade faz algum trabalho voluntário?

O garçom se aproximou da mesa e serviu as bebidas aos convidados. Logo depois, anotou o pedido de cada um. Aquele restaurante tinha fama de ter um serviço impecável e ágil.

– Sim. Eles desenvolvem um projeto esportivo com crianças de países mais carentes, como alguns da África e do Azerbaijão. Também já ouvi falar que investiram em atletas da Universidade, e depois eles tiveram sucesso na carreira.

– Que interessante! Eu nunca soube disso.

Olívia explicou:

– A Universidade é bem engajada em projetos de incentivo aos alunos. Temos alguns investidores de grande peso para isso. Empresas com dinheiro, entende?

– Ah, sim. Posso imaginar.

– Eu acho ok as mulheres estudarem na Universidade, no entanto os afazeres da casa precisam ser comandados por uma figura feminina. Ficar o dia todo fora trabalhando me desagrada. Eu sou contra essa ideia de países

modernos. – A voz de Kadir saiu rouca, mas as duas puderam escutá-lo perfeitamente.

– Desde a Revolução Industrial muita coisa mudou na sociedade mundial – relatou Olívia. – Não temos como regredir, pois a mulher está inserida no campo de trabalho e quer muito isso.

Luisa ficou tão alarmada com o comentário de Kadir que começou a se sacolejar no assento, como se tivesse sido picada por um bicho peçonhento. Ela não virou a cabeça para ele num primeiro momento, sua atenção foi transferida para a postura da sogra na mesa. Leyla parecia soberana e dona de si, mas já conhecia a verdadeira realidade das mulheres turcas e sabia muito bem que os homens eram os chefes da casa.

– Eu discordo – retrucou Kadir, tentando manter a compostura com Olívia. No entanto, o seu semblante estava pesado e as mãos permaneciam fechadas em cima da mesa. – Luisa poderá trabalhar comigo ocasionalmente, mas o lugar da mulher é organizando a casa, cuidando dos filhos do casal.

– Cada um com a sua opinião – ela o alertou, tentando apaziguar a conversa. Ela afagou os ombros do namorado deslizando as mãos sobre ele suavemente. Isso seria um assunto para discutirem mais tarde sozinhos em casa.

Olívia deu de ombros. Sua criação era muito mais livre e se orgulhava muito de suas conquistas profissionais. Ela sonhava desde pequena em dar aulas e havia conseguido um espaço honroso dentro da área acadêmica. Os alunos da Universidade respeitavam-na imensamente, mesmo sendo uma mulher. Nunca tinha sentido qualquer tipo de preconceito ou de desrespeito da parte deles. Seus alunos ansiavam por conhecimento e ela, como professora, sentia-se capacitada para atendê-los.

Luisa introduziu assuntos mais leves e a conversa prolongou-se por um bom tempo. Quando finalizaram o jantar, um dos garçons recolheu os pratos e outro, na sequência, colocou um prato com tampa de prata na frente de cada convidado. Aquele movimento gerou um alvoroço na mesa, pois todos queriam saber algo sobre a sobremesa surpresa. Cada um foi abrindo e sanando a curiosidade. Estavam extasiados com a delicadeza do doce de

pistache com chocolate.

Luisa foi a única que ficou imóvel ao abrir a sua tampa, pois, diferente do doce que descansava no prato dos outros, no dela possuía uma pequena caixa delicada. Ao abri-la sem dificuldade, uma joia reluzente saltou-lhe aos olhos. Um incrível anel de noivado ocupava o lugar da sobremesa, surpreendendo-a.

– O que está acontecendo aqui? – indagou entusiasmada.

– Essa reunião de hoje é muito especial para mim, querida. Gostaria de saber se você aceitaria se casar comigo?

Ela parecia surpresa com o pedido, mesmo que estivessem namorando por um tempo razoável para uma proposta de casamento, ainda assim não suspeitou que aquilo pudesse acontecer. Amava aqueles olhos amêndoa, eles transmitiam a mesma segurança de uma fortaleza.

– Ah, Kadir... – suspirou sem palavras com a atitude romântica dele. – Eu não sei... quer dizer, isso seria incrível! Só que terei que tomar a decisão de ficar em Istambul para dar certo.

– Querida, quero que você seja a minha noiva. Eu aguardo o tempo necessário para você adotar a Turquia como o seu país de escolha. A questão é a distância do Brasil, certo?

– Sim, sim, Kadir. Quero muito ficar com você.

Ela tentou organizar as ideias para que tudo ficasse claro para ele, para todos e principalmente para ela mesma. A Luisa menina poderia sair correndo pela porta da frente para fugir de suas responsabilidades, só que ela já era adulta e queria assumir o seu futuro de uma vez por todas.

– Isso seria uma mudança definitiva, uma super mudança de vida, no entanto eu quero me casar com você – ela disse, por fim.

– Eu a entendo e não quero pressioná-la. Eu te amo muito, Lisa.

– Eu também te amo.

Ele aproveitou que ela abriu um sorriso sincero e colocou o anel no dedo dela para oficializar o noivado.

– Um brinde – exultou Kadir.

Todos levantaram suas taças com grande alegria e o barulho do toque dos cristais repercutiu no ambiente, misturando-se às conversas paralelas das mesas ao lado.

– Agora quero lhe mostrar mais uma surpresa. Tem uma pessoa interessada em falar com você e está na linha do meu celular. – Ele estendeu o aparelho para ela e foi possível escutar a voz familiar de sua mãe.

– Oi, filha. Parabéns pelo noivado! Estou feliz por vocês.

– Oi, mãe! Obrigada – agradeceu sem jeito. – Como você está?

– Tudo bem. Estou emocionada que seu noivo tenha me ligado. Ele pareceu bem apaixonado.

Luisa hesitou em responder. Ainda estava na mesa ao lado de todos e sentiu-se constrangida de falar com a mãe pelo telefone sobre o seu futuro marido.

– Estou feliz – pronunciou sucinta, saindo dali para ganhar mais privacidade. – Estamos finalizando a sobremesa... Posso te ligar depois para contar os detalhes com calma?

– Claro. Na verdade eu preciso mesmo conversar com você, mas tem que ser com tempo. Seu irmão está me dando muito trabalho.

– Combinado. Eu te ligo amanhã e você me conta o que está acontecendo.

– Tchau, querida. Aproveitem essa noite especial.

– Tchau, mãe.

Depois de desligar, ela avistou a placa do banheiro e decidiu conferir se a maquiagem estava borrada antes de voltar à mesa. Kadir despendia enorme atenção a ela, e aquele gesto de incluir sua mãe no pedido de noivado tinha sido tocante. Segurou as lágrimas ao máximo para não parecer infantil ou tola demais. Olhou-se no espelho e estava tudo em ordem com a maquiagem. Lavou as mãos e aproveitou para salpicar algumas gotas de água no rosto como se estivesse borrifando-a para refrescar-se e trazer vigor à pele. Um

sorriso singelo surgiu em seu rosto, refletindo toda a sua realização pessoal.

Saiu do banheiro distraída com os seus pensamentos, tentando elaborar como seria a sua vida dali para frente. Tantas mudanças culturais estariam em jogo para o seu futuro! Enquanto guardava no bolso o celular de Kadir, que estava em sua posse, esbarrou com força em um homem na saída da porta.

– Que susto, Osman! – disse Luisa, colocando as mãos na altura do coração assim que o reconheceu. – Eu estava distraída, desculpa-me.

A voz dele era firme quando falou com ela.

– Lisa, você está certa do que quer?

– Como assim?

– Kadir é muito superprotetor e vive na barra da saia da minha mãe. Não sei se você vai aguentar isso.

– O que você está dizendo, Osman? Não estou entendendo essa conversa.

– Estou dizendo que acho que você não sabe onde está se metendo. Eu poderia ser a melhor opção para um casamento tranquilo.

O vulto feminino moveu-se para o lado esquerdo dele, tentando se esquivar para o caminho das mesas. Osman bloqueou a passagem dela com um dos braços, pressionando-a entre o batente da porta e a parede. Estavam em um pequeno hall que discretamente escondia os dois banheiros do salão principal com um biombo.

– Osman, você está sendo abusivo. Eu não vou discutir o meu noivado com você. Eu quero voltar para a mesa agora, por favor, me dá licença.

– O seu perfume sempre me deixou louco, assim como a doçura de sua voz.

A situação estava tensa.

– Pare com isso – gritou Luisa.

Ele a segurou com mais força e sussurrou com vivacidade no ouvido dela.

– Kadir sempre exultou como a namorada é uma pessoa inteligente. Eu realmente não estou vendo isso e não é porque não enxergo perfeito. Sua atitude prematura de aceitar o pedido dele ressoa como imbecilidade para mim.

No instante em que ele começou a acariciar os braços de Luisa, deslizando os dedos do pulso fino e frágil até o pescoço de sua futura cunhada, Kadir apareceu no hall.

– O que está acontecendo aqui? Lisa, você demorou a retornar com o meu celular e preciso fazer uma ligação.

Os olhos dela arregalaram-se como nunca antes. Ela estava horrorizada e com asco de Osman, mas parecia que Kadir não havia entendido nada daquela situação constrangedora. Ele puxou a noiva pelo braço, colocando mais força do que gostaria. Luisa quase tropeçou com o salto alto do sapato e o solavanco. Ela reparou que um casal os observava com atenção, no entanto a mulher desviou seu olhar como se não pudesse prestar qualquer apoio.

Os dois voltaram para a mesa, e Osman retornou em seguida, sentando-se na outra ponta como estava acomodado desde o início do jantar.

– Você está bem? – questionou Olívia, notando o semblante fechado da amiga. Ela se ausentara da mesa conversando alegre com a mãe, mas algo parecia ter transcorrido nesse meio tempo em que estivera longe dali.

Luisa apenas balançou a cabeça para apaziguar qualquer preocupação. Não ia mesmo conseguir traduzir naquele momento o que acabara de acontecer. Osman, seu futuro cunhado, a quem ela estimava e respeitava muito, havia mostrado o seu verdadeiro caráter de forma nada sutil. O ciúme do sucesso do irmão mais velho ficou nítido em seu ato impulsivo. Falou mal do irmão, que sempre fez o melhor pelo bem-estar dele, que tentava suavizar qualquer desconforto causado por sua deficiência visual. Leyla mimara Osman desde pequeno como uma forma de recompensá-lo emocionalmente por sua perda da visão. No entanto, essa atitude tirou a sua força de homem adulto e sempre ficava muito claro o quanto ela admirava a carreira do filho mais velho.

Kadir tentou não transparecer para os outros o seu aborrecimento com o

que vira, finalizando o jantar como um bom anfitrião que recebe os amigos em casa. A noite tinha sido quase perfeita para Luisa, se não fosse a insanidade infantil de Osman no final. Despediu-se das amigas, agradecendo a presença delas naquela data especial, e aproveitou a euforia da conversa com Olivia para se refugiar num clima informal, provocando apenas um aceno de tchau para o cunhado e a sogra. Ela precisava digerir a indelicadeza de Osman antes de voltar a tratá-lo normalmente.

O silêncio acompanhou o casal de noivos durante todo o trajeto até o apartamento. A paisagem corria feito um borrão na janela lateral, sem destaque para as flores que descansavam nos vasos da rua, tampouco para a iluminação exagerada do novo restaurante aberto na esquina de casa. Cada um estava preso nos seus pensamentos, como se tivessem ligado o piloto automático. A única frase que Kadir pronunciou para Luisa foi anunciar que preferia dormir no sofá para esfriar a cabeça e diminuir a raiva que estava sentindo dela. Pegou o seu travesseiro na cama e uma coberta extra do armário e se retirou do quarto cabisbaixo.

Ela permaneceu um bom tempo sentada na beirada da cama, olhando para a noite lá fora, num esforço de acalmar as emoções desenfreadas. O céu de Istambul estava bastante estrelado. Pequenas luzes salpicavam possíveis desenhos aos olhos imaginativos de quem as observava. Tirou os sapatos e escorregou o corpo na cama. Ainda estava vestida com a roupa do jantar, mas não se importou com aquilo.

Luisa cobriu-se e fechou os olhos para descansar. Tentou não pensar em qualquer possibilidade de arrependimento sobre a decisão tomada. O sono veio da exaustão emocional na qual se encontrava.

CAPÍTULO 16

O barulho da cafeteira despertou o sono leve de Luisa. A janela permanecia aberta, e a luz do dia havia invadido o quarto por completo. Por algum motivo, ela se lembrou como tomar sol lhe fazia bem e relaxava. No Brasil, principalmente na sua infância, ela ia bem cedo para o quintal de casa e alojava as suas bonecas em fileira. Estendia uma toalha velha que a mãe lhe dera para brincar e fingia estar na orla, deitada na areia fofa e quente de uma praia qualquer do litoral sul de São Paulo.

Decidiu criar forças para o dia com uma ducha morna e depois um café. Torcia para que Kadir não saísse para trabalhar tão cedo, eles precisavam conversar para ajustar aquela situação mal entendida.

Ela colocou um vestido longo de linho, fez um coque alto no cabelo da maneira que mais se sentia arrumada e borrifou um pouco do seu perfume favorito. Queria elevar o seu ânimo, tentar fazer com que aquele novo dia pudesse começar tranquilo.

Ficou satisfeita que Kadir ainda estivesse em casa. Jogado no sofá, ainda de pijama, ele lia o jornal acompanhado de uma xícara grande de café. Ela passou por trás do sofá e seguiu na linha reta da cafeteira, servindo-se de algo para beber. Logo depois, sentou-se no canto onde Kadir estava deitado.

– Bom dia – disse Luisa, assim que tomou o seu primeiro gole da bebida.

Ele abaixou o jornal na altura do pescoço, permitindo que seus olhos ficassem livres.

– Bom dia.

– Podemos conversar agora?

– Sim, podemos. – Kadir dobrou o jornal e apoiou os pés no chão, adquirindo uma postura mais ereta.

– Eu não sei o que deu no Osman. Quando eu saí do banheiro ele veio com uma conversa estranha para cima de mim. Ele tem ciúmes de você, não tem?

– Lisa, meu irmão tem as suas limitações físicas, mas sabe muito bem se comportar em nossa sociedade e cultura. Vejo que você é quem não entende a postura de uma mulher turca.

Ela se defendeu.

– Kadir, no Brasil temos mais liberdade na maneira de nos expressar, mas isso não quer dizer que perdemos a noção e não temos regras. Na verdade, eu ainda não entendi como você está interpretando a cena porque só existe uma interpretação.

– Eu avalio o que meus olhos vêem, e não foi nada legal te ver agarrada no meu irmão.

Luisa ficou chocada com o tom irônico com que ele despejou as palavras em cima dela.

– O seu irmão deu em cima de mim – corrigiu logo. – Para ser bem sincera, ele sempre veio com graça e muitos elogios, mas eu soube contornar até aqui. Agora ontem, bem... ele ultrapassou os limites, como você viu.

– Lisa, era o nosso noivado. Preparei tudo como surpresa para você. Como você pode ser tão vadia?

– Eu não posso acreditar que você está me xingando. Vadia, foi isso que eu ouvi? Qual é, Kadir? Você está louco.

– Eu não vou deixá-la jogar a culpa do seu mau comportamento em cima do meu irmão. – Ele aumentou a voz ao falar com ela, quase que num grito furioso.

– Você não acredita no que estou dizendo?

– Não – bufou em seguida.

– É, então fica difícil.

– Eu te vi grudada com o Osman.

– Quer saber? Realmente não vai dar para conversar com você e nem terminar essa xícara de café. Vamos dar um tempo, Kadir, para colocarmos a cabeça no lugar. Casamento é uma coisa séria, e eu não sei se estou preparada

para esse choque de cultura num relacionamento.

Luisa voltou furiosa para o quarto, pegou sua bolsa e decidiu dar uma volta. Já na porta ela deu uma satisfação qualquer a ele.

– Vou sair, espairecer, preciso tomar um a. -- Antes de sair, ela ainda anunciou. – Não sei se volto hoje.

Saiu desaforada da portaria do prédio sem nem pensar no rumo que tomaria. Precisava pensar no seu futuro, e naquele momento não queria ficar perto de seu noivo. Nunca tinha visto essa faceta de ciúmes dele e não tinha sido nada agradável conhecer aquele lado sombrio. Saber que ele não confiava nela e nem acreditava em suas palavras foi difícil de engolir. De repente, ela se lembrou que já havia ocorrido uma discussão como aquela em sua vida, e um sentimento horrível de dor apertou o seu peito. Na outra ocasião, fora ela que não acreditara nas explicações de Théo. Luisa já estivera no mesmo papel de acusadora, como Kadir. Quando tomou consciência do que havia provocado no passado, ela ficou ainda pior.

Depois de trinta minutos caminhando em linha reta na calçada, ela notou que estava em frente à doceria Hafiz Mustafa. A vitrine exibia uma variedade enorme de doces fatiados em formato de triângulo e tortas grandes apetitosas. A torta de chocolate fispou seus olhos e instintivamente ela levou as mãos em direção ao estômago. Estava com fome, não havia comido nada no café da manhã. Apenas dois goles de café puro e nada mais. Luisa moveu os ombros para cima olhando para os doces como se conversasse sozinha. Por que não uma torta dessas agora? Preciso de algo para adoçar o meu dia. Entrou na doceria e comprou duas fatias. Enquanto a atendente embulhava os pedidos, ela ligou para Olívia e as duas combinaram de tomar café juntas na casa da amiga.

Sentiu-se um pouco melhor após a ligação, por ter ao menos um rumo para as próximas horas. Um chuveiro fino começou a cair, obrigando-a a acelerar o passo. As pessoas na rua pareciam mais apressadas do que o normal, ou era ela que estava sem paciência para tolerar o tumulto? Nem mesmo a alegria de uma criança que passeava de carrinho com a mãe a fez esquecer-se do que ouvira minutos antes. Olívia morava a duas quadras da Hafiz Mustafa, Luisa estaria abrigada em pouco tempo. Não era o caso de se desesperar.

Quando Luisa chegou à casa da amiga, foi como se estivesse sendo resgatada de um atropelamento e não tivesse mais qualquer força para o seu corpo reagir. Abandonou a torta de chocolate na bancada da cozinha e com lágrimas escorrendo de seus olhos, misturadas às gotas de chuva que acabara de tomar, ela correu para Olívia pedindo ajuda em desespero. As duas se abraçaram com carinho, e então a anfitriã segurou as duas mãos de Luisa e a observou atentamente.

– O que está acontecendo?

– Por que quando eu acho que estou fazendo a coisa certa e sigo em frente, mesmo assim eu ainda tenho a sensação de que me dei mal?

Olívia continuava olhando para ela com grande ternura.

– Ah, querida Lisa. O amor não é uma busca externa, e sim interna. Quando entendemos isso, descobrimos o caminho do acolhimento interno. Você precisa olhar para dentro.

– Droga, Olívia! Está doendo muito, é um aperto enorme no peito.

– Eu sei – respondeu ela, acariciando os braços de Luisa num gesto amoroso e puxando-a até o sofá. – Fique calma, sente-se. Vamos tomar um chá, comer essa torta deliciosa e conversar. Tudo vai ficar bem, você sabe disso.

A voz dela era muito suave, transmitia tanta paz que parecia terem entrado num templo sagrado.

– Ontem a noite não terminou bem. Algo muito irreal aconteceu e discutimos feio hoje. Acho que não vai dar certo esse casamento, vou desistir.

– Calma – sibilou Olívia novamente. – Eu notei que após a ligação da sua mãe você voltou estranha para a mesa. – Ela estendeu o prato de porcelana com uma fatia da torta e sentou-se, enquanto aguardava a chaleira aquecer a água no fogo. – Sua mãe não recebeu bem a notícia do noivado?

– Não é nada disso. Minha mãe ficou animada, ao menos pela primeira vez transpareceu me apoiar. Osman foi quem fez uma cena na porta do banheiro, e o Kadir interpretou tudo errado.

– Como assim, porta do banheiro?

– Depois de desligar a ligação, eu dei uma passada no banheiro. Quando saí, o Osman me segurou, bloqueando a minha passagem. Veio com um papo estranho de que eu deveria desistir de casar com o irmão dele. Acho que ele está com ciúmes, sei lá.

– Pode ser. Ele deve estar inseguro com as mudanças que esse casamento pode provocar na rotina da família.

– Acho que é mais do que uma bobagem de garoto. Ele deu em cima de mim, me segurou forte para que eu não saísse. Quando o Kadir chegou, Osman estava quase me beijando.

Olívia arregalou os olhos surpresa.

– Meu Deus!

– Meu Deus, mesmo. Kadir interpretou tudo errado, achando que eu estava ficando com o irmão dele. – A chaleira apitou forte na cozinha, porém Olívia relutou para sair do sofá. Queria saber o final daquela história louca.

– Um minuto. O chá está pronto e acho que vou precisar tomar também.

Olívia despejou a água fervendo nas xícaras, adicionou os sachês e voltou o mais rápido que conseguiu para o sofá. O aroma adocicado tomou o ambiente.

– Está muito quente, cuidado – alertou-a, deixando as xícaras na mesa. – O que foi que o Kadir disse quando viu vocês juntos?

– Ele não falou nada, apenas expressou estar bravo e voltamos para a mesa. Até então eu tinha achado que ele estava aborrecido com o ocorrido, mas não. Ele colocou a culpa em mim, dizendo que não sei me comportar na cultura deles. Como se eu tivesse agarrado o irmão dele. Kadir deu a entender que as brasileiras podem ser inferiores na questão do respeito, que sou liberal demais. Estou chocada, para dizer o mínimo.

– Não é para menos. O relacionamento é feito à base de confiança. Ele está dizendo que não confia em você, e sim no Osman porque é irmão. Que bobagem!

– Ai amiga, o que eu faço? Acho que não começamos nada bem esse noivado. Já não estou mais certa desse caminho.

– Tome sua decisão com mais cautela. Fica aqui em casa e ganhe um tempo só para você. Medite, olhe para as imperfeições desse relacionamento, para os medos e desejos.

– Obrigada por me receber na sua casa. Eu preciso mesmo de um tempo para pensar.

– Tome seu chá, está mais frio. Depois eu aconselho um banho quente, você tomou chuva e pode ficar doente.

Luisa olhou para o cabelo ruivo escorrido e sorriu.

– Devo estar um monstro. Maquiagem borrada, descabelada.

– Você é linda Lisa. Muito linda.

– E você é minha melhor amiga. Os dois remos que me fazem mover para frente.

Olívia beijou satisfeita o rosto de Luisa. Entregou-lhe uma toalha limpa e empurrou-a em direção ao banheiro.

– Então se mova para um banho quente agora. Vai ajudar a relaxar também.

Mesmo já tendo tomado banho quando acordou, a proposta de uma ducha quente, oferecida pela dona da casa, realmente ajudou-a sentir-se aquecida e melhor. Assim que terminou de secar o cabelo, escutou o celular apitar. Era Kadir mandando mensagem, mas ela não queria falar com ele naquele momento. Depois enviaria um recado para acalmá-lo.

Luisa tinha uma poltrona de preferência no apartamento da amiga que ficava bem próxima à janela da sala. Acomodou-se tranqüila, ajeitando a almofada para deixá-la mais confortável, e espiou a paisagem da rua. O vento forte soprava na fresta da janela, mas ela estava completamente aquecida. Ouviu Olívia dizer para ficar à vontade porque iria entrar no banho e seu corpo deslizou devagar. Olhou um pouco seu instagram e divertiu-se com as imagens postadas por algumas amigas viajando juntas pelo sul do Brasil. As

fotos da serra gaúcha estavam incríveis. Consultou sua caixa de e-mails e sua tentativa de se acalmar frustrou-se. Seu coração acelerou assim que leu o nome de um dos destinatários. Parecia que ela havia tomado um choque elétrico. O seu corpo respondeu eufórico às letras que ela lia. Tentou esquecê-lo com todas as suas forças e fechar a porta do passado, no entanto a reação dela àquele e-mail transparecia a verdade: não havia conseguido.

De: Théo Mendes

Para: luisafreire@hotmail.com

Assunto: Olá

Querida Lisa, tudo bem com você? Espero que sim.

Por aqui tudo caminhando, ainda falta o patrocínio para a minha equipe Team Munzzer, mas estou feliz porque estamos inscritos e animados com a experiência. Tempos de mudanças para a minha carreira, com certeza.

Pensei várias vezes antes de enviar esse texto, mas confesso que levei um tempo para fazê-lo.

Estou ciente de que você não tinha muita escolha ao deixar aquele quarto de hotel, ou melhor dizendo, a sua escolha foi o caminho mais certo. Eu, no seu lugar, provavelmente também seguiria a estrada da segurança. Concordar com esse plano traçado não quer dizer que eu esteja conformado ou que meu coração não tenha ficado dilacerado por voltar sozinho para aquela cama que ainda guardava o seu cheiro.

Sentir a sua pele junto do meu corpo e poder tê-la ao meu lado por algumas horas teve um significado muito importante para mim. Talvez você não faça ideia do tamanho dessa importância.

Você tinha mesmo razão, como sempre tem, minha Lisa. Sinto-me solitário, e esse buraco se abriu por completo depois que provei do seu amor verdadeiro.

Não importa onde você esteja, como esteja e com quem esteja, eu sempre amarei você. Com certeza essas são as minhas primeiras palavras de desabafo

nesses anos que nos conhecemos e nos relacionamos. Entenda que é extremamente difícil, para mim, digitar tudo isso. Precisei de tempo e de amadurecimento para ter coragem de relatar o que sinto.

Beijos no cantinho da boca (só para lembrar os bons momentos),

Théo.

Luisa se sentiu devastada após ler mais de uma vez o e-mail. O tempo e a distância não tiveram o poder curador que ela imaginou. Precisava recuperar o autocontrole novamente ou sua vida sairia do prumo. Quando fechou os olhos, seu futuro pareceu incerto e confuso como um túnel escuro e vazio. Estava em busca da Luz, e sabia que somente ela poderia alcançá-la para se transformar em uma pessoa mais plena. Na sua jornada de estudos na área da espiritualidade havia encontrado alguns guias, mas ela tinha consciência de ser o agente de sua liberdade e felicidade.

A diferença desse período conturbado para os outros que enfrentou ao longo da vida era que agora acreditava mais em si. A certeza de existir uma saída a impulsionou para querer encontrar a solução de seus problemas. Mas por onde começar a organização da bagunça?

CAPÍTULO 17

A pilha de livros em cima da mesa do escritório de Luisa vinha crescendo consideravelmente nas últimas semanas. Seu trabalho de pesquisa estava atrasado, os prazos de entrega à banca examinadora continuavam os mesmos e o cenário de turbulência na sua vida atual também não ajudava em nada para confortá-la. Debruçou-se enfadada, espalhando alguns títulos à sua frente e tentando analisar o conteúdo que ainda poderia acrescentar antes da defesa da tese. Ela não via a hora de finalizar o compromisso assumido e ter um tempo mais tranquilo só para si.

Presas em seus pensamentos de como havia chegado até ali, folheava distraída o livro mais grosso da coleção quando o celular tocou com uma chamada do Brasil, assustando-a com a altura da nova música que escolhera para as chamadas. Era estranho para Luisa que a mãe ligasse para ela, mas parecia que a conversa que tiveram antes de seu noivado resultou ao menos em um pequeno vínculo de confiança entre elas.

– Oi, Lisa. Bom dia!

– Oi, mãe. Tudo bem? Você me ligando nesse horário – observou intrigada.

– Desculpa se estou atrapalhando o seu trabalho. – Beatriz pareceu desconfortável. – É que eu queria desabafar com alguém e achei que seria melhor ser com você.

– Está tranquilo. Eu estou mesmo sem cabeça para finalizar o meu relatório. O que aconteceu?

– Seus irmãos estão me deixando louca, já não sei mais como conduzir os estudos do Rafael. Ele tem ido muito mal em quase todas as matérias e eu tenho sido chamada na coordenação com frequência.

– Ele nunca foi um primor nos estudos, mas dava conta de passar, não é? O que você acredita que mudou? – quis saber a filha.

– As más companhias, tenho certeza. Nenhum dos meninos herdou a sua

inteligência. Sem contar que eu acho que tem droga na jogada.

– Não! Jura? Aí fica pesado – relatou pesarosa.

Beatriz respirou fundo e depois continuou:

– Vinicius também anda violento com o irmão mais novo. Fico ausente a maior parte do tempo e só escuto lamentações ao chegar em casa. – Ao relatar em voz alta todo o caos da casa ela ficou ansiosa e começou a tirar o resto de esmalte dos cantos das unhas. – Quando você termina o mestrado, Lisa?

– Estou na reta final, para ser sincera. Em uma semana defenderei a minha tese para a banca examinadora.

– Filha, eu sei que fui eu que lhe enviei tão longe de nós. Mas no fundo sempre acreditei na sua competência, no seu grau de concretizar as coisas. Essa bolsa é uma excelente oportunidade para a sua carreira. Será que você consideraria a possibilidade de passar alguns dias aqui no Brasil depois de tudo finalizado?

Ela levou alguns instantes para registrar a pergunta que ouvira e um tempo maior para formular uma resposta.

– Talvez – murmurou em voz baixa.

Enquanto observava a decoração ao seu redor, a questão que andava evitando voltou. O que faria com o seu futuro? O afastamento de Kadir foi acontecendo aos poucos, ainda estava na casa de Olívia e não sentia vontade de reatar o relacionamento com ele.

A última conversa tinha sido em um café simples perto da casa dele. Um ambiente familiar, mas nada aconchegante. Pareciam distantes, uma situação confusa pela qual nunca haviam passado. Ela percebeu como Kadir poderia ser teimoso e machista quando queria. Ele estava tomado pelos ciúmes, e Luisa, impaciente para brigar em sua defesa mais uma vez. Ponderou que talvez a diferença cultural pudesse ter um peso grande nas convicções de cada um. Ela sabia que ele queria o bem de todos que amava, e por isso sempre agia superprotegendo todos, principalmente o irmão e a mãe. Contudo, não dosava essa atitude, e os ciúmes cegavam-no no dia a dia. Ao menos essa era

a sensação de Luisa. Ele a amava, e disso ela não tinha dúvidas, mas estar ao lado dele alimentava a sua codependência emocional. Ela queria bater as asas para uma liberdade sem limites.

– Eu preciso pensar no assunto com mais calma antes de lhe responder, mãe. Na verdade, estou num momento crucial desse projeto do mestrado e aí terei tempo para pensar na minha vida.

– Claro – ponderou Beatriz. – Sei que sua rotina é estável em Istambul. Você está noiva e tem uma pessoa ao seu lado.

– Não tão estável – lamentou-se. Seria melhor desabafar de uma vez aquela ruptura repentina. – Eu e Kadir não estamos mais juntos.

Beatriz pensou ter ouvido errado.

– Como assim? Vocês me ligaram no dia do noivado.

– Eu sei, mãe, e achei que era algo verdadeiro. Eu me enganei.

– Nem sei o que lhe dizer.

– Não há mais nada a ser dito – considerou Luisa. – Estou morando com uma amiga por um tempo. Vou dar um jeito nesta situação logo.

– Espero que sim – expressou-se, na torcida. – Agora o meu convite pode ficar mais sedutor para ser aceito.

A filha assentiu.

– Verdade. Nem comecei a ver apartamento aqui, vou precisar de um lugar para morar.

– Seu quarto está bagunçado. Coloquei várias caixas lá e aquilo está parecendo mais um abrigo de refugiados, mas podemos mudar isso. Eu mesma arrumarei antes da sua chegada – anunciou com firmeza. – E tem outra coisa que queria dividir com você. Uma nova ideia.

– O que seria?

Beatriz relatou o que tinha em mente.

– Como você sabe, sua madrinha anda sempre ligada em propostas lucrativas para o seu orçamento. Ela achou uma excelente sala comercial para alugar e está querendo que eu entre de sócia no novo projeto dela.

– Novo projeto dentro do ramo imobiliário? O que ela imaginou dessa vez?

– Ah, Lisa, eu fiquei animadíssima com o assunto – expressou-se com alegria. – Ela sugeriu que abríssomos uma agência de intercâmbio nesse espaço que ela viu. Vamos precisar investir pouco dinheiro, só alguns computadores, mesas. Trabalharíamos nós, eu e ela. Imaginei o seu irmão também nesse negócio para distrair a cabeça. Assim também poderei acompanhá-lo mais de perto durante as horas em que não estará na escola.

Luisa expressou sua opinião de apoio. De uma forma estranha e inovadora para ela, parecia acreditar que a mãe estava lúcida e interessada em ajustar o futuro da família. Aquele convite da madrinha poderia ser o pontapé para o início de um bom negócio.

– Quer saber? Achei a ideia muito interessante mesmo. O Vini é bem comunicativo e talvez saiba atender aos clientes, é uma questão de treino. Intercâmbio é oportunidade para os jovens – falou convicta, enquanto desenhava pequenas formas geométricas na borda do seu bloco de anotações da mesa.

– Não é? Eu enxerguei isso como uma possível solução para os problemas aqui de casa e também uma entrada extra de dinheiro no orçamento. – Beatriz pigarreou antes de desabafar o que tinha acabado de vir à sua mente. – Pensei que você também pudesse fazer parte do time. Ainda mais agora que está concluindo o seu mestrado, vai precisar de um novo emprego.

– Na verdade, eu fui convidada para ser efetivada por aqui, mas estou indecisa depois dessas mudanças que aconteceram nos últimos dias. Estou refletindo muito para não tomar uma decisão precipitada envolvida em sentimentos.

Beatriz assentiu.

– Isto prova que eles estão valorizando muito o seu trabalho.

– Com certeza. Minha chefe é uma ótima pessoa, seria um prazer continuar na Universidade. Só que eu tenho que pensar na minha vida antes de responder em definitivo.

– Meu convite está feito. Vou apoiá-la no que decidir.

– Tudo bem, deixa eu me organizar por aqui e te ligo. – Ela não estava com cabeça para tomar qualquer decisão antes da apresentação de sua tese. Preferia seguir um passo de cada vez.

– Boa sorte na sua apresentação final.

– Obrigada, mãe. Beijos para todos em casa.

Sua defesa já acontecera quinze dias atrás. Tudo correria muito bem aos olhos de Luisa e ela estava orgulhosa de si. Os resultados foram satisfatórios e todos da banca a elogiaram com louvor, fazendo as ressalvas pertinentes ao aprimoramento da tese. Se por um lado não tinha escolhido por vontade própria traçar aquele caminho, por outro sua vivência em outro país despertara algo novo. De certa forma, aquele desafio a havia transformado em uma pessoa mais forte e corajosa.

Agora era o momento de avaliar a proposta de sua mãe. Se antes estava noiva, com um futuro supostamente garantido na Turquia, naquele instante voltara a uma situação emocionalmente instável que ela ora rechaçava.

Luisa retornou da cafeteria e consultou o relógio antigo de parede. Ayla deveria estar se preparando para almoçar. Queria falar com ela antes de sua saída. Pensou em convidá-la para uma refeição, mas o assunto seria mais pertinente ser dito dentro do escritório de trabalho. Talvez sua chefe a compreendesse, não sabia ao certo o que esperar daquela conversa.

Deu duas batidas na porta entreaberta e espiou com delicadeza se havia alguém na sala. Ayla estava digitando em seu celular e levantou os olhos assim que escutou uma pessoa se aproximar.

– Oi Luisa. Entre, por favor.

Ela esboçou um sorriso e entrou.

– Preciso dar uma palavrinha com você. Pode ser antes do almoço, por favor?

– Sim, sente-se. – Concordou com cordialidade, indicando a cadeira à sua frente. Ayla teclou a última palavra no celular e o colocou dentro da bolsa. – Em que posso lhe ajudar?

– Primeiro, eu quero dizer o quanto sou grata por trabalhar nesse projeto de pesquisa religiosa, nessa Universidade, e por você ter apostado em mim. A impressão que eu tenho é de que ninguém tinha realmente acreditado em mim, no meu potencial.

– Luisa, não diga isso, menina. Você está apenas começando uma carreira e pode ir muito longe aqui conosco. Acabou de terminar o seu mestrado de forma brilhante, como eu havia imaginado – esclareceu sorridente. – Agora, você poderá trabalhar como efetiva comigo. Tenho certeza de que ainda assumirá a cadeira de história um dia. O que você acha dessa ideia?

– Poderia ser um projeto – replicou Luisa. – Mas a minha vida sofreu uma reviravolta no último mês, e nesse momento tracei algo diferente para mim. Em vista disso, quis vir te ver.

– Entendo e não quero que você fique assustada. Continue na área de pesquisa e, com o tempo, você poderá direcionar sua carreira para algo novo, como dar aulas.

– Não, Ayla, você não está compreendendo. Esse novo caminho provavelmente será no Brasil, ao menos agora.

Ayla apoiou os antebraços na mesa e fixou seu olhar em Luisa. Parecia estar perdida na conversa.

– No Brasil? Vai voltar para lá depois de tudo que conquistou em Istambul?

– Eu sei que conquistei muita coisa por aqui e, por isso, sou grata a todos que me ajudaram.

– Se for por causa da briga que você me contou que teve com Kadir, desculpe querida, eu sou mais velha e sei que logo se ajustarão.

– Não é isso. Kadir tem o jeito dele, seus costumes, e eu o respeito. Mas sou diferente, apenas isso. Acho que chegou a hora de voltar para casa e cuidar da minha família.

– Bem... Família é família. Algo sagrado, a meu ver.

– Tenho sentido isso recentemente. Essa ligação forte, quero dizer. Nas minhas pesquisas concluí que cada religião tem os seus dogmas, suas crenças e as divindades em que acreditam. No entanto, percebo que todas reverenciam os pais, a família. Eu quero voltar para a minha e minha mãe está pedindo ajuda. Como negar?

– Atitude nobre de sua parte abrir mão do seu emprego. Você está certíssima, é muito jovem e vai seguir uma carreira promissora na sua cidade.

– Ela está querendo abrir um novo negócio no qual acredita, e eu posso ajudá-la por um tempo, nos primeiros passos – explicou esperançosa.

– Admiro o seu espírito empreendedor. Faça isso, siga os seus instintos.

– Pode deixar – disse Luisa com uma piscadinha. – Obrigada por torcer por mim. – Ela não se levantou, ainda tinha algo importante a dizer, então continuou falando. – Eu queria lhe pedir um favor, se isso não for abusivo da minha parte. Na verdade, seria uma sugestão para a Universidade.

– O que seria?

– Olívia comentou que a Universidade de Istambul patrocina jovens talentos, especialmente na área esportiva. Tenho a indicação de um brasileiro que promete brilhar nas próximas regatas mundiais. Ele é muito amigo meu, eu o conheço desde a infância, e tem muito talento – justificou Luisa. – Vocês não têm nenhum atleta turco nessa categoria, então poderia ser uma possibilidade de diversificar.

– Vou levar a sua sugestão em consideração e apresentar ao conselho responsável, porém não posso lhe garantir nada em absoluto. Sempre patrocinamos alunos ou ex-alunos. O fato a se considerar é que os dois países têm um bom acordo diplomático, poderiam abrir exceções e diversificar, como você sugeriu. – Ao dizer aquilo, o semblante de Ayla ficou iluminado. Parecia estar receptiva com a inovação.

- Tudo bem, apenas avalie. Deixarei o nome dele com você. Quem sabe?
- Luisa tirou um papel do seu bolso e o entregou à chefe.

Depois que Luisa explicou com mais detalhes tudo o que tinha lido no site de Théo sobre as habilidades e a competência dos membros da equipe, Ayla se pronunciou:

- Lembrei de uma possibilidade mais certa. Conheço uma empresa que pode patrocinar o seu amigo e seria com menos burocracia que a Universidade. Pode ser uma opção.

O celular de Luisa vibrou na bolsa, mas ela estava tão envolvida no assunto da conversa que nem ao menos quis espia-lo.

- Se você puder tentar esse caminho também seria ótimo. Quem sabe dá certo? Minha ideia é ficar aqui até o final do mês. Fechar o projeto. Não vou sair foragida do país e te deixar na mão.

- Que bom – disse aliviada. – Isso seria perfeito. Teremos uma resposta até lá.

Ao final daquelas palavras, sentiu-se totalmente encorajada.

- Eu só queria que você soubesse com antecedência da minha decisão. É importante para mim que fique tudo esclarecido. Agora que me apoia, vou ligar para casa e dar a notícia do meu retorno ao Brasil.

- Faça isso sim, Luisa. – Ayla levantou-se de sua cadeira e colocou as alças da bolsa no ombro. – Podemos almoçar?

- Acho que agora que coloquei toda a angústia para fora, eu aceito – sorriu.

Quando Luisa voltou, no final da tarde, para o apartamento de Olívia, foi recebida pelo cheiro doce de bolo de chocolate, e seu estômago revirou um pouco. Devido à ansiedade dos novos projetos, não conseguiu comer muita comida no almoço com Ayla. Naquele horário, sua fome estava mais presente, ou era mesmo um desejo por doces, por algo que remetia à sua infância, sentada na mesa lanchando com os irmãos, em casa. Um dos poucos

momentos de paz entre os três.

– Oi, Lisa. Andei aprontando hoje – confessou Olívia, assim que a amiga colocou os pés na cozinha. – Você terá que consumir essas calorias comigo, topa?

– Bem, você está falando com a pessoa certa. Posso pular fácil qualquer refeição por um pedaço grande de sobremesa.

– Eu acho que eu também – denunciou a dona da casa, lambuzando-se com a calda quente que restara na panela.

Luisa pegou dois pratos pequenos de sobremesa, fatiou um pedaço generoso para cada uma e começou a comer.

– Hoje eu tive uma conversa séria com a Ayla e tomei uma decisão importante.

Olívia arqueou a sobrancelha e largou a panela. Já conhecia perfeitamente a amiga para saber que ela sofria por algo. Luisa era tão fechada no início da amizade que parecia quase impossível tirar qualquer sentimento dela. As conversas tendiam para assuntos corriqueiros beirando o superficial, relembrou Olívia. No entanto, ela soube respeitar o tempo de Luisa e a confiança veio em ocasiões de dificuldade, como na adaptação do estágio na Universidade.

– Lisa, você quer me dizer algo, então diga sem rodeios. Conversa séria. – Respirou fundo. – Não estou gostando disso.

– Depois eu que sou a dramática da casa.

As duas caíram na risada.

– Estou na T.P.M., alertou Olívia. Já me viu devorando tanto doce assim no dia-a-dia?

– Nunca.

– E a conversa...?

Luisa engoliu em seco.

– Vou voltar para o Brasil no final do mês. Meu estágio acaba, e eu acho que é o momento de me acertar de vez em casa, sabe? Sinto que a minha mãe está naquele momento mais frágil, beirando a exaustão para acertar no convívio com os meus irmãos.

– Sim, eu entendo. A vida é mesmo assim, nada é imóvel. Tudo flui como ondas. Hoje estamos juntas, para o futuro nada é certo e essa é a beleza de viver o momento presente com tanta intensidade.

– Você vai me visitar no Brasil? – choramingou Luisa, empurrando o prato de sobremesa vazio para longe de si.

– É claro que sim. Nas férias da Universidade. Coloco a mochila nas costas e vou, rapidinho. – Os olhos de Olívia encheram de lágrimas. – Mas sentirei muito a sua falta.

– Eu também, Oli.

Olívia a abraçou um tempo, antes de falar novamente:

– Tem mais uma coisa, querida amiga. Quando você se reconcilia com o feminino através do perdão, o medo deixa de ter poder sobre você. Sua missão de superação foi cumprida por aqui – ela continuou. – Agora é fazer o retorno tranquilo para casa, para o seu âmbito familiar.

– Você abriu os meus olhos para que eu pudesse perceber tudo isso. Ressignifiquei as minhas crenças. Serei eternamente grata a você.

– Eu a incentivei a cultivar o silêncio. A meditação é que tem o papel de expandir o estado de consciência do seu praticante.

– Vamos fazer isso que você falou. Curtir ao máximo a companhia uma da outra antes do meu embarque.

– Que tal almoçarmos sábado no seu restaurante preferido?

– Eu quero – respondeu saudosa. – Sentirei falta desses temperos aromáticos da Turquia. Um sabor inigualável que guardarei para sempre na memória. Aliás, toda essa experiência daqui eu guardarei na memória com carinho. – Percebeu que transitava novamente no ciclo de mudança, suas caixas de livros e poucos pertences retirados recentemente da casa de Kadir

ainda permaneciam lacrados no canto da sala em que estavam. Nem seria necessário abri-las, pois logo despacharia tudo para o Brasil.

– Nossa amizade será para sempre.

– Para sempre – afirmou Luisa emocionada.

Se antes os raios de sol entravam pela janela do apartamento de Olívia ampliando a luz natural da sala, agora ele irradiava calor e promovia conforto. Era assim que Luisa enxergava os benefícios desse grande astro, uma bola de fogo alaranjada que transbordava beleza na paisagem de Istambul.

CAPÍTULO 18

Deixar Istambul depois de quase dois anos morando na cidade não foi fácil para Luisa. Ela achou estranho como as coisas aconteceram. Primeiro, relutou para se adaptar e aceitar aquele novo país como seu lar. Kadir soube mostrar o que a cidade tinha de melhor, além de ter transmitido o amor para que ela ganhasse confiança em si. Exercera um papel importante em todo o processo de mudanças internas e na percepção de suas prioridades. Luisa lamentou profundamente que o noivado não tivesse funcionado, como se o trem saísse do seu trilho por um período. Talvez aquele destino não tivesse mesmo sido traçado para ela.

Agora que estava dentro do avião sobrevoando as terras turcas, seu coração apertou dentro do peito. Sentiria saudade de muitas pessoas que se tornaram seus grandes amigos nas mais variadas situações. Dentro da Universidade, sua chefe e as colegas de trabalho; a atendente da sua loja preferida de chá; o dono do restaurante que frequentou inúmeras vezes com Olívia. Distanciar-se da própria Olívia provocaria um vazio sem fim, contudo teria que aceitar que não conseguiria correr para os braços dela sempre que precisasse de auxílio. Todos eles passaram por um período em sua vida, mas ela tinha certeza de que não seriam esquecidos por nada. Cada um remetia a lembranças alegres, cada pessoa trouxera consigo um mundo de ensinamentos compartilhados com ela.

No momento, ela entrava em uma nova adaptação, de dividir seu espaço com mais três pessoas, equilibrando o clima quente do convívio e de seu país tropical. O que mais a acalentava era ter alguns novos projetos em mente, e o primeiro deles já estava em execução. Não queria perder a coragem que a fez marcar a passagem com escala na Espanha. Voltar ao Brasil tinha sido uma difícil decisão, mas estava certa desse retorno. O frio na barriga que sentia naquele momento e que vinha lhe provocando nervosismo tinha nome, e ela sabia muito bem soletrá-lo. Théo.

Luisa havia se informado de todas as coordenadas da próxima regata oceânica mais conhecida e mais importante do mundo: a Volvo Ocean Race.

Era realizada de quatro em quatro anos.

Como sabia que a equipe de Théo estava inscrita, resolveu aparecer para conversar com ele. Surpreendê-lo talvez fosse uma boa estratégia – pensou. Isso seria uma atitude típica dele e não dela, mas estava disposta a vencer as antigas barreiras e modificar a sua postura diante das situações.

Nunca estivera em Alicante. Então, parar por algumas horas na cidade seria uma excelente possibilidade de reencontrar Théo e também uma estratégia de se ajustar emocionalmente antes de ser inserida no redemoinho no qual sua família se encontrava.

A vila da regata tinha sido aberta oficialmente ao público no dia anterior para que os visitantes pudessem receber os veleiros que chegassem. O lugar possuía uma infraestrutura muito boa para as equipes participantes, dotada de apoios institucionais que impulsionavam o sucesso do evento. Uma base perfeita para que todos pudessem se preparar para o início da jornada.

Luisa estacionou o carro alugado e caminhou despreocupada pelo píer da vila. O vento morno bateu em seu rosto, provocando uma sensação agradável. O cheiro da maresia transportou-a para as férias em família, na casa de alguns parentes do seu lado paterno. Sempre ouvira dos pais que sua primeira visita à praia tinha sido prematura, com apenas um mês de idade. Sua mãe a amamentava na sombra das árvores, na tentativa de gerar um vínculo entre elas e a natureza. Refletiu um pouco sobre aquela situação que lhe fora relatada tantas vezes como uma aventura de um casal jovem e inexperiente. Aquela lembrança a fez imaginar o dia em que ela mesma fosse mãe. Qual postura adotaria para educar os seus filhos?

Em passos propositalmente lentos, conseguiu analisar os detalhes minuciosos de cada vela do concorrente. Team Munzzer era a penúltima vela posicionada no píer. Ela reconheceu a marca ao longe pela tonalidade do verde. A cor serviu como uma preciosa dica em meio a tantas outras que se agitavam ao vento.

Ficou parada em frente ao seu objetivo sem saber o que fazer e logo conseguiu chamar a atenção da equipe que trabalhava com afinco.

– Oi, Théo.

– Lisa! – A voz dele era apenas um sussurro ao pronunciar o nome dela. Ele realmente tinha sido pego de surpresa. Dobrou o mapa que analisava e deixou-o guardado em segurança.

Em seguida, desceu para o píer e aproximou-se para beijá-la no rosto.

– Que surpresa boa você por aqui.

– Gosto de fazer surpresas – anunciou Luisa com um sorriso contagiante. Agora que estava diante dele, parecia que a sua confiança de outrora havia escorrido pelo ralo. Enquanto dirigia do aeroporto de Alicante até a vila, treinou inúmeras vezes, com os olhos fixos no espelho dianteiro, o que diria a ele. Palavra por palavra, reorganizando a frase para parecer um projeto aceitável, uma atitude adulta ou ao menos digna de sua idade. A última coisa que queria era que Théo pensasse que ela era louca, com atitudes impetuosas.

– A competição começa amanhã – ele anunciou extasiado.

– Eu sei, Théo. Você é o capitão da equipe. Tenho acompanhado o seu trabalho pelas redes sociais – declarou sem demora, consciente que deixaria claro que se interessava pela vida dele, mesmo a distância. – Estou feliz com a sua conquista.

Ele piscou algumas vezes e deitou a cabeça para um dos lados.

– Foi você, não foi?

– O quê?

– Que conseguiu o patrocinador para a Team Munzzer?

Ela sorriu confirmando.

– Você merece, é um vencedor. Eu apenas fui o elo entre uma empresa que se orgulha de investir na saúde e no bem-estar por meio do esporte. O resto foi mérito de Ayla e de seus contatos influentes.

– Seus cabelos continuam reluzentes como eu me lembrava. – Ele se aproximou mais dela e separou uma mecha em seus dedos, parecendo querer trançá-las, mas apenas sentiu a maciez. Correu o dedo nos lábios de Lisa como se os tivesse desenhando com atenção. – Senti muito a sua falta, linda.

Luisa estremeceu por inteiro.

– Eu também, Théo. Uma saudade que dói demais no peito, por isso eu quis vir aqui. Eu tinha que tomar uma atitude. Estou buscando a minha cura, de uma vez por todas.

– Cura? – ele questionou sem entender.

– O despertar do amor próprio é essencial em qualquer processo de cura. Entendi que tenho que ficar sozinha por um tempo, para me conhecer primeiro.

– É, parece que estou no mesmo processo – concordou na sequência. – Será que nove meses são suficientes para essa cura?

Ela continuou olhando para ele, seus olhos verdes arregalados.

– Não sei.

– O campeonato termina em nove meses. Posso lhe procurar quando chegar?

– Sim, claro – consentiu. – Estou voltando ao Brasil ainda hoje. Minha família está precisando de mim nesse momento.

Ele queria poder conversar com ela num lugar mais privado, então arriscou.

– Você tem um tempo? Toma um café comigo?

– Tempo? – Luisa soltou uma risada gostosa, a mais descontraída até aquele reencontro. – Estou desempregada e de férias, Théo.

– Parece que a garota mais inteligente da turma da escola continua muito esperta mesmo na fase adulta. Eu admiro você – ele disse com sinceridade, envolvendo-a em seus braços. – Vamos? Conseguiremos um café ali na frente.

A caminhada até a cafeteria foi lenta e prazerosa. Eles queriam usufruir aquele contato físico o quanto fosse possível. Parecia um ato descompromissado, no entanto o coração acelerado de ambos denunciava fortes sentimentos.

Entrando no estabelecimento, Théo comprou dois cafés expressos e eles se acomodaram em uma mesa pequena. O ambiente estava vazio e silencioso.

– Quais são as chances reais de uma vitória? – Luisa voltou ao diálogo, adicionando gotas de adoçante à sua bebida.

– Essa é uma competição que não perdoa os erros, em que vivenciamos condições extremas. A única maneira de ganhar é navegar com mais tenacidade e inteligência do que meus adversários. Tudo pode acontecer nos próximos meses.

– Desejo-lhe boa sorte. – Ela se inclinou na mesa e beijou-o no cantinho da boca para provocá-lo. Lembrou-se da brincadeira carinhosa deles, do cheiro, da alegria de estar ao lado do seu passado.

– Obrigado pela ajuda. – Théo segurou as mãos dela entre as dele, acariciando os dedos e as palmas da mão. Sua fisionomia era serena, de pura felicidade. – Terei mais garra se você me garantir que jantaremos juntos para celebrarmos a vida no meu retorno.

Ela abriu um sorriso.

– Combinado. Será um prazer – sibilou Luisa, com uma expressão sonhadora no rosto.

Ficaram em silêncio por um tempo, fingindo prestar atenção às notícias anunciadas na televisão ligada no canto da cafeteria. O toque dele era macio e provocava um desejo maior em seu corpo. Recolheu as mãos na expectativa de frear os seus instintos carnis e de buscar outra atividade para elas. Alisou o cabelo algumas vezes procurando ajeitá-lo de lado. Théo permitiu-se apenas observá-la.

– Cem reais para saber os seus pensamentos – ele a provocou.

– Hum, eu só estava me lembrando de nós dois no colégio. Você me dava um trabalho enorme para afastar as garotas. Sou ciumenta, você sabe.

Ele riu.

– Eu demoro a decidir, sou um pouco lento para decisões que podem mudar a minha vida. Hoje eu sei o que quero – pronunciou, denunciando seus

anseios e olhando fundo nos olhos de Luisa. Provocou um breve silêncio antes de dizer. – Amo você de verdade.

– Acho que estamos em sintonia, Théo. Totalmente conectados, mesmo que não estejamos juntos fisicamente.

– Também acredito nisso. Eu te amo – ele repetiu, só para ter certeza de que ela guardaria aquela informação.

Ela se controlou para não pular no pescoço dele, como gostaria. Tinha acabado de ouvir a melhor música de sua vida.

– Eu também te amo, Théo. Muito. De uma maneira absurda. – Luisa fechou os olhos por alguns segundos e quando os abriu de novo, eles estavam cheios de lágrimas. Agora ela não se importava de mostrar seus sentimentos. Sentia-se plena. – Conversaremos melhor na sua volta.

– Eu vou cobrar esta conversa, pode apostar.

– Eu preciso ir – ela anunciou, finalizando o café com um último gole e enxugando as lágrimas com a manga da blusa. – Não quero perder o horário, meu voo sai hoje à noite.

Tudo aquilo era uma desculpa e Théo sabia ler os gestos ansiosos do corpo dela, só não queria pressioná-la.

– Tudo bem. Eu entendo – disse ele. – Compreendia que teriam que lidar com a distância por alguns meses, mas ao menos resgatara a esperança dessa relação mal conduzida na adolescência. – Gostei muito da sua visita.

Os dois se levantaram da mesa e seguiram até a porta. Dois homens cruzaram com eles, e Théo os cumprimentou com um breve aceno. Assim que saíram do café, ela disse:

– Tchau, Théo. – Abraçou-o com força, tentando levar consigo esperança de um futuro juntos. Continuaría a senti-lo mesmo do outro lado do oceano.

Nem mesmo havia se afastado por completo e ele a puxou para perto novamente. Deslizou sua barba macia algumas vezes no rosto dela para acariciá-la e começou a arfar de desejo. Ah, desse jeito eu não resisto! – pensou Luisa.

O beijo aconteceu ali mesmo, em frente à cafeteria, no meio da tarde. O beijo dele tinha um gosto fabuloso. Como café com chocolate, apreciados na sobremesa, como sorvete de frutas na beira de uma praia ensolarada. Remetia a todas as coisas boas que Luisa gostava na vida. Poderia imaginá-lo tirando a sua roupa, tocando a sua pele nua e sussurrando frases de prazer em seu ouvido. Tê-lo ao vivo e em cores era sempre muito melhor do que estarem juntos virtualmente. A vivacidade do beijo provocava arrepios gostosos em seu corpo. Uma mistura de relaxamento e poderosas descargas elétricas de ocitocina. Guardaria aquela sensação perfeita em sua memória para usá-la todas as noites como aconchego.

Ele mordeu com suavidade o lábio inferior dela e a encarou de uma forma intensa após soltá-la. Se continuassem naquele ritmo desenfreado, os limites seriam ultrapassados.

– Até breve, querida Lisa – despediu-se.

Depois de vivenciar o calor dos corpos juntos, decidiu afastar-se de uma vez – do contrário não saberia como agir em público com ele tão próximo dela. Ofereceu o seu último sorriso e saiu, satisfeita com o resultado da conversa. O nó na garganta de coisas que não tinham sido ditas começou a se dissolver. Ela não tinha mais medo de se expor e de demonstrar os seus sentimentos.

Parecia que seu penoso embate caminhava definitivamente para o fim. Uma voz interna imperava com força em seus ouvidos, uma voz que nunca havia sido escutada, ou ao menos ela não se permitia ser guiada por essa poderosa intuição. Lembrou-se do seu próximo destino e imaginou que a mãe deveria estar feliz, ocupando-se de arrumar o quarto para ela, mas em contrapartida não sabia como seria recebida pelos irmãos. Nem mesmo tinha certeza se sua moradia seria ali no mesmo teto. Tudo o que sabia era que estava em paz, pronta para retornar.

Enquanto caminhava até o carro, analisou que seu coração ainda palpitava com grande intensidade ao afastar-se de Théo, mas estava mais leve. Sua consciência ampliara-se por completo, como um perfeito salto quântico. Havia recebido uma preciosa chave para a verdadeira felicidade, e a porta só poderia ser aberta por completo se ela, Luisa Freire, quisesse abrir.

AGRADECIMENTOS

Aos meus leitores beta, Wilse de Lima Rago e Márcio Luiz de Campos Marques, uma palavra forte e sincera: gratidão. Pela dedicação de horas de leitura e de incentivo constante de vocês.

Agradeço a Margareth Brusarosco, por se envolver tão intensamente com os meus personagens, assim como eu. Nossa sintonia flui leve como a seda, e sua sensibilidade permitiu que este trabalho evoluísse e fosse aprimorado.

Aos meus pais e meus irmãos sou grata pelo apoio e por acreditarem sempre nos meus sonhos. E também ao meu marido e companheiro de viagens, Ricardo Francia, você me complementa e me inspira intensamente.

À minha querida filha Julia, envio-lhe beijos e abraços carinhosos.

NOTA DA AUTORA

Em 2013 visitei Istambul, juntamente com o meu marido, para comemorarmos bodas de casamento. Escolhemos a Turquia por se tratar de um lugar exótico e logo de início fui surpreendida pela beleza, pelos encantos e pela magia.

Minha inspiração para escrever um romance naquela cidade veio ainda no primeiro dia. Fui tomada por uma euforia indescritível, de arrepiar o corpo todo. Tive muita sorte de conhecer a cidade sob os olhos da Cláudia Démasi Benbassat, guia oficial diplomada pelo Ministério de Turismo da Turquia. Naquela ocasião, ela tinha sido uma fantástica guia, tanto que tempos depois, com mais um toque de sorte e ajuda Divina, eu precisava de uma correspondente para minhas pesquisas de campo, e qual nome me foi indicado por uma amiga? Sim, meus leitores queridos, com tantas possibilidades disponíveis, o contato que recebi foi o da Cláudia. Achei incrível essa sincronicidade.

Senti que na viagem de Istambul tudo fluiu naturalmente e, claro, muitas aventuras aconteceram para recheiar os meus álbuns. Em certa ocasião, quando por alguns segundos ficamos na mão por motivo de não compreender a língua, fomos salvos no tram por um turco atencioso chamado Kadir. Ele falava inglês, havia morado no Brasil e pôde nos orientar. Em homenagem ao ato de querer ajudar o próximo, meu personagem ganhou o mesmo nome.

Espero que sintam as boas vibrações de amor deste livro dentro do coração de vocês.

Conheça também os outros livros da autora

Sinopse: Quatro Estações

Após terminar um casamento desastroso de dois anos, Isabelle Fantini toma uma importante decisão em sua vida, aceita o cargo de Relações Públicas em uma rede internacional de hotéis e muda-se para Paris.

Em pouco tempo morando no hotel Les Lits Paris, ela se adapta a rotina e conhece pessoas que lhe darão suporte para enfrentar os desafios inevitáveis do cotidiano. Sua fiel amiga brasileira lhe faz uma visita para dar um ânimo extra com a sua alegria contagiante, no entanto as duas não se ocupam somente com as compras em lojas deslumbrantes porque um fato novo na vida de Clara muda totalmente o foco da viagem.

Isabelle é uma mulher curiosa, dotada de uma generosidade sem tamanho. Ao conhecer um pouco da vida de alguns hóspedes, ela descobre segredos bem guardados e, com a ajuda de Christopher, desvendam um mistério ocorrido dentro do hotel.

Essa é uma história de romance e superação. Quando tudo parecia estar perdido na vida de Isabelle, o destino a surpreende de uma maneira formidável.

Faça uma viagem através da cidade mais romântica do mundo. O clima é mágico e inspira prazer nas quatro estações do ano.

Sinopse: O Vestido de Época

O amor e o ódio trabalham lado a lado preenchendo esse romance de segredos e prazeres.

Isabelle Fantini vive com o marido, Christopher Harner e a filha Julia em um pequeno castelo transformado em hotel de charme, no interior da Inglaterra. Surpresas e superações estão por vir quando Isabelle descobre um verdadeiro tesouro abandonado no sótão.

Era o ano de 1919, Bertbury Park sofria com as consequências do pós Primeira Guerra e o conde Philippe Powell resiste com afinho para sobreviver. Ele recebe o importante apoio de sua esposa, a condessa Sophie Powell, enquanto seus dois filhos, Charlize e Daniel, promovem uma briga acirrada pelo poder. O andar de baixo dessa mesma propriedade fervilha sentimentos conturbados, intrigas e até mesmo um amor verdadeiro brota entre os criados.

O romance dá continuidade ao livro Quatro Estações, O Vestido de Época narra em detalhes o presente e o passado da família Harner.